

# jovens Urbanos

**SISTEMATIZAÇÃO DE  
UMA METODOLOGIA**

Coordenação Técnica:



Iniciativa:





# Jovens Urbanos

**SISTEMATIZAÇÃO DE UMA METODOLOGIA**

Coordenação Técnica:



Iniciativa:



### **INICIATIVA**

Fundação Itaú Social

### **Vice-presidente**

Antonio Jacinto Matias

### **Superintendente**

Ana Beatriz Patrício

### **Coordenação do Programa**

Isabel Cristina Santana  
Camila Feldberg Macedo Pinto

### **Coordenação Técnica**

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,  
Cultura e Ação Comunitária – Cenpec

### **Presidência**

Maria Alice Setubal

### **Coordenação**

Maria do Carmo Brant de Carvalho

### **Coordenadora da Área Educação e Comunidade**

Maria Júlia Azevedo Gouveia

### **CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO**

#### **Coordenação**

Wagner Antonio Santos

#### **Autoria**

Aline Andrade  
Cley Scholz  
Maria do Carmo Brant de Carvalho  
Maria Julia Azevedo Gouveia

#### **Edição**

Cley Scholz  
Maria Julia Azevedo Gouveia

#### **Leitura crítica**

Camila Feldberg Macedo Pinto  
Helena Faro Corrêa  
Isabel Cristina Santana  
Jordi Novas Fernández  
Maria Brant  
Wagner Antonio Santos

#### **Preparação e revisão de textos**

Aline Andrade  
Carlos Eduardo Silveira Matos

#### **Projeto gráfico e diagramação**

Fonte Design

#### **Ilustrações**

Fonte Design  
Estúdio Cachola  
Carolina Caramuru

#### **Fotos**

Acervo Programa Jovens Urbanos - Cenpec  
Gilberto Tomé



jovens Urbanos



# APRESENTAÇÃO

A juventude é sempre um momento de invenção de jeitos de viver. A Fundação Itaú Social tem o compromisso de reconhecer as culturas juvenis produzidas essencialmente no presente. Com a finalidade de afirmar esse compromisso define a juventude como uma de suas prioridades de ação.

Para enfrentar o desafio de desenhar um programa para jovens a Fundação Itaú Social estabeleceu uma parceria técnica com o Cenpec, que resultou na implementação do Programa Jovens Urbanos.

Com esta publicação buscamos compartilhar uma metodologia de trabalho social com jovens construída a partir da ação realizada nas periferias de São Paulo e Rio de Janeiro.

As referências teóricas e justificativas da experiência são aqui relatadas como proposta aberta a todas as instituições envolvidas ou interessadas em participar de programas para jovens urbanos brasileiros em situação socialmente vulnerável.


Com isso pretendemos contribuir para a afirmação e avanço de políticas públicas para a juventude, com a certeza de que investir em educação é a melhor forma de melhorar a perspectiva de vida e assegurar o futuro do jovem e da humanidade.

*Antonio Matias*

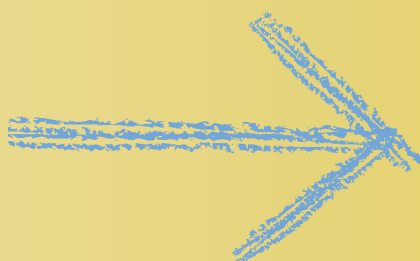
*Maria Alice Setubal*



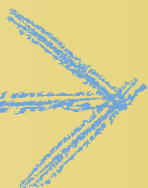
# PROGRAMA JOVENS URBANOS




**Formação de jovens de 16 a 21 anos das periferias das metrópoles brasileiras.**



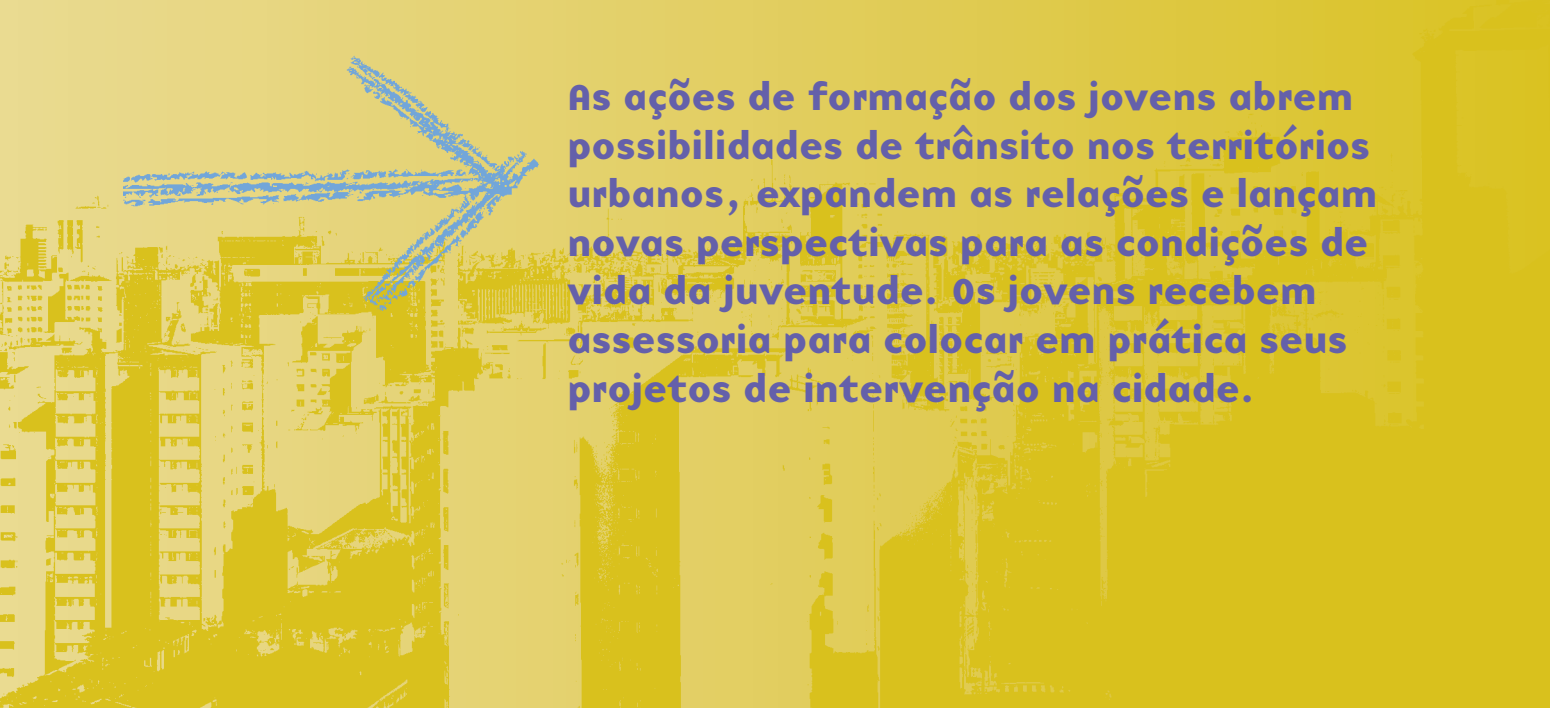
**O Programa Jovens Urbanos se apresenta como proposta ao amplo desafio contemporâneo de trabalho social com juventude nas regiões metropolitanas.**



**Trata-se de um programa-rede que enlaça a vida na cidade, a escolaridade, a cultura e a tecnologia por meio de pesquisa, exploração, experimentação, circulação e produção.**



**As ações de formação dos jovens abrem possibilidades de trânsito nos territórios urbanos, expandem as relações e lançam novas perspectivas para as condições de vida da juventude. Os jovens recebem assessoria para colocar em prática seus projetos de intervenção na cidade.**





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jovens urbanos – sistematização de uma metodologia /  
coordenação Wagner Antonio Santos. – São Paulo:  
CENPEC, 2008.

Vários autores.

Aline Andrade, Cley Scholz, Maria do Carmo Brant  
de Carvalho, Maria Julia Azevedo Gouveia

1 CD ROM

Iniciativa: Fundação Itaú

ISBN 978-85-85786-78-5

1. Metodologia de programas de ação social
2. Educação de Jovens
3. Santos, Wagner Antonio

08-10439

CDD – 361.32

Índices para catálogo sistemático:

1. Metodologia de programas de ação social : Educação de Jovens : Problemas sociais 361.32
2. Metodologia de programas de ação social : Projeto Social : Problemas sociais 361.32

# SUMÁRIO

- As circunstâncias de vida das juventudes urbanas 10
- Crenças e valores do Programa Jovens Urbanos 14
- A proposta do Programa Jovens Urbanos 20
- Passo a passo implementação Programa Jovens Urbanos 29
  - Ações preparatórias 32
  - Execução do Programa 42
  - Acompanhamento dos projetos de intervenção 70
  - Monitoramento 74
- Referências bibliográficas 79



# AS CIRCUNSTÂNCIAS DE VIDA DAS JUVENTUDES URBANAS

No intenso movimento de **urbanização** mundial, grande parte da população atual tem como habitat as cidades – entre essa população encontram-se os grupos juvenis.

**D**e um modo geral, o movimento de urbanização reorganiza a espacialidade das grandes metrópoles, fazendo com que a noção de centro-periferia ceda lugar à multiplicação de zonas de comércio, residenciais, informacionais, tecnológicas, culturais, industriais, de serviços etc., exigindo a criação de novas estratégias de circulação e de acesso das populações ao complexo citadino.

No Brasil observamos não só a concentração de juventudes vivendo e organizando suas vidas nas cidades, como também um período histórico inédito de ascensão demográfica da população juvenil em relação a outros grupos etários.

A juventude, no conceito moderno, não é apenas uma faixa etária e nem expressão subjetiva de um estilo de vida. Ela está compreendida numa larga fase de vida em que as pessoas estão em processo de formação e busca de perspectivas de estabilidade e autonomia para o futuro. É a fase de mais energia e potencial. Em uma situação de transição para a vida adulta, o jovem do século XXI se depara com uma realidade onde há poucas oportunidades de escolha.

Por representarem um grupo majoritário na pirâmide etária brasileira a juventude é alvo na atualidade de políticas de identidade acionadas por várias forças sociais (mídias, mercados de produtos, mercados culturais etc.).

- Os jovens entre 15 e 24 anos somam 34 milhões, o que representa um quinto da população brasileira (IBGE, 2006).

O acesso aos fluxos informacionais entre os jovens brasileiros dá-se, sobremaneira, pela via da televisão, sendo que a maioria vê-se isolada de outras redes de comunicação. Pela via da televisão as informações acessadas pelos jovens adquirem o caráter de *indiferenciadas*. A *indiferenciação* das informações sobrevém da fragmentação, condensação e velocidade com que, no geral, as informações são veiculadas no formato televisivo.

Em relação à capacidade de ingresso dos jovens em outras formas de sociabilidade e relações em ação no ambiente urbano, as possibilidades para as juventudes pobres vêm-se bastante diminuídas, por não terem acesso a serviços públicos e a recursos materiais e simbólicos que *sustentem* o deslocamento a diferentes lugares da cidade.

Sem dúvida, as desigualdades socioeconômicas persistentes na sociedade brasileira justificam em grande parte as restrições de mobilização de jovens. Mas não só! Se levarmos em consideração o recorte de gênero, verificamos um outro campo de restrições, agora ligado especificamente à condição feminina. Por esse critério, jovens mulheres teriam mobilidades muito mais constrangidas do que jovens do sexo masculino.

A inexistência de serviços públicos de qualidade, particularmente de transportes coletivos eficientes e de locais públicos livres para circulação (em lugares não muito distantes de seus bairros) é um exemplo de força atuante na restrição dos deslocamentos juvenis. No entanto, práticas segregacionistas que agem na maioria das metrópoles mostram-se como a força mais brutal no confinamento das juventudes pobres, moradoras de bairros *ligados* socialmente a contextos de violência. Os efeitos imediatos da segregação podem ser

**Espaços interditados são espaços planejados para interceptar, repelir ou filtrar os usuários potenciais. Explicitamente o propósito dos espaços interditados é dividir, segregar e excluir – e não construir pontes, passagens acessíveis e locais de encontro, facilitar a comunicação ou, de alguma outra forma, aproximar os habitantes da cidade.**

*(Bauman, 2004, p. 130)*



percebidos no fato de jovens *assimilados ao perfil "mordador de bairro violento"*, serem reiteradamente preteridos quando pleiteiam ingresso em instituições de trabalho, além de serem alvo, em outras instituições, de discriminação, desconfiança e temor ao revelarem seus locais de residência.

Recaem sobre os jovens, especialmente os pobres e negros, os preconceitos mais perversos: violentos, desordeiros, indolentes, desqualificados, drogados, entre outros. Afirmam-se e reproduzem-se com tudo isso identidades negativas, corroboradas por estatísticas sobre desemprego, gravidez precoce, evasão ou baixo desempenho escolar, criminalidade, uso e tráfico de drogas, causa de óbitos, entre outras que afetam em maior proporção os jovens.

Neste contexto, fato importante que ocorreu recentemente (2005) é o reconhecimento pelo Estado brasileiro da Juventude como grupo social merecedor de investimento e como problemática, alcançando dessa forma a condição de objeto de políticas públicas específicas. A criação da Secretaria Nacional da Juventude<sup>1</sup>, pelo governo federal, é um demonstrativo desse reconhecimento.

Verifica-se, com tudo isso, pouco acúmulo de conhecimentos e experiências de intervenção social no campo das juventudes que reconheçam, por um lado, a complexidade das demandas atuais dos jovens e, por outro lado, o seu potencial protagonista, na construção de suas histórias de vida e na vida social dos territórios aos quais estão vinculados a partir da expressão e afirmação de modos de vida mais criativos e do que consideram bom para si, para seus grupos de pertença e para os territórios que habitam.

Cabe, portanto, compreender a juventude como ponto de intersecção de dois eixos:

- a. como momento bastante significativo na história de vida pessoal;
- b. como agente cultural e social que pode interferir na história dos territórios em que vive ou viverá.

1 A Política Nacional de Juventude foi instituída por Medida Provisória n.º 238 assinada pelo Presidente da República em 1º de fevereiro de 2005, já aprovada pelo Congresso Nacional e transformada em Lei. No mesmo ato, o Presidente criou o Conselho Nacional de Juventude e a Secretaria Nacional de Juventude, vinculados à estrutura da Secretaria-Geral da Presidência da República.



## O DESAFIO DE MELHORAR A EDUCAÇÃO

A preocupação com o jovem brasileiro de hoje vem da encruzilhada em que ele se encontra: de um lado a escola não o atrai, e de outro o mercado de trabalho o rejeita. A conjugação de escolaridade baixa e desemprego elevado é uma equação difícil de ser resolvida, já que o complexo mercado de trabalho do mundo globalizado busca profissionais cada vez mais qualificados.

Dados referentes à escolaridade dos jovens sinalizam para um grave déficit:

- Dos 34 milhões de jovens brasileiros, apenas 16,2 milhões encontram-se nos bancos escolares, o que corresponde a menos da metade do total desse grupo etário.
- A maior parte dos jovens que não concluíram o ensino fundamental está nas cidades, onde o acesso à escola deveria ser mais fácil. São 6,4 milhões de jovens urbanos nessa situação. Os outros 2,6 milhões estão em zona rural. Na outra ponta, apenas 12,4% dos jovens de 18 a 24 anos – cerca de 4,5 milhões – cursam ensino superior, nível de escolaridade em que deveriam estar.

- Aproximadamente 7 milhões de brasileiros entre 18 e 24 anos não estudam nem trabalham, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD. São jovens que têm dificuldade de encontrar emprego porque não têm escolaridade mínima, mas também não estudam mais porque a idade os empurra para o mercado de trabalho. O total de jovens com baixa escolaridade é de 12,2 milhões - 47,9% da população nessa faixa etária.
- A taxa de matrícula no ensino médio dos jovens entre 15 e 17 anos é de apenas 48,2%. Isso significa que 51,8% estão fora da escola ou atrasados, ainda cursando o ensino fundamental, ou seja, uma parcela significativa, embora estudando, enfrenta o drama da defasagem escolar (IBGE/PNAD, 2006).

Entre as populações que sobrevivem em condições socialmente vulneráveis, os jovens são mais suscetíveis a situações de risco do que a média da população. A elevada taxa de desemprego entre os jovens no Brasil, bem como o grau acentuado de violência, agressões e óbitos, são características da gravidade da situação desses brasileiros.

Atualmente o País tem 24,2 milhões de jovens com idade entre 18 e 24 anos (IBGE – 2006). Os números referentes ao desemprego nessa faixa etária são estarecedores: 46,6% dos desempregados brasileiros são jovens, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea. A proporção é 3,5 vezes maior que a observada entre os adultos, e os dados mostram que a tendência se agrava com o tempo: em 1995, a proporção não chegava a três vezes, segundo o Ipea.

O problema do desemprego entre os jovens é uma preocupação atual em vários países do mundo, mesmo entre os mais desenvolvidos, mas a taxa brasileira de 46,6% está muito acima da média. Ela supera a do México (40,4%), Argentina (39,6%), Reino Unido (38,6), Suécia (33,3%), Estados Unidos (33,2%), Itália (25,9%), Espanha (25,6%), França (22,1%) e Alemanha (16,3%). No mundo inteiro a preocupação desperta a atenção, motivando iniciativas como os “Objetivos de Desenvolvimento do Milênio”, que levaram a Organização Internacional do Trabalho – OIT a lançar a Rede de Empregos para Jovens.

O cenário torna-se perverso: cada vez mais, aqueles que não avançam na formação escolar ficam para trás na corrida pelo emprego. A ineficácia dos programas oficiais de formação ou de incentivo ao ingresso do jovem no mercado de trabalho agrava o problema. Não há mostras de resultados animadores nas alternativas buscadas nesses últimos anos pelo governo nas políticas de formação profissional, incentivo a contratações e soluções normativas.

Este quadro demanda que a relação entre juventude, trabalho e educação seja acompanhada e investigada com atenção. É necessário reconhecer a complexidade de tal relação frente os desafios e problemáticas das juventudes contemporâneas. Em um dos estudos realizados sobre o tema, a pesquisadora Mary Garcia Castro (2003) observa:

*“A busca por trabalho é prioritária para os jovens pobres, e, em algumas entrevistas com jovens que estudam e não trabalham percebe-se que, se aparecer uma oportunidade de trabalho, o estudo é abandonado mesmo que seja um trabalho de ganhos imediatos, sem perspectiva de longo prazo”.*

Em tais condições, os programas tradicionais de qualificação profissional encontram sérias limitações. Nesse contexto o modelo de intervenção convencional tem um efeito de retardar o problema, ao retirar temporariamente o jovem da condição de quem procura e não encontra trabalho.

Deparamos assim com um quadro em que a educação formal, formação profissional e programas de capacitação e inserção no trabalho configuram circuitos desarticulados que não complementam suas funções e recursos, não configurando um sistema.

Coloca-se o desafio de desenhar uma estratégia que permita configurar circuitos formativos inclusivos e com maior flexibilidade, projetando sistemas educativos de qualidade.



# CRENÇAS E VALORES DO PROGRAMA JOVENS URBANOS

OS JOVENS COMPÕEM DIVERSOS GRUPOS – JUVENTUDES

*Grupos caracterizados por suas condições de vida, seus interesses e escolhas.*

Os modos de **experimentar** condições e estados de juventude não são vividos da mesma forma pelos grupos juvenis. Nessa perspectiva, os modos de experimentar a condição de juventude e seus estados não se reduzem a um referente estrutural geral, mas estão implicados com planos culturais dinâmicos e capilares.

**A**ssume-se com essa crença a diferença como valor positivo para o programa. Isso posto, mesmo que as populações jovens sejam incluídas nas categorias de pobres, excluídos, vulneráveis etc, essa categorização não pressupõe uma homogeneização. Sabemos que os jovens que vivem em determinadas condições, que pertencem a determinados grupos (religiosos, políticos, artísticos) desenvolvem aspirações, valores, condutas e comportamentos singulares. Assim é em toda cidade, em toda comunidade e em todo grupo social.

Mas, também é sabido que a juventude das metrópoles que vive em situação de risco e vulnerabilidade social demandam políticas públicas focalizadas, específicas. Contudo, não se pode deixar de considerar que a problemática da juventude é resultado de uma problemática de cidade contemporânea. Portanto, qualquer programa social dirigido à juventude das metrópoles não pode prescindir de olhar para os problemas sociais, políticos, econômicos, enfim para a desigualdade social que atinge as populações das cidades de modo geral.

## REDE DE AÇÕES ARTICULADAS ENTRE VÁRIOS ATORES SOCIAIS

**Atores sociais: órgãos públicos, instituições e organizações da sociedade civil, empresas públicas, empresas privadas, de economia mista, comunidades locais entre outros envolvidos com as problemáticas da juventude.**

Quais crenças e valores justificam o investimento em que esses atores – institucionalizados ou não – que fazem parte de contextos sociais tão distintos, com papéis na dinâmica produtiva da cidade tão variados trabalhem juntos, realizem ações conjugadas, atuem em rede?

Quais crenças e valores sustentam a criação de processos de gestão compartilhada, de instrumentos e procedimentos eficazes para democratizar informações, para dar transparência às ações políticas, técnicas, financeiras do programa?

A crença que sustenta essa aposta é a de que a complexidade do contexto e das demandas juvenis exige a conjugação de saberes e pontos de vista diversos para ampliar o campo de possíveis aos jovens urbanos.

Os valores que se alinham a tal crença, permitindo composições, são a certeza da incompletude de qualquer ação e, portanto a firmeza em compartilhar interesses compondo ações mais legítimas e efetivas. Dessa forma, um programa voltado à juventude exige uma lógica de ação em rede. A realização de ações conjugadas e em rede confere legitimidade, dá suporte técnico e político e agrega capital social<sup>1</sup> às instituições e atores envolvidos.

A lógica de ação em rede, entendida aqui em todas as suas variações, valoriza o programa ao conferir sustentabilidade técnica e legitimidade política.

O complexo urbano, no qual habitam e interagem diferentes segmentos e atores que dinamizam a cidade

<sup>1</sup> Um dos conceitos de capital social, que encontramos nos sociólogos R. Burt, N. Lin e A. Portes, refere-se aos recursos – como, por exemplo, informações, idéias, apoios – que os indivíduos são capazes de procurar em virtude de suas relações com outras pessoas. Esses recursos ('capital') são 'sociais' na medida em que são acessíveis somente dentro e por meio dessas relações, contrariamente ao capital físico (ferramentas, tecnologia) e humano (educação, habilidades), por exemplo, que são, essencialmente, propriedades dos indivíduos. A estrutura de uma determinada rede – quem se relaciona com quem, com que frequência, e em que termos – tem, assim, um papel fundamental no fluxo de recursos através daquela rede. Grootaert & Woolcock (1997, p.25) in COSTA, Rogério, 2005, p.235-48, mar/ago.





com seus conhecimentos e práticas é uma riqueza a ser considerada, explorada, agenciada por programas sociais que tomam a juventude urbana e o complexo citadino como referências principais.

Ao fomentar esse modelo de relação, de parceria, que pressupõe divisão de responsabilidades, abertura às negociações e ao trabalho conjunto, plasticidade para mudanças, inovações e adequações – ao mesmo tempo em que preserva seus fundamentos, o programa afirma seu compromisso ético-político com as cidades e com os jovens.

Assim, ao privilegiar processos realizados em parceria, em co-gestão, o Programa Jovens Urbanos difunde e democratiza conhecimentos e práticas imprescindíveis para que os indivíduos e os grupos possam aprender a criar suas próprias redes, suas próprias parcerias. Não podemos dar as costas à atual interconexão generalizada entre pessoas, grupos e instituições, fator determinante na dinâmica da sociedade atual. A criação de arranjos institucionais, de parcerias, de redes sociais cada vez mais densas e estruturadas pode potencializar/ fortalecer iniciativas públicas que buscam responder aos complexos desafios das metrópoles e ajudar a resolver os graves problemas sociais que atingem a todos que vivem nas grandes cidades.

## **PERTENCIMENTO AO MUNDO PÚBLICO E COMPROMISSO COM O BEM COLETIVO**

Compreender a formação de jovens como meio para fortalecer o sentido de pertencimento ao mundo público e o compromisso com o bem coletivo é abrir a formação das juventudes para questões e problemáticas do contexto histórico presente e para o envolvimento direto de jovens com problemáticas das regiões onde moram, de modo que questões individuais sejam implicadas com a vida urbana.

Essa crença tem a ver com cidadania, uma certa condição política, de sujeito político, que pressupõe direitos e também deveres e responsabilidades.

Nessa perspectiva a ação com jovens abandonaria finalidades e objetivos concentrados em um “ideal remoto de futuro e sujeito” para aspirar produções sociais e transformações subjetivas de jovens no tempo presente de suas vidas. Sintonzar o contexto histórico presente e instalar-se em questões prementes da atualidade são apostas na revitalização da sociedade civil, propiciando que os jovens possam, como integrantes do campo social, ver ampliadas suas possibilidades de formular questões significativas, propor ações relevantes e contribuir para o bem comum.

## **DIREITO À EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE**

Compõe esta perspectiva afirmar o direito de todos e particularmente dos jovens a uma educação pública de qualidade, contemplando em sua lógica de intervenção a busca por soluções viáveis e consistentes que garantam o acesso ou a reinserção, a permanência e o sucesso de aprendizagem dos jovens como uma conquista individual e coletiva, quando consideramos as situações de vulnerabilidade social.

## O DIREITO DOS JOVENS À CIDADE

Um programa social voltado às juventudes urbanas deve investir na inserção dos jovens nos múltiplos espaços e equipamentos que compõem a vida das metrópoles. Práticas de circulação na cidade promovem a expansão de relações juvenis e concretizam o usufruto de direitos de bens simbólicos e materiais que as cidades oferecem.

Mais do que uma ação de viabilidade de circulação, vê-se neste trânsito o reconhecimento e exercício de um direito: o direito à cidade. As juventudes dos grandes centros urbanos do país têm sido cada vez mais segregadas espacialmente, provocando uma crescente produção de guetos nas periferias das grandes cidades, quebrando a lógica republicana do espaço urbano, reconhecidamente fator de violência, perda da noção de pertencimento e de possibilidades de composições ricas em diversidade.

A questão da mobilidade física é aspecto de grande relevância no direito à cidade. A idéia de circulação-deslocamento está irredutivelmente ligada à função das cidades e à expressão de suas potências. Ao sairmos das redondezas familiares damos início a uma jornada de encontros com estranhos, às misturas que se fazem no trânsito caracteristicamente urbano. Desse modo, a cidade interpela continuamente seus transeuntes, suas populações, particularmente, suas juventudes.

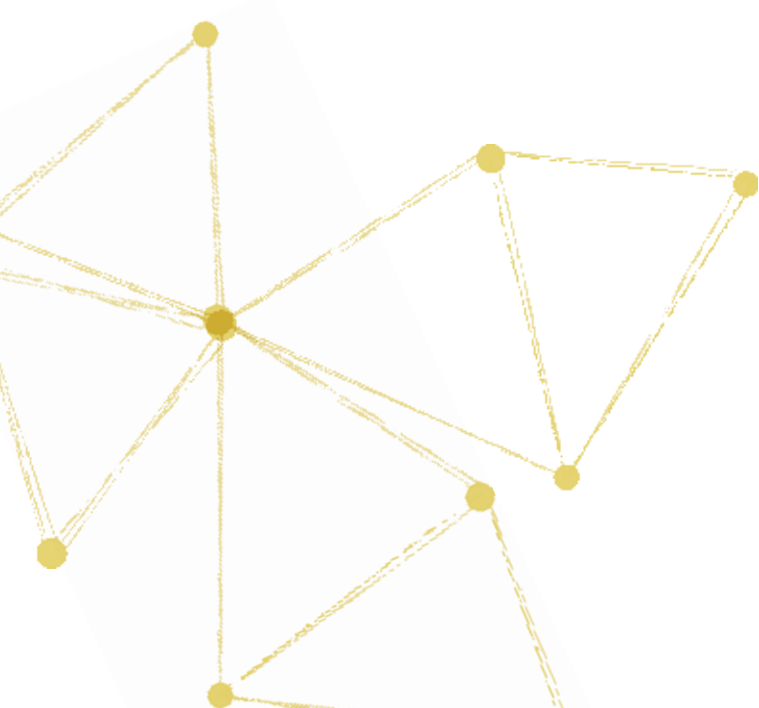
## A APRENDIZAGEM: CIRCULAÇÃO E EXPLORAÇÃO, EXPERIMENTAÇÃO E PRODUÇÃO SÃO PROCESSOS INDISSOCIÁVEIS

Processos formativos de juventudes devem considerar três fortes características associadas à juventude e aos modos pelo quais os jovens constroem conhecimento: o espírito exploratório (“ver como é”) a motivação para empreender descobertas (“ver como se faz”) e a disposição para produzir e inventar (“fazer e aprender a fazer”).

Ao vivenciarem situações de exploração, experimentação e produção em diferentes territórios das cidades (artes, ciências e tecnologias, trabalho, esportes, lazer etc.) os jovens poderão ver modificados seus modos de pensar, dizer, agir e se relacionar, podendo provocar referências culturais e habituais distintas, estimular novos pontos de vistas, produzir transformações nas suas subjetividades e, principalmente, ampliar e enriquecer perspectivas de futuro e desencadear projetos pessoais e sociais.

### *Multiplicidade cultural é conteúdo para a formação dos jovens.*

Programas de formação voltados à juventude urbana devem aproveitar o potencial das cidades, convidando os jovens a experimentar eventos formativos em diferentes espaços da cidade onde vivem, promovendo o envolvimento direto das juventudes com seus espaços e formas de composição: arquiteturas, sistemas produtivos (mundo do trabalho e tecnologias) produções artísticas, modos de vida de grupos sociais, etc.



## Alternativa sustentável para expandir horizontes de trabalho dos jovens

**A educação de qualidade articulada ao acesso a conhecimentos tecnocientíficos e ao contato com diferentes possibilidades de trajetórias laborais e profissionais.**

Uma formação das juventudes desse tempo deverá instalar-se nos próprios jogos de fluxos contemporâneos ali onde eles acontecem, no solo das cidades, nos espaços construídos, nas indústrias, nas ruas, nos comércios, nos espaços de artes. Focar formação profissional das juventudes na cidade significa uma abertura direta para o desenvolvimento das práticas sociais de trabalho e a promoção de encontros ativos com as populações e produções desse campo social (empresários, trabalhadores de todos os tipos, maquinários, técnicas, tecnologias etc.).

Sobre os jogos e fluxos contemporâneos:

*[...] as significativas mudanças ocorridas no ambiente produtivo urbano, em especial, das forças produtivas em função das invenções técnicas e da globalização dos mercados põem em funcionamento alterações radicais nos sistemas de empregos contemporâneos, além de projetarem socialmente toda uma série de exigências formativas de difícil tangenciamento e regulação institucional, pois o capitalismo recente tem no princípio de fluxos, a condição de seu próprio exercício. Assim, sistemas de trabalho, de emprego e de formação profissional passam “a carecer de rumo predeterminável, adquirindo um sentido algo caótico, com intensas transições entre situações ocupacionais, já que as trajetórias profissionais não são mais previsíveis a partir de mecanismos de regulação socialmente institucionalizados” (Caderno Cenpec, Juventudes Urbanas).*

Assumimos, com essa crença, que mesmo não profissionalizantes, ações formativas que pretendem expandir e enriquecer repertórios sócio culturais podem impactar positivamente a vida dos jovens, inclusive nas trajetórias de trabalho que poderão desempenhar ao longo de suas vidas.



## VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS E DAS POTENCIALIDADES IMANENTES À VIDA JUVENIL

**Ativam processos de formação política e de construção coletiva de conhecimentos sobre as realidades locais.**

Pela sua condição precária e com alto grau de vulnerabilidades sociais, muitas regiões da cidade de São Paulo e Rio de Janeiro, e de outras metrópoles do Brasil são vistas como territórios de alto risco e intensa violência urbana.

No senso comum, essas áreas são vistas apenas como lugares da pobreza, da moradia popular, da falta de empregos, das demandas por creches, escolas, hospitais, áreas de lazer, equipamentos culturais, dentre outros serviços urbanos.

Essas avaliações sobre esses lugares da periferia paulistana são verdadeiras. Entretanto, em meio a essa precariedade territorial, vulnerabilidade social e riscos ambientais, milhões de pessoas vivem nesses lugares. Trata-se de uma multidão metropolitana. Essas pessoas constroem relações sociais, definem sociabilidades, entrelaçam solidariedades, organizam coletividades envolvidas em lutas políticas, reivindicam melhores condições de vida, articulam e transformam lugares, constroem histórias e fazem geografias. Essa realidade dinâmica, constantemente atravessada por forças coletivas intensas, indica as potencialidades dessas pessoas nesses lugares.

Portanto, os territórios de risco, de alta vulnerabilidade e de profundas exclusões sociais da imensa periferia da metrópole paulistana, não são somente fragilidades, carências, pontos fracos. São também pontos fortes existentes e resistentes capazes de desenvolver processos altamente inteligentes e com grande ressonância criativa.



Assim, ao optar em trabalhar com ONGs locais o Programa Jovens Urbanos afirma a necessidade de investimentos nos distritos, nas comunidades, e reconhece como estratégica a ação desses atores em suas localidades como executores de políticas públicas, agenciadores de recursos privados para implementação de ações no campo da saúde, da educação, da proteção social, na luta pela garantia e respeito aos direitos das crianças, dos adolescentes, na vocalização de demandas e necessidades específicas dessas localidades. Afinal, sem o trabalho das organizações locais, na figura das lideranças e atores que as representam nos fóruns da cidade, muitas dessas comunidades estariam ainda mais condenadas ao gueto e ao esquecimento.

A idéia é afirmar que as pessoas e seus territórios são dotados de singularidades, funcionam seguindo “leis” próprias, produzindo dinâmicas culturais e econômicas peculiares. Mapear e respeitar essas diferenças presentes em cada contexto social é papel de todos aqueles que propõem interferir na vida e nos lugares nos quais milhares de pessoas vivem. Qualquer política pública ou programa social de intervenção não pode se colocar numa posição de legislador absoluto ou de vanguarda esclarecida.

O ponto de partida do trabalho com as pessoas e os territórios deve ser aquilo que eles podem - suas potências - e não daquilo que não têm ou não podem - suas carências, deficiências. À medida que trabalhamos com aquilo que temos e que podemos nos fortalecemos para enfrentar os problemas e criamos novos canais de produção e de luta por uma vida mais digna, com mais qualidade, mais igualdade. Todos são personagens fundamentais na construção de conhecimentos sobre suas realidades. É preciso multiplicar as vozes.

Dessa forma, a aposta está nas capacidades de todos e cada um em decidir, escolher e produzir os rumos de suas vidas.



# A PROPOSTA DO PROGRAMA JOVENS URBANOS



O programa propõe uma intervenção cujas estratégias não reafirmem identidades socialmente negativas associadas aos jovens - o desempregado, o usuário de droga, o violento, os jovens “de rua” etc. –, mas sim a construção e afirmação de novas identidades socioculturais juvenis desmobilizando aquelas que lhes são conferidas pelas condições de vida, pois as subjetividades podem ser alteradas nas interações sociais por se produzirem nas relações. Assim, os índices de vulnerabilidade social das cidades são informações de partida para selecionar as regiões a serem trabalhadas, no entanto, não estarão figuradas no processo formativo como marcas negativas dos jovens.

O Programa Jovens Urbanos busca criar as condições institucionais, articulando recursos educacionais, tecnológicos e financeiros que viabilizam a emergência da expressão juvenil em duas dimensões: pessoal e coletiva. As diversas formas de expressão são valorizadas e apoiadas na perspectiva de desenvolver capacidade de reflexão e intervenção dos jovens no meio em que vivem.

Sendo assim, a proposta formativa reconhece os jovens como responsáveis por suas escolhas e com direito de apreender a dinâmica e expectativas do Programa Jovens Urbanos, integrando-se ativamente no percurso do mesmo. Assim, o programa dispara nessa escolha a função política da juventude requisitando dos jovens suas capacidades de contribuição e avaliação frente ao que vivem e no que se engajam.

O objetivo central do Programa Jovens Urbanos é expandir o repertório sociocultural de jovens expostos a múltiplos vetores de risco e vulnerabilidade, de modo a expandir e qualificar as perspectivas de acesso ao mundo do trabalho.

Para isso investe primordialmente na ampliação da circulação e da apropriação na cidade, estimula e promove ações de produção juvenil e contribui para a permanência, a reinserção ao sistema escolar e para vinculação em novos processos formativos.

O programa dispõe de duas ações estratégicas para garantir a consecução de seu objetivo:



*A vulnerabilidade social é tratada aqui como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores. Alguns exemplos desses recursos são: o capital financeiro, o capital humano, a experiência de trabalho, o nível educacional, a composição e os recursos familiares, o capital social, a participação em redes e o capital físico. (VIGNOLI, J.R. FILGUEIRA, C. H. CEPAL, 2001).*

*[...] A vulnerabilidade social traduz a situação em que o conjunto de características, recursos e habilidades inerentes a um grupo social se revelam insuficientes, inadequados ou difíceis para lidar com o sistema de oportunidades, oferecidos pela sociedade, de forma a ascender a maiores níveis de bem-estar ou diminuir probabilidades de deterioração das condições de vida de determinados atores sociais. Esta situação pode manifestar em um plano estrutural, por uma elevada propensão à mobilização descendente desses atores e, no plano mais subjetivo, pelo desenvolvimento dos sentimentos de incerteza e insegurança entre eles. (ABRAMOVAY, 2002).*



## JUVENTUDES E CULTURAS URBANAS

Mergulhar na multiplicidade cultural presente na cidade implica em abrir-se à diferença, mergulhar no estranho e refletir sobre os sentidos e percepções. As experiências novas e múltiplas podem provocar os modos de pensar, dizer, agir e se relacionar. Podem provocar diferentes referências culturais e habituais, estimular novos pontos de vista, produzir transformações em aspectos subjetivos do jovem e, principalmente, desencadear projetos criativos.



## JUVENTUDES E MUNDO DO TRABALHO

Oferecer diferentes possibilidades para a trajetória no mundo do trabalho amplia as possibilidades de caminhos e escolhas. Reside nesse princípio o investimento do programa nas estratégias de exploração, experimentação e produção. Trata-se de ampliar o entendimento dos jovens sobre característica do mercado de trabalho atual, seus modos de funcionamento, atividades e contexto histórico e econômico. E também de mobilizar conhecimentos sobre as diferentes atividades que poderão desempenhar e se aprofundar no futuro.



## JUVENTUDES E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

Aproximar o jovem de aspectos do conhecimento humano e de produtos tecnológicos dá a ele a condições e poder para colocar as tecnologias presentes na cidade a serviço da elaboração e concretização de projetos capazes de mudar a realidade ao seu redor. Esse tema é concebido como ferramenta para qualificar o cotidiano dos participantes.



## FORMAÇÃO DOS JOVENS E DAS ONGS

O direito à cidade é a principal referência de formação do Programa Jovens Urbanos. O programa aposta que a ampliação de experiências de circulação e apropriação da cidade por jovens que concentram suas vidas nos locais onde residem, atua na diversificação de seus campos relacionais e repertórios culturais e afasta jovens em situação de vulnerabilidade do confinamento social e intelectual a que muitas vezes estão subordinados.

Além disso, ao entrarem em contato com a multiplicidade cultural em ação nas cidades e com diferentes modos de vida (além dos seus próprios), os jovens ampliam suas capacidades de pensar e agir sobre si mesmos e na cidade. Por outro lado, imersões em aspectos e questões urbanas contemporâneas sustentam novos desempenhos juvenis, em especial no mundo do trabalho e nos territórios onde mantêm vínculos.

No Programa, o direito à cidade se compõe com três temas principais: juventudes e culturas urbanas, juventudes e tecnologias contemporâneas e juventudes e o mundo do trabalho. Desse conjunto derivam escolhas metodológicas e todo o conteúdo de formação do Programa Jovens Urbanos

As ações de formação dos jovens são realizadas por assessores contratados, por parceiros e pelos educadores e coordenadores que compõem a ONG local. Cabe aos assessores, parceiros e ONGs produzirem condições de aprendizagem qualificadas e pertinentes às propostas e resultados almejados pelo Programa Jovens Urbanos.

Assim, para sustentar as atividades e produtos indicados, a equipe de coordenação técnica implementa um conjunto de ações de formação para as ONGs nas quais são socializados conteúdos relativos à gestão de projetos com juventude, bem como repertórios técnicos (as metodologias desenvolvidas pelo programa) para a realização de ações formativas com os jovens.

## RELAÇÕES E REDES INSTITUCIONAIS

As redes institucionais são arranjos socioinstitucionais que se formam nos âmbitos municipais e locais de execução da formação e de produção juvenis, nos diferentes tempos do programa: antes, durante e após o término do seu ciclo, visando criar condições para sua realização e assegurar sua sustentabilidade institucional e financeira.

Para o Programa Jovens Urbanos é vital a percepção das ações sociais em uma dimensão de rede, na qual poder público, entidades locais, comunidades, população e entidades de reconhecida expertise social e técnica agem articulados.

Quanto mais ampla e múltipla esta rede, maiores são as possibilidades de sucesso, ou seja, de novas experiências transformadoras da realidade do jovem. As empresas e instituições parceiras compartilham espaços e recursos. A soma de esforços ganha dimensão pelo seu efeito multiplicador.

Os parceiros na rede são chamados a participar de encontros sobre a juventude, questão prioritária hoje na pauta de todos os que se preocupam com o desenvolvimento socioeconômico do País. Os formadores da rede participam igualmente da gestão e da discussão sobre metodologias e práticas. Estas são aplicadas pelas ONGs de cada território.

Por seu caráter de composição, é vital que cada integrante da rede tenha a visão do outro, e que a articulação esteja aberta para ouvir e reconhecer os parceiros, reconhecendo suas potencialidades e possibilidades de compor com as propostas do programa. Trata-se de compor para multiplicar idéias, projetos e esforços.

Igualmente fundamental é a perspectiva da sustentação da parceria. Criar situações nas quais o parceiro possa perceber seu trabalho acompanhado e reconhecido permite fortalecer a rede e abrir novas possibilidades, constituindo ações para muito além do programa inicial.

Esse movimento de aproximação e composição com novos parceiros se desenvolve dentro dos princípios do programa, com a preocupação em reconhecer o jovem, a cidade e as tecnologias como foco da ação. As relações de parceria entre as organizações, embora reconhecidamente vitais, são subsidiárias à ação maior de um programa integrado de formação dos jovens urbanos.

A constituição das redes institucionais no Programa Jovens Urbanos ocorre em três planos seqüenciais ou concomitantes:

**O primeiro plano** diz respeito ao âmbito municipal sendo este o ponto de partida da execução. Busca-se contatar, informar, articular e integrar instituições de governo e instituições privadas que podem responder institucionalmente pela promoção do programa na cidade por meio de decisões políticas, celebração de convênios e contratos de cooperação, aporte de investimentos, execução, acompanhamento e avaliação das ações formativas com os jovens. Neste plano estão instituições como secretarias municipais do trabalho, ONGs, empresas de investimentos, conselhos, associações ou outras organizações e movimentos sociais envolvidos com a questão da juventude.

**O segundo plano** ocorre durante o desenvolvimento das ações de formação e de produção juvenis. Diz respeito à rede de parceiros tecnológicos de diferentes áreas sociais que disponibilizam locais, recursos humanos e tecnologias próprios para realização de explorações e experimentações dos grupos jovens.

**O terceiro plano** diz respeito à construção de rede local fortalecida, formada pelos setores públicos, privados, terceiro setor, grupos organizados da sociedade civil, com vistas a criar oportunidades de formação, inserção no mercado de trabalho e outras ações que respondam às necessidades e demandas dos jovens. Neste plano, a participação das ONGs executoras é fundamental, pois se configuram como referências nas localidades e como as principais mediadoras entre o programa e a comunidade, apoiando no mapeamento, contatos, execução dos procedimentos técnicos de parceria e monitoramento e no fortalecimento das parcerias.





### COOPERAÇÃO TÉCNICO-FINANCEIRA

- ICE – Instituto de Cidadania Empresarial

### PARCERIAS INSTITUCIONAIS

- Instituto Brasileiro de Estudos e Apoios Comunitários - IBEAC
- Instituto Sou da Paz
- Secretaria Estadual da Assistência e Desenvolvimento Social - SEADS
- Secretaria Municipal da Assistência Social – SMADS
- Secretaria Municipal de Educação/ CEUs da Cidade de São Paulo – SME
- Secretaria Municipal do Trabalho da Cidade de São Paulo – SMT
- Subprefeitura Campo Limpo
- Subprefeitura Capela do Socorro
- Subprefeitura Freguesia do Ó/ Brasilândia
- Subprefeitura Guaianases

### PARCERIAS EXECUTIVAS

- Canal Futura
- Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ
- Secretaria Municipal de Assistência Social do Rio de Janeiro – PCRJ-RJ

### REDE DE APOIO

- Cursinho da Poli
- ESPRO
- Universidade Federal do Rio de Janeiro – PACC

### PARCERIAS TECNOLÓGICAS

- Canal Futura
- Centro de Criação de Imagem Popular -CECIP
- Centro Universitário Maria Antônia/ USP
- Cidade Escola Aprendiz
- Conselho das Instituições de Ensino Superior da Zona Oeste – CIEZO
- Centro de Preservação Cultural/ USP - CPC
- Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
- Escola da Cidade
- Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ
- Fundação Padre Anchieta - Rede Cultura de Televisão
- Instituto Criar
- Instituto Tomie Ohtake
- Instituto Socioambiental - ISA
- Nós do Morro
- Observatório de Favelas
- SABESP
- Sec. Municipal do Verde e do Meio Ambiente
- Secretaria Municipal de Esporte e Lazer
- Spectaculo
- TVE / Rádio MEC

### ASSESSORES TECNOLÓGICOS

- Alexandre Perocca
- Andrea Soares
- Associação Novolhar
- Biba Rigo
- BR3
- Caminhos e Paisagens

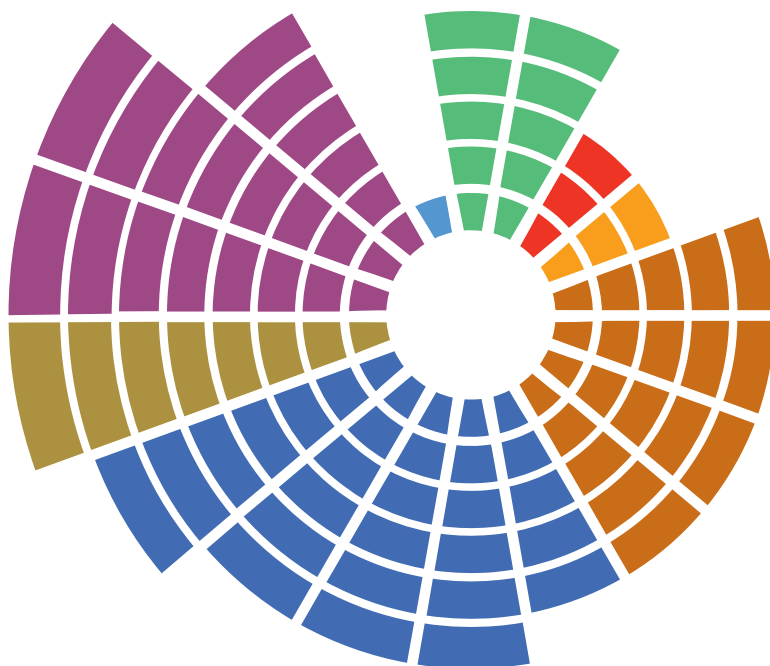
- Carla Tennenbaum
- Carlos Souza
- Carolina Nakagawa
- César Negro
- Clarice Cara
- Conrado Augusto
- Diego Itu
- Diogo Noventa
- Espaço Coringa
- Faoza
- Ivy Silva
- José Machado
- Lali Krotoszynski
- Marcio Greyk
- Marisa Martins
- Meta Ambiental
- Midiativa
- Nizinga
- Paula Autran
- Paulo Urso
- Sociedade do Sol
- Tião Soares
- Tomás Bastian de Souza
- Waldir Hernandes

### ONGS EXECUTORAS – RJ

- União Ativista Defensora do Meio Ambiente – UADEMA
- Ação Comunitária de Apoio Psicossocial – ACAPS
- Assistência a Família Saúde e Cidadania
- Associação Ação Alternativa
- Centro de Apoio ao Movimento Popular da Zona Oeste – Campo
- Conselho das Instituições de Ensino Superior da Zona Oeste – CIEZO
- Instituição de Caridade e Integração Social São Cipriano
- Rede de Empreendimentos Sociais para o Desenvolvimento Socialmente Justo, Democrático, Integrado e Sustentável – Rede CCAP - Casa Viva de Manguinhos

### ONGS EXECUTORAS – SP

- Ação Comunitária Todos os Irmãos
- Ação Social Comunitária do Lajeado Joilson de Jesus - Casa dos Meninos
- Associação Beneficente Provisão - ACB
- Associação Cantareira
- Associação Comunitária Monte Azul
- Associação Cultural e Desportiva Bandeirantes
- Associação de Moradores Jd. Rosana
- Associação de Moradores Vale Verde
- Associação de Voluntários Integrados no Brasil – AVIB
- Comunidade Kolping São Francisco de Guaianases
- Comunidade Nova Civilização
- Creche Nova Esperança Amigos de Pianoro
- Instituto Paulista de Juventude
- Plugados na Educação
- Projeto Anchieta
- Projeto Arrastão – Movimento de Promoção Humana
- Projeto Casulo
- Projeto de Vento em Popa
- Serviço Social Bom Jesus
- Sociedade Comunitária do Jardim Monte Verde
- Turma de Touca
- União dos Moradores da Comunidade Sete de Setembro





## Procedimentos de sustentabilidade

A prática comprova a impossibilidade de formatos rígidos de cooperação na relação de parcerias. A partir das experiências de constituição e disseminação de parcerias, o Programa Jovens Urbanos definiu alguns procedimentos fundamentais da sua política de relações e redes institucionais:

- Mapeamento prévio do contexto institucional da área a ser atendida: identificação por meio de documentos, análises de contexto, informantes e outras fontes da situação institucional de potenciais parceiros para que os mesmos sejam identificados e procurados;
- Prospecção de parcerias: visitas a potenciais parceiros para a verificação da efetiva viabilidade da cooperação. Neste procedimento busca-se também o atendimento às demandas tecnológicas a serem supridas para a formação dos jovens;
- Negociação das condições da parceria: interlocução intensa e por meio de diversas ações com cada parceiro para o desenho do modelo ideal de cooperação para ambos os lados. Nesse desenho, o programa estabelece condições mínimas, mas não define de forma rígida e exclusiva as formas como esta parceria se estabelece;
- Formalização da parceria: assinatura de Termos de Cooperação Técnica que contenham em anexo o plano de trabalho e sejam formalizados na presença dos parceiros;
- Definição de planos e procedimentos técnicos de acompanhamento do trabalho realizado com os jovens, incluindo a criação de um conselho de acompanhamento.

O Programa Jovens Urbanos entende que trabalho realizado em parceria com ONGs contribui para o fortalecimento institucional das organizações locais em seu trabalho com a juventude. Sustentando esta escolha está a hipótese de que se as ONGs das localidades selecionadas articularem e integrarem recursos com as esferas públicas e privadas do município, poderão construir o suporte institucional e político necessário para que os jovens tenham acesso a direitos sociais básicos, como por exemplo, escolarização, cultura, saúde e lazer e realizem experiências de produção e participação juvenil.

Por isso, o programa investe – valendo-se da idéia de ação em rede, reconhecendo a importância e o valor do trabalho desenvolvido pelas instituições locais bem como suas possibilidades e limites – na disseminação contínua das metodologias de trabalho com a juventude e no fortalecimento institucional das ONGs capacitando as organizações locais nas dimensões de gestão (gerenciamento, monitoramento, políticas de parceria) e na dimensão técnica (fundamentos e metodologias para formação de jovens).



## Governança e gerenciamento

No mundo das empresas privadas, organizações que avançam com mecanismos de transparência nas suas contas agregam valor à sua marca e ao seu produto. No terceiro setor, a transparência também é valorizada, garantindo a preservação dos valores e a clareza dos propósitos.

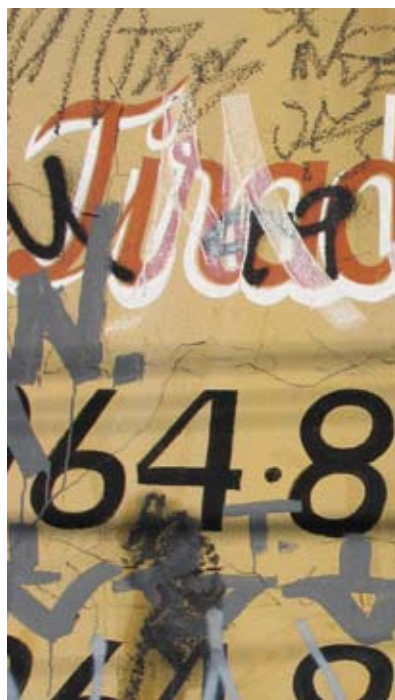
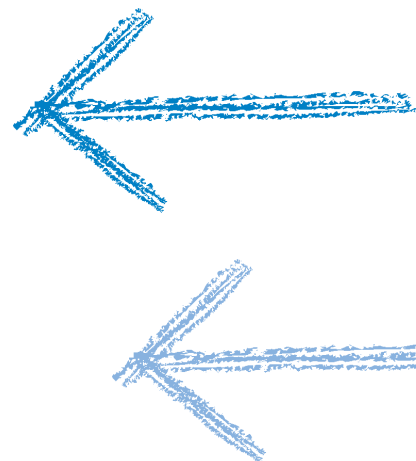
Como garantia de sustentabilidade, a gestão do programa adota os preceitos da governança corporativa, método de gestão voltado para a administração que permite o equilíbrio de forças entre os administradores e os membros do conselho de uma empresa, fundação ou instituto. A governança assim desenhada garante não apenas transparência, mas um fluxo de informação, negociação e consensos que se expressam em diretrizes de gestão das ações, produtos e resultados perseguidos. Neste modelo a governança garante legitimidade e forte coesão na condução do programa.

No Programa Jovens Urbanos a governança inclui um comitê gestor, formado por representantes da Fundação Itaú Social, Cenpec e coordenação do programa. O comitê reúne-se periodicamente para discutir, avaliar e validar o programa do ponto de vista da sua gestão e gerenciamento. Promove o fluxo de informações e conjuga esforços para alcançar os resultados propostos.

O Conselho de acompanhamento, por sua vez, configura-se como uma instância de monitoramento, consulta e avaliação para todos os segmentos do programa, garantindo voz aos diferentes participantes do programa e servindo como instrumento de gestão para orientações técnicas e políticas. Dele participam representantes da Fundação Itaú Social, do Cenpec, representantes das ONGs e dos jovens e alguns parceiros.

O comitê executivo delibera sobre a execução do programa, obtém informações estratégicas sobre o seu desenvolvimento, garante a comunicação direta com as ONGs e, principalmente, dá transparência aos procedimentos técnicos e financeiros, em reuniões periódicas com os coordenadores e dirigentes das ONGs parceiras.

A constituição de um conselho local cria oportunidade para que instituições e atores locais se mobilizem para a discussão de temas referentes à situação da juventude.



# Jovens resolve

Integrantes de programa de revitalização das F

VILA BRASILÂNDIA

Polange Spigliatti

Quando um grupo de jovens se organizou para revitalizar a via de uma das favelas da Vila Brasilândia, a primeira reação dos moradores foi de desconan- çança. Mas logo que as fachadas das casas ganharam pintura nova e os córregos da Favela do Piolho e Favela da Bica foram canalizados, a opinião da comunidade começou a mudar e o projeto conquistou a população. Prova disso foi um mutirão realizado no sábado que acelerou o processo de urbanização, com a pavimentação da via e a implementação do paisagismo.

"Eles pensavam que era um trabalho de político para pedir votos e não estavam autorizando a reforma das fachadas", comenta Valmor Messias da Condição, de 23 anos. Ele é um dos participantes do Projeto Jovens Urbanos, criado em 2004 por iniciativa da Fundação Itaú Social e coordenado pelo Centro de Estudos e pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), que pretende ampliar os níveis de escolaridade e cultural dos envolvidos.

Depois que a comunidade entendeu a importância da ação, resolveu colaborar. Quando assumiu a iniciativa, em abril do ano passado, Valmor estava desempregado e pensou tratar-se de um curso profissionalizante. "Gostei muito de ter ficado, o projeto me ajudou a ter mais confiança e mais responsabilidade, além de me ensinar a trabalhar em equipe, o que vai me ajudar muito em meu novo emprego", comenta. Ele participou do projeto Arte no Beco, da ONG Ação Comunitária Todos os Irmãos (ACTI), uma das quatro responsáveis pela execução dos trabalhos nas vielas.

Em outro projeto da ACTI, o mapeamento cartográfico, os jovens tiveram a compreensão a ajuda dos moradores. "Quando eles saíram do campo, conseguiram várias fotos antigas do bairro doadas pela comunidade e resolveram montar uma expo-



REMUNERAÇÃO - Participantes do Projeto

sição, com um contraste entre o antigo e o novo", explica o diretor da instituição Fábio Pereira de Abreu.

Os participantes do programa, todos com idades entre 16 e 24 anos, recebem bolsa-auxílio no valor de R\$ 60,00 mensais, concedida pelo Governo do Estado de São Paulo. Dois bairros carentes da periferia de São Paulo - Vila Brasilândia, na zona norte, e Campo Limpo, na zona sul - foram escolhidos para o programa social. Em sua primeira edição, o projeto atende 480 moradores dessas duas comunidades, distribuídos em dez ONGs participantes.

Na Vila Brasilândia, as quatro ONGs atuantes também ministram em suas oficinas três temas distintos: estética urbana, imagem e som e recursos materiais e renováveis. Nessas aulas, os jovens aprendem sobre restauração de móveis, artes plásticas, paisagismo, leitura e expressão corporal. Em outra etapa, o resultado da aprendizagem será repassado para a comunidade. Nessa iniciativa, contam também com o apoio de profissionais da área de tecnologia e de especialistas de órgãos governamentais, como a Embrapa, que colaborou na elaboração do projeto da ONG

## COMITÊ GESTOR

Discutir, avaliar e validar o Programa do ponto de vista da sua gestão e gerenciamento, promover o fluxo de informações e conjugar esforços para alcançar resultados.

Realização de reuniões periódicas com representantes da Fundação Itaú Social, do Cenpec, e do Programa Jovens Urbanos.

## CONSELHO DE ACOMPANHAMENTO

Ser uma instância de monitoramento, consulta e avaliação para todos os segmentos do Programa, garantindo voz aos diferentes participantes do Programa Jovens Urbanos e servindo como instrumento de gestão, tanto para orientações técnicas e políticas.

Realização de encontros com a participação de representantes da instituição financiadora, da coordenação técnica, das ONGs, dos parceiros e dos jovens.

## COMITÊ EXECUTIVO

Deliberar sobre a execução do Programa Jovens Urbanos; obter informações estratégicas sobre o desenvolvimento do programa; garantir uma comunicação direta com as ONGs e, principalmente, dar transparência aos procedimentos técnicos e financeiros do Programa

Reuniões periódicas com os coordenadores e dirigentes das ONGs.

## CONSELHO LOCAL

Fortalecer ações desenvolvidas com juventude nos distritos atendidos.

Propiciar que as diversas instituições e atores locais se mobilizem para a discussão de temas referentes à juventude urbana.

Criar oportunidades de formação, inserção no mercado de trabalho, dentre outras ações que respondam às necessidades e demandas dos jovens.

Inclusão de estratégias de interlocução na agenda do Programa Jovens Urbanos nas regiões; garantia de adesão de jovens e de outros atores locais (e/ou instituições públicas, privadas, Terceiro Setor, grupos organizados da sociedade civil) com capacidade e interesse de mobilização e participação.

## NORTE

7 DE JUNHO DE 2005 O ESTADO DE SÃO PAULO

# em problemas locais

As Favelas da Bica e Morro do Piolho mobilizam a população







# PASSO A PASSO DA IMPLEMENTAÇÃO PROGRAMA JOVENS URBANOS

A implementação do Programa organiza-se em quatro etapas fundamentais:

1. **Ações** Preparatórias
2. **Execução** do Programa
3. **Acompanhamento** dos Projetos de Intervenção dos jovens
4. **Monitoramento**

## CRONOGRAMA DE IMPLEMENTAÇÃO - PROGRAMA JOVENS URBANOS

AÇÕES PREPARATÓRIAS		EXECUÇÃO DO PROGRAMA					
MÊS 1	MÊS 2	MÊS 3	MÊS 4	MÊS 5	MÊS 6	MÊS 7	MÊS 8
	Acompanhamento técnico-administrativo						
Escolha das regiões						Conselho de acompanhamento	
Estabelecimento de parcerias							
Definição de assessores tecnológicos			Exploração, experimentações e produção				
Seleção das ONGs executoras							
Seleção de educadores e coordenadores	Alinhamento estratégico	Comitê executivo					
	Orientação técnica inicial	Orientação técnica continuada:	Visitas técnicas		Visitas técnicas		Visitas técnicas
		Encontros regionais				Encontros regionais	
				Encontros gerais			Encontros gerais
	Seleção de jovens	Formação dos jovens nas ONGs					
		Adesão dos jovens		Vidas na cidade		A cidade em nós	
						Encontros público	
	Matriz de indicadores – linha de base						
		Monitoramento do programa e análise das informações					

■ Parceiros e assessores

■ Gestão técnica do Programa

■ Monitoramento e avaliação







# AÇÕES PREPARATÓRIAS

As ações preparatórias sustentam-se no princípio de respeito e valorização das singularidades presentes no contexto social dos territórios. Tal componente é de vital importância, pois é durante esse período que se produzem as condições técnicas, institucionais e políticas fundamentais para a implantação do Programa Jovens Urbanos nas regiões selecionadas.

São implementadas nos meses anteriores à execução do Programa, na qual se realizam todas as ações de

prospecção e definição das regiões de intervenção, todo o processo de relações institucionais (as parcerias com o poder público e com diferentes instituições da cidade) e todos os processos de seleção (ONGs, pro-

fissionais, jovens e assessores). Além disso, durante esta etapa o programa implementa ações de formação inicial e de alinhamento estratégico com as ONGs (dirigentes, educadores e coordenadores).

AÇÕES	OBJETIVOS	CONDIÇÕES
<b>Prospecção na cidade</b>	<p>Acessar e conhecer atores e instituições importantes nas cidades em que o programa será implantado, principalmente aquelas vinculadas às temáticas chaves do PJU: educação, mundo do trabalho, artes, comunicação, ciências e tecnologias entre outras.</p> <p>Apresentar e validar o programa publicamente, com realização de ajustes e redesenhos pertinentes a realidades de cada contexto social.</p>	<p>Incurções da equipe técnica a diferentes espaços e instituições da cidade, com apoio de instituições e atores previamente contatados. Realização de encontros (reuniões, colóquio, seminários) para apresentação e validação pública do programa.</p>
<b>Definição das áreas de intervenção</b>	<p>Avaliar, entre as diferentes áreas marcadas por vulnerabilidades, quais são aquelas que apresentam os índices e características que respondem aos critérios definidos pelo programa.</p>	<p>Pesquisa de índices e indicadores intra-urbanos; pesquisa de informações produzidas por instituições ou organismos governamentais sobre as regiões e sistematização e análise dos dados.</p> <p><i>(ANEXO 01 - Relatório de justificativa para definição das áreas de intervenção)</i></p>
<b>Prospecção das áreas de intervenção</b>	<p>Conhecer organizações comunitárias que atuam nos territórios, instituições de referência que desenvolvem trabalhos com a juventude entre outros equipamentos disponíveis ao acesso e usufruto dos jovens da região.</p>	<p>Incurções da equipe técnica às regiões selecionadas com o apoio de instituições / organizações locais públicas, privadas e comunitárias.</p>
<b>Definição das ONGs executoras</b>	<p>Contatar ONGs locais que tenham interesse em atuar em parceria com o PJU</p> <p>Estabelecer as ONGs executoras que respondem aos critérios e expectativas do programa.</p>	<p>Divulgação; levantamento de informações das ONGs; análise dos planos de trabalho elaborados pelas ONGs e realização de visitas técnicas.</p> <p>Assinatura dos termos de cooperação técnica.</p> <p><i>ANEXO 02 – Ficha de inscrição</i></p> <p><i>ANEXO 03 – Plano de trabalho</i></p> <p><i>ANEXO 04 – Roteiro de visita técnica de seleção</i></p>

(continuação)

AÇÕES	OBJETIVOS	CONDIÇÕES
<b>Seleção de educadores e coordenadores</b>	Selecionar a equipe técnica que atuará diretamente nas ONGs executoras, considerando os critérios definidos.	Análise de currículos; capacitação seletiva; entrevista; seleção compartilhada entre equipe técnica PJU e ONGs e divulgação.  (A indicação do profissional que trabalhará como coordenador é de responsabilidade das ONGs e deverá seguir os critérios definidos pelo PJU.) <i>ANEXO 06 – Pauta de capacitação seletiva</i>
<b>Seleção de jovens</b>	Proporcionar as mesmas condições de participação para todos os que estejam interessados em fazer parte do PJU e se encontrem dentro dos critérios definidos.	Divulgação do PJU e inscrição; apresentação do PJU, carta; sorteio; lista de jovens selecionados e lista de espera. <i>ANEXO 07 – Tutorial de seleção</i> <i>ANEXO 08 – Ficha de inscrição</i> <i>ANEXO 09 – Teste de conhecimentos básicos: leitura e produção escrita</i>
<b>Seleção de assessores tecnológicos</b>	Garantir qualidade técnica às experimentações oferecidas aos jovens, considerando as referências e objetivos do programa.  Assegurar que a diversidade temática prevista na programação do programa seja contemplada nas experimentações.  Garantir um número de experimentações adequado às metas do programa.	Reunião para apresentação do PJU e dos termos de contratação; análise e seleção dos planos de trabalho; reunião de alinhamento com assessores selecionados e contratação.  <i>ANEXO 10 – Termo de Referência</i>
<b>Estabelecimento de parcerias: poder público e parcerias tecnológicas</b>	Garantir a vinculação dos jovens aos programas públicos de transferência de renda.  Oferecer aos jovens o acesso a serviços e bens públicos disponíveis na cidade.  Assegurar aos jovens o acesso à expertise e infra-estruturas de produção nos territórios definidos pelo programa.  Criar e fortalecer a política institucional e programática do Jovens Urbanos, propiciando a circulação de práticas e conhecimentos entre instituições de diferentes perfis e trajetórias.	Prospecção de potenciais parceiros; contato sistemático com os parceiros; definição conjunta de tipo de articulação, de setores e agentes envolvidos, do campo de atuação no PJU; elaboração de planos de trabalho (no caso dos parceiros tecnológicos) celebração de termo de parceria / cooperação.
<b>Formação inicial das ONGs: educadores e coordenadores (encontros gerais)</b>	Garantir que educadores e coordenadores conheçam e se apropriem das principais referências teóricas e metodológicas do PJU, bem como da estrutura programática de formação dos jovens.	Contratação de assessores especializados em temas específicos  Encontros presenciais. <i>Anexo 12 – Pauta de encontro de formação presencial</i> <i>ANEXO 13 – Orientações para elaboração de Plano de Ação e Registro</i>



## DEFINIÇÃO E PROSPECÇÃO DAS ÁREAS DE INTERVENÇÃO

O Programa Jovens Urbanos foi criado para ser implantado em regiões de elevado índice de vulnerabilidade social. Para definir geograficamente as áreas de intervenção, consideram-se indicadores que agregam aos índices de renda outros parâmetros referentes à escolaridade e ao ciclo de vida familiar, levando em conta a segregação espacial, fenômeno crescente nos centros urbanos brasileiros.

No caso da cidade de São Paulo, foram considerados o Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ) e o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS). Os dois indicadores permitem identificar as diversas formas de fragmentação urbana resultantes de um modelo concentrador e excludente no qual os níveis de segregação residencial são determinantes no processo de manutenção e reprodução da pobreza e da desigualdade.

No caso da 1ª edição do Programa Jovens Urbanos na cidade do Rio de Janeiro, a equipe técnica da Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS/RJ) apoiou o trabalho de definição dos territórios de intervenção, disponibilizando o Índice de Vigilância da Vulnerabilidade Social (IVVS)<sup>1</sup>. Este índice possibilitou mapear as regiões com maiores carências em setores

básicos como saúde, educação, trabalho, segurança e habitação. Além disso, foram incorporadas ao IVVS variáveis complementares (com os pesos de 1/3 para cada uma) focadas ao público-alvo do programa, jovens de 16 a 21 anos, a saber:

- a) Quantidade de mães jovens;
- b) Taxa de jovens com ensino fundamental incompleto;
- c) Taxa de jovens procurando emprego ou recebendo até ½ salário mínimo.

A inclusão dos indicadores acima mencionados permitiu viabilizar o levantamento de informações e temas significativos e estratégicos em relação à juventude.

Em outras metrópoles, o programa pode adotar semelhantes ferramentas estatísticas modernas e tecnologias que permitem identificar com precisão os indicadores socioeconômicos em cada ponto considerado dos territórios urbanos. Os números revelam detalhes da complexa heterogeneidade da população das cidades – em relação às quais dados consolidados por município são pouco reveladores, já que sobram regiões dentro do território das cidades nas quais a extremada riqueza convive ao lado da miséria absoluta. As áreas de atuação do Programa Jovens Urbanos são sempre microrregiões de alta vulnerabilidade socioeconômica.

1 Índice contemplado no *Sistema Municipal de Vigilância da Exclusão (SMVE)*. Projeto iniciado em maio de 2004 pela Secretaria Municipal de Assistência Social com o objetivo de monitorar os principais problemas enfrentados pelos moradores de comunidades de baixa renda do município do Rio de Janeiro para que políticas sociais sejam implementadas de forma planejada e orientada.





## SELEÇÃO DAS ONGS EXECUTORAS

A prática do Programa Jovens Urbanos inclui a seleção de ONGs que já atuam nas regiões definidas. Outro critério de seleção é a atuação articulada em rede local com reconhecimento, acesso e participação da comunidade. A entidade também deve ter constituição jurídica que permita receber investimentos, o que inclui gestão administrativa e financeira estruturada. Além de oferecer apoio institucional – espaço físico, infra-estrutura e um profissional de referência. O programa dá preferência a entidades que tenham experiência no desenvolvimento de projetos voltados para jovens.

A seleção das ONGs compreende etapas de divulgação do programa e convite, formulários com informações jurídicas e características da entidade, reuniões de apresentação do programa, apresentação de plano de trabalho, visitas técnicas e assinatura de termos de cooperação técnica.

As ONGs são as executoras do programa. Seu corpo técnico se encarrega de mobilizar os jovens e de oferecer as condições para que participem ativamente. Mas elas também têm que conquistar um campo de articulação, e essa é uma estratégia que o Programa Jovens Urbanos ajuda a incentivar. Na capacitação, as ONGs são estimuladas a trabalhar de forma articulada com uma rede local que dê sustentação aos projetos sociais.

## SELEÇÃO DE EDUCADORES

Na escolha dos profissionais, a preferência é para aqueles com formação universitária. Eles devem ter vínculo ou conhecer o território de atuação do programa, ter capacidade para mediar grupos diferentes e para investigar e criar. Também devem ter talento para estimular ações de pesquisa, articular e trabalhar em diferentes espaços que constituem a rotina do programa de formação, disposição para experimentar novas situações, além de conhecimentos em informática

É fundamental que demonstrem interesse em participar do programa - e desejável que tenham experiência em ações com jovens. Neste caso, devem apresentar registro escrito ou visual de trabalhos dos quais já participaram. A seleção obedece às etapas de recebimento de currículos, capacitação seletiva e seleção compartilhada - com a participação da equipe de coordenação técnica e das ONGs parceiras.

## SELEÇÃO DOS JOVENS

O objetivo da seleção é dar iguais condições de participação a todos os interessados. O candidato deve estar na faixa etária entre 16 a 21 anos e enquadrar-se nos pré-requisitos socioeconômicos dos programas públicos de assistência à família – ele não pode, no entanto, estar inscrito em nenhum programa público de transferência de renda. Precisa ter tempo disponível para participar das atividades e comprovar endereço de moradia na região atendida pelo Programa Jovens Urbanos. Os candidatos passam também por um teste de conhecimentos básicos (leitura e produção de textos) que serve para assegurar a possibilidade de melhor aproveitamento das atividades do programa de formação.

## PARCERIAS COM PODER PÚBLICO

A metrópole contemporânea enfrenta uma grande demanda por educação, fator estratégico para a vida em sociedade. Como projeto de responsabilidade compartilhada, o Programa Jovens Urbanos parte do conceito de que toda cidade pode ser educadora, desde que assuma o compromisso de planejar e organizar os estímulos educativos nela existentes e colocá-los à disposição dos seus moradores.

Reflexo da discussão da sociedade sobre a questão, um grande movimento político com ampla representação democrática garantiu a implementação de uma Política Nacional de Juventude. Levando em conta esse esforço, o Programa Jovens Urbanos para além de sintonizar-se com a política nacional, articula e integra oportunidades e programas disponíveis na agenda pública governamental em suas diferentes instâncias.

Os recursos aplicados pelo Estado em parcerias público-privadas, como no formato proposto pelo Programa Jovens Urbanos agregam esforços e multiplicam resultados. A busca de parcerias na esfera pública reconhece a importância das políticas públicas e as instâncias técnicas de governo nas ações locais por meio de compromissos e de apoio técnico aos programas sociais com juventude.

A questão do acesso a renda é importante para a juventude. É a necessidade econômica que afasta a maior parte dos jovens da escola. O auxílio monetário por meio de bolsas repassadas pelos programas estatais nos municípios ajuda a retardar o ingresso precoce do jovem no mercado de trabalho durante o período de formação.

Tendo em vista esse desafio, o Programa Jovens Urbanos firmou parceria com a Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social de São Paulo – SEADS/SP. Por meio do Programa Ação Jovem dessa secretaria foi possível disponibilizar aos jovens uma bolsa auxílio.

A Secretaria Municipal de Trabalho da Prefeitura do Município de São Paulo, por meio do Programa Bolsa Trabalho, oferece uma outra bolsa, o que garantiu maior adesão dos jovens ao programa. Esta parceria se sustenta na formulação técnica de um Plano de Trabalho, que articula os compromissos e proposições do Programa Jovens Urbanos e do Programa Bolsa Trabalho<sup>1</sup>, possibilitando recursos aos jovens participantes durante os 14 meses de duração do programa (10 meses de formação e quatro meses de implementação de projetos na comunidade).

Na execução da 1ª edição do programa na capital fluminense, a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMAS/ RJ), disponibilizou bolsa durante o período de formação dos jovens no programa. A SMAS/ RJ colocou também a disposição do Jovens Urbanos uma listagem de ONGs conveniadas com o município que executam trabalho com juventude. Ofereceu igualmente um escritório para a equipe técnica e espaços adequados para a formação dos profissionais, entendendo essa parceria como contrapartida à realização do programa na cidade do Rio de Janeiro.

1 O programa da SMTrab que na 3ª edição chama-se Capacita Sampa integra agora o Programa Bolsa Trabalho.



A aproximação dos técnicos dessas secretarias com a equipe técnica do Programa Jovens Urbanos possibilitou um planejamento conjunto dos processos estratégicos, como a combinação de critérios de elegibilidade, incluindo os pré-requisitos técnicos e legais para a adesão do jovem à política de bolsas. Processos de comunicação social nos territórios de intervenção do programa garantiram visibilidade e transparência no processo de seleção dos jovens. Procedimentos administrativos de gestão e controle garantiram o acompanhamento da frequência às atividades do programa.

Os exemplos acima mostram que a consolidação de um campo de relações institucionais é importante para dar sustentabilidade e legitimidade à ação, e para tanto são necessários o reconhecimento e o acesso às diferentes políticas públicas de juventude existentes no âmbito municipal, estadual e federal. Quanto maior a esfera de relações e contatos com diferentes atores sociais e espaços de articulação e debate (fóruns, conselhos, redes), maiores as possibilidades de parcerias para responder aos enormes desafios e demandas dos jovens.

## PARCEIROS E ASSESSORES TECNOLÓGICOS

Estabelecida a rede com o poder público, iniciam-se as articulações para a sustentação tecnológica do programa.

Para sua proposta formativa o Jovens Urbanos depende de parceiros tecnológicos. O acesso dos jovens à tecnologia em cursos, visitas e oficinas é viabilizado com a integração em rede desses parceiros. Em diferentes áreas de atuação, cada parceiro oferece um conjunto de conhecimentos tecnológicos por meio de estratégias metodológicas de experimentação, exploração e produção.

Para identificar, engajar e garantir a fruição de parceiros tecnológicos entre os grupos jovens foi necessário estabelecer procedimentos-padrão como definir interlocução técnica no programa atuando como referência nos contatos com as diferentes organizações. Uma rotina de registros das reuniões ajuda na produção de planos de trabalho conjunto, discutidos e definidos tecnicamente. Com o plano de trabalho definido, formaliza-se a parceria, com a assinatura de Termos de Cooperação Técnica.

## FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS: EDUCADORES E COORDENADORES

A formação dos profissionais das ONGs (educadores e coordenadores) ação estratégica do programa, é realizada pela equipe técnica PJU e também por especialistas contratados em temas relevantes da juventude.

Os educadores e coordenadores são responsáveis pela execução, gestão e gerenciamento do processo educativo junto aos jovens. A excelência do trabalho destes profissionais garante a efetividade do programa e a qualidade das práticas de formação nele indicadas.

Alguns princípios têm orientado as ações de formação desenvolvidas pelo Programa Jovens Urbanos. São eles:

- A aprendizagem se dá nas relações entre os sujeitos, conhecimentos, objetos, espaços e tempos.
- As diferenças (os saberes, práticas, modos de ser de cada um dos envolvidos) são repertórios que devem ser considerados e respeitados.
- Os repertórios dos profissionais, combinados com outros repertórios (didáticos, artísticos, tecnológicos, de circulação e usufruto do potencial da cidade) potencializam a criação de arranjos educativos diferenciados e qualificados.

A formação deve garantir, como condição para o alcance dos objetivos programáticos, que profissionais das ONGs possam incrementar e qualificar seus repertórios teóricos e metodológicos de ação com juventude. Nesse sentido, cabe ao Programa Jovens Urbanos implementar experiências de aprendizagem diversificadas que permitam a coordenadores e educadores a apropriação:

- da metodologia do programa: cartografia, exploração, experimentação e produção;
- de múltiplas possibilidades de práticas formativas de exploração, experimentação e produção, considerando os territórios da cidade destacados pelo programa: artes, letras, saúde, esporte/lazer; ciências, mundo do trabalho e políticas públicas;
- de subsídios necessários para fomentar, apoiar e sustentar a formulação e a implementação de ações de intervenção na cidade pelos jovens participantes.

Para responder a esses objetivos, o programa criou um conjunto de estratégias:

- Encontros presenciais – seminários, módulos, oficinas, encontro de mobilização, encontro de avaliação, colóquio;
- Acompanhamento a distância – Uso de ferramentas da internet (blogs, sites e listas de discussão);
- Visitas técnicas.

A coordenação dos encontros, independentemente de seu formato, é feita em dupla de técnicos – enquanto um fica responsável pelo apoio e registros escritos e fotográficos e o outro fica responsável pela condução da atividade.



Importante destacar que o Programa Jovens Urbanos opta pelo trabalho conjunto entre educador (diretamente responsável pela execução do processo formativo) e coordenador (responsável por garantir as condições pedagógicas, administrativas e logísticas para a execução do processo formativo).

O coordenador tem papel fundamental no programa, já que é ele quem acompanha, dá suporte e responde às demandas e necessidades do educador e do grupo de jovens no cotidiano das organizações. Uma das estratégias é a de recomendar que o coordenador seja do quadro de profissionais efetivo da organização e participe dos processos de formação com os de educadores, como meio de garantir que os aportes formativos possam perdurar e ser multiplicados nas ONGs, após o término do programa.

## FORMAÇÃO INICIAL DOS EDUCADORES E COORDENADORES

No Programa Jovens Urbanos o processo de formação dos profissionais divide-se em duas etapas: formação inicial (antece o início do trabalho dos educadores com os jovens) e formação continuada (concomitante ao trabalho realizado com os jovens)

A formação inicial apresenta o programa, seus componentes e agentes envolvidos, garantindo o planejamento das ações formativas. Este processo acontece antes das ações de formação dos jovens.

Considerando a amplitude e a complexidade da estrutura e funcionamento do programa, esses encontros têm em geral carga horária significativa (em média, 80 horas com o conjunto dos profissionais)

Nestes encontros são implementadas ações para que os coordenadores e educadores vivenciem a metodologia proposta pelo programa, assim como realizem o plano de trabalho de formação que realizarão com os grupos de jovens.

Alguns conteúdos e temas centrais da formação inicial:

- Alinhamento conceitual
- Juventudes contemporâneas
- Juventudes e culturas
- Juventudes e direito à cidade
- Juventudes e tecnologias contemporâneas:
- Referenciais teórico-metodológicos de formação de juventudes urbanas
- Cartografia, exploração, experimentação e produção
- Leitura, produção de textos e registro
- Tecnologia, alfabetização científica e mundo do trabalho;
- Questões étnico-raciais, de gênero e diversidade sexual;
- Estrutura programática da formação dos jovens – apresentação e validação dos cinco processos de formação dos jovens: Adesão, Vidas na cidade, Cidade em nós, Nós na cidade e Acompanhamento;
- Planejamento dos processos de formação dos jovens

Também durante a formação inicial, os coordenadores e os responsáveis pela gestão administrativo-financeira das ONGs recebem capacitação sobre prestação de contas, registro e repasse de informações (como, por exemplo, número de explorações realizadas, gastos com transportes etc).







# EXECUÇÃO DO PROGRAMA

Esta etapa compreende as **ações** de formação junto aos jovens, educadores e coordenadores das ONGs bem como as atividades de monitoramento e avaliação destas ações. Realiza-se posteriormente às ações preparatórias e tem duração de 10 meses.

## FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFISSIONAIS

A formação continuada dos profissionais é um processo paralelo à formação dos jovens. Consiste na produção de estratégias de enfrentamento dos desafios que surgem na ação do programa. Trata-se de um dispositivo que tem a função de facilitar a implementação, dirimir dúvidas, articular, acompanhar e retroalimentar continuamente as ações realizadas pelas ONGs.

A formação continuada obedece a três procedimentos: visitas técnicas, encontros regionais e encontros gerais.

As **visitas técnicas**, ao possibilitar que a equipe técnica tenha contato direto com os grupos jovens em momentos de formação nas ONGs, têm como perspectiva apreender o programa “em movimento”, trazendo à tona a percepção e avaliação dos jovens a respeito das ações vivenciadas por eles no Jovens Urbanos.

As visitas permitem, também, perceber e analisar em que medida as ações formativas desenvolvidas pelos educadores dialogam com as propostas e metas do programa. De posse de tais subsídios, definem-se encaminhamentos e ações imediatas que respondam às diferentes realidades, necessidades e interesses das ONGs e jovens.

As visitas técnicas ocorrem uma vez por mês, sempre nas ONGs, durante os dias de atividades com os grupos, e prevêem encontros para orientação técnica com os educadores e coordenadores. São realizadas por integrantes da equipe técnica e têm duração de seis horas por visita.

Os **encontros regionais** têm como objetivo socializar as experiências formativas vivenciadas no distrito, acompanhar as práticas planejadas e executadas e, em especial, identificar particularidades e demandas específicas do distrito que se relacionam com as ações desenvolvidas pelas ONGs.

Ocorrem sempre nas ONGs de uma mesma região, visando estimular a circulação e o intercâmbio de experiências e práticas formativas. Têm duração de quatro horas por encontro.

Por fim, os **encontros gerais** têm como objetivo produzir reflexões coletivas sobre as ações previstas no planejamento e as práticas realizadas. Os educadores se debruçam sobre o processo formativo forjado por eles.

### AÇÕES

Formação continuada (encontros gerais, encontros regionais e visitas técnicas).

### OBJETIVOS

Fortalecer a ação dos coordenadores e educadores por meio de acompanhamento da prática cotidiana.

Promover o intercâmbio de práticas educativas e de gestão entre as ONGs integrantes do programa.

Analisar coletivamente o desempenho e adensar a compreensão sobre o limiar do programa.

### CONDIÇÕES

Contratação de assessorias especializadas de acordo com demandas identificadas.

Realização de encontros presenciais periódicos entre profissionais das ONGs e equipe técnica do Cenpec.

Incursões da equipe técnica às ONGs executoras.

ANEXO 14 – Roteiro de visita técnica

A percepção e a reflexão coletiva deste processo possibilitam ao grupo de educadores e coordenadores nomear potências e fragilidades, sistematizar e dar visibilidade ao caminho de suas experiências e aprendizagens. O objetivo é que os profissionais identifiquem desafios e possibilidades do trabalho que desenvolvem e se reconheçam fortalecidos para criar percursos formativos qualificados e sustentáveis.

Acontecem trimestralmente com presença conjunta dos profissionais das ONGs executoras e têm duração de oito horas por encontro.



AÇÕES	OBJETIVOS	CONDIÇÕES
Formação dos jovens nas ONGs	Implementar processo de formação dos jovens nas localidades, de acordo com a metodologia (cartografia) e estratégias de exploração, e produção.	Realização de encontros presenciais dos grupos jovens com carga horária de 12 horas semanais, distribuídas ao longo de três encontros semanais. <i>ANEXO 16: Orientações gerais para a realização das explorações cartográficas</i>
Formação dos jovens: explorações e experimentações	Propor diferentes explorações e experimentações que tenham como operadores sociais: a cidade, as culturas urbanas e as tecnologias contemporâneas <sup>1</sup> .	Realização de explorações <sup>2</sup> nos territórios formativos do Programa Jovens Urbanos. Realização de experimentações <sup>3</sup> também organizadas pelos territórios destacados pelo programa.
Encontros públicos ou Culminâncias <sup>4</sup>	Apresentar, para diferentes públicos, as produções dos jovens. Promover encontros de socialização, confraternização, temáticos etc, entre os jovens e entre os jovens e outros públicos.	Estabelecimento de parcerias para uso de equipamentos públicos com condições adequadas para sediar o evento. Acompanhamento e suporte técnico, de logístico e financeiro às ONGs e aos jovens.

1 As experimentações são propostas pelo PJU via assessores ou parceiros tecnológicos.

2 Realização de circuitos e trajetos em escala local e global da cidade; realização de visitas a diferentes espaços da cidade (museus, ruas, parques, praças, cinemas, centros culturais, empresas, equipamentos públicos, órgãos de governo etc.). Os territórios de formação do programa são: territórios das artes e das letras, das artes, das ciências e das tecnologias, da saúde/lazer e esportes, do mundo do trabalho e das políticas públicas.

3 As experimentações são desenvolvidas por meio de oficinas que acontecem nas ONGs ou em equipamentos disponibilizados pelos parceiros e assessores, com carga horária mínima de 32 horas.

4 Esses eventos são organizados e implementados pelos jovens com o suporte e apoio das ONGs e do PJU.

## FORMAÇÃO DOS JOVENS

O Programa Jovens Urbanos desenvolve uma metodologia de formação orientada pela perspectiva cartográfica e pelo desenvolvimento das estratégias de exploração, experimentação e produção. Agregam-se a essa metodologia os conteúdos de formação organizados em seis territórios formativos:

- Territórios escolares e das letras;
- Territórios das artes;
- Territórios da saúde, do lazer e dos esportes;
- Territórios das ciências;
- Territórios do mundo do trabalho;
- Territórios das políticas públicas.



### EXPLORAÇÃO

Identifica o funcionamento, características e códigos das relações sociais, dos equipamentos e serviços, das tecnologias presentes na cidade. Aguça o olhar sobre o múltiplo cultural presente nos cenários urbanos.



### EXPERIMENTAÇÃO

Engaja os grupos jovens em situações diferentes de suas referências habituais, permitindo conhecer e vivenciar diferentes tecnologias, conhecimentos e repertórios culturais que compõem a vida na cidade.



### CARTOGRAFIA

Orienta a leitura e a produção de sentidos sobre realidades dos territórios. Convoca uma percepção mais atenta aos percursos e caminhos rotineiros e suas culturas habituais, promovendo o desenvolvimento de sensibilidades e o envolvimento reflexivo dos jovens com os territórios da cidade.

### PRODUÇÃO

Estimula a capacidade inventiva e de atuação do jovem na cidade, materializando os efeitos produzidos pelas vivências de exploração e experimentação.

## Cartografia

Orienta a leitura e a produção de sentidos sobre realidades dos territórios. Produz uma percepção mais atenta aos percursos e caminhos rotineiros e suas culturas habituais, promovendo o desenvolvimento de sensibilidades e o envolvimento reflexivo dos jovens com os territórios das cidades. O conceito é utilizado como norteador das estratégias de exploração, experimentação e produção que, por sua vez, se entrecruzam com trajetórias denominadas “culturais”, “tecnológicas”, e “no mercado de trabalho”.

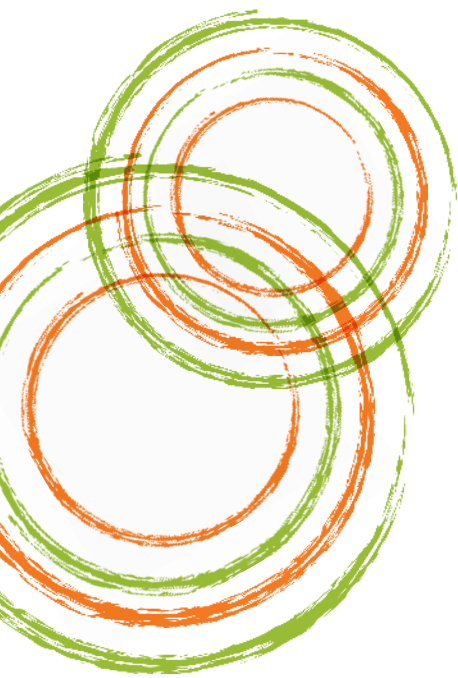
Objetivos da investigação cartográfica na formação dos jovens:

- Produzir um olhar mais atento dos jovens sobre percursos e caminhos rotineiros e sobre culturas habituais;
- Promover o desenvolvimento de sensibilidades e o envolvimento reflexivo dos jovens com os territórios da cidade;
- Conhecer e explorar espaços na cidade onde estão concentradas práticas juvenis, artísticas, tecnológicas, relativas ao mundo do trabalho, das políticas, das ciências, de promoção da saúde, de lazer e de esportes para reconhecer e diferenciar seus modos de funcionamento e organização de acordo com cada contexto humano e territorial;

- Promover encontros dos jovens com os territórios da cidade, provocando situações de debate quanto às posições que eles assumem nas práticas e espaços culturais;
- Desenvolver uma leitura pluricultural dos potenciais da cidade;
- Apropriar as singularidades presentes na vida urbana a partir de experimentações de situações urbanas variadas;
- Produzir redes de sentido e de vida renovadas na cidade;
- Provocar o surgimento de novas modalidades de se agregar, de trabalhar, de criar sentido, de inventar dispositivos de valorização da vida comum e de autovvalorização.

## Exploração

Para o programa, explorar significa identificar o funcionamento, características e códigos das relações sociais, dos equipamentos e serviços, das tecnologias presentes na cidade. As práticas de exploração na cidade aguçam o olhar sobre o múltiplo cultural presente nos cenários urbanos. Acontecem por meio de incursões a ambientes urbanos e campos tecnológicos nos distritos e bairros onde os jovens residem e outros espaços da cidade.



## TERRITÓRIOS FORMATIVOS

A cartografia e as estratégias de exploração, experimentação e produção atravessam todos os territórios formativos e constituem um arranjo curricular marcado mais pelas relações da juventude com a cidade e menos pelos conhecimentos estabelecidos em disciplinas.

Ao realizarem as explorações cartográficas na cidade, ao ampliarem as práticas de circulação e apropriação dos espaços urbanos (acesso a bens materiais e simbólicos, recursos e serviços) e ao elaborarem cartografias disparadas pelas explorações cartográficas em diferentes territórios, os jovens poderão qualificar e produzir novos sentidos e vínculos com a cidade.

Assim, os percursos cartográficos, as explorações, experimentações e produções serão organizados e realizados de acordo com os territórios formativos já destacados.

Importante considerar que trata-se aqui de certo conceito de território. Território como rede de relações e não como espaço. O território não é um receptáculo, não é um continente, não é um vaso dentro do qual inserimos as relações sociais, políticas, econômicas, ou seja, o território não é algo neutro. O território constitui, condiciona, instaura relações e pode potencializá-las ou destruí-las a depender dos arranjos que se teçam. É preciso fazer essa distinção para que possamos ter uma ferramenta conceitual para abordar a crise urbana, pois a abordagem espacial não dá conta mais disso.

Desse ponto de vista propomos alguns recortes territoriais que têm sinergia com as juventudes.

## CRITÉRIOS PARA A ESCOLHA DOS TERRITÓRIOS FORMATIVOS

Um critério considerado fundamental na escolha dos territórios é o fato de marcarem a atualidade da vida urbana, atravessando hábitos e rotinas, relações e formas de comunicabilidade das pessoas que vivem na cidade. Nessa direção, os processos escolares, as artes, as ciências, o lazer, os esportes, o trabalho e os cuidados com a saúde atendem de forma especial a esse critério, tendo em vista a forte presença de suas práticas e saberes no universo da vida urbana contemporânea.

Um segundo critério foi mobilizado pelo fato de esses territórios comportarem modos de funcionamento que aglutinam públicos com perfis diferenciados e de muitas de suas práticas ocorrerem por meio de algum tipo de agrupamento de pessoas em espaços específicos. São, portanto, territórios culturais que atravessam um público amplo e variável.

Um outro critério orientador da escolha deve ser o interesse em aproximar os jovens de campos de significados que se interseccionam na vida da cidade, de maneira a possibilitar que esses jovens visualizem pontos de tensão, alianças e rupturas variados entre as formações culturais.

### Experimentação

As experimentações têm como perspectiva engajar os grupos jovens em situações diferentes de suas referências habituais. Elas permitem conhecer e vivenciar diferentes tecnologias, conhecimentos e repertórios culturais que compõem a vida na cidade. A experimentação é posta em prática em oficinas tecnológicas, chão de fábrica, chão de territórios com auxílio de parceiros e assessores contratados e também pelas ONGs participantes.

### Produção

As produções visam estimular a capacidade inventiva e de atuação do jovem na cidade, abrindo caminho para novas produções, individuais e coletivas. Os produtos tornam concretos os efeitos gerados pelas experiências de exploração e experimentação, combinando diferentes sentidos em torno de reflexões e ações compartilhadas. É um momento de síntese da vivência e do conhecimento apropriado.

Um critério também importante que conduz as escolas dos territórios diz respeito à “zona de expressividade” incitada por cada um deles nas pessoas que vivem na cidade. Caleidoscópio de imagens, sons, máquinas, movimentos, idéias e tipos de relações. Um povoado de sensações, por fim. Assim, tomamos como referência que os territórios escolares, das artes, das ciências, da saúde, do lazer e dos esportes, do mundo do trabalho e das políticas desencadeiam formas de expressão múltiplas na produção da vida urbana, de expansão de experiências dessas vidas, de renovação, enfim, dos fluxos que a afetam.

## **Territórios escolares e das letras**

A escola é o espaço do currículo formal para o aprendizado das diferentes áreas do conhecimento, essenciais para a vida em sociedade; cabe à escola a responsabilidade de formar jovens assegurando ganhos de aprendizagem que favoreçam a atuação pessoal e cívica competentes.

Mas, considerando o preocupante quadro atual de escolarização dos jovens brasileiros, esta responsabilidade não pode ser apenas da escola. Cabe também ao Programa Jovens Urbanos a responsabilidade de conjugar esforços com o poder público, com as comunidades e com os próprios jovens para que o direito à educação

pública seja efetivamente garantido a todos. Nesse sentido, o programa estimula não apenas a frequência escolar, mas também o retorno aos estudos e a continuidade dos processos formativos de todos os jovens que já terminaram o ensino regular. Essa responsabilidade deve se concretizar por meio da atenção às condições de vida dos jovens, de processos de articulação e parceria com as secretarias de educação, subprefeituras, com as escolas públicas, com instituições públicas que ofertam cursos técnicos, pré-vestibulares, instituições privadas que concedem descontos e bolsas, empresas que apóiam processos de formação e estágio etc.

A aprendizagem da leitura e da escrita é um dos papéis fundamentais da escola. No Programa Jovens Urbanos sabemos o quanto é necessário apoiar a escola nesta tarefa. A leitura e escrita são conhecimentos básicos para o processo de aprendizagem, pois são estas as ferramentas que permitem acessar e produzir conhecimento. Considerar a configuração de nossa sociedade como sociedade do conhecimento, exige a formação de cidadãos com competência para analisar criticamente, interagir nos diferentes espaços públicos, atuar como interlocutores e produzir conhecimentos.

O território das letras pretende que o Programa Jovens Urbanos possa ser um vetor de estímulos para o jovem leitor e autor, aquele que poderá encontrar nos livros, e em seus próprios textos, novas formas de alegria e prazer em aprender.

Além disso, a aprendizagem de diversas linguagens, por meio de diferentes gêneros discursivos, não somente pode ampliar a competência lingüística e discursiva dos jovens, mas também aponta inúmeras formas de participação social. Assim, quanto mais os jovens dominarem e experimentarem situações diferenciadas de produção de linguagem, maiores serão suas capacidades de comunicação, aprendizagem, participação e intervenção na vida pública.

Objetivos de aprendizagem:

- Abordar as práticas de comunicação: tipos de situações de leitura, tipos de situações de exposições orais, tipos de situações de escritas;
- Comparar os diferentes tipos de situações (leitura/exposições orais/escritas) que circulam nos territórios escolares, refletindo sobre as funções que elas exercem na vida dos jovens;
- Estabelecer contatos ativos com os modos de comunicações que circulam no ambiente urbano (exemplo: relatórios científicos, manuais técnicos, literatura impressa, revistas, rádios, cinema etc).





## Territórios das artes

Levando-se em conta que o movimento de busca compõe as características da juventude e é uma das condições para motivar processos criativos, a prática artística reverte-se em uma experiência privilegiada para esse público.

O território das artes pretende uma aproximação entre os jovens e as artes, privilegiando a liberdade de expressão que as formas de representação artística oferecem. Elas permitem o exercício da escuta, do olhar, da sensorialidade sobre as coisas da vida e a possibilidade de os jovens encontrarem-se com suas histórias e com suas subjetividades.

*“Ao apontar para um universo de significações, a arte passa do plano da estética para o plano da subjetividade, capaz de atuar positivamente no processo de formação do indivíduo”.*

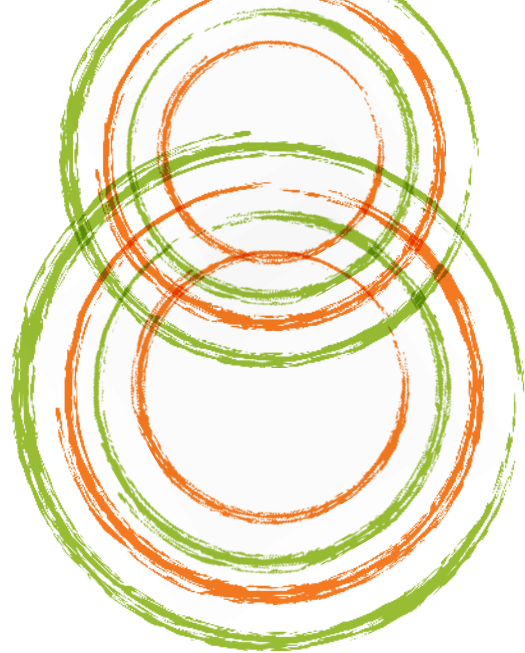
Além disso, o trabalho com artes permite que as potencialidades e o senso estético dos jovens sejam vivenciados, ampliados e aprofundados. Quando os jovens produzem trabalhos artísticos estão afirmando sua potencialidade criadora de modo a fortalecer sua auto-estima e se sentir bem consigo mesmos e com o mundo.

Quando falamos em arte, não estamos apenas nos referindo a explorações em museus, concertos de música clássica, peças de teatro. Obviamente, acreditamos que a arte, como patrimônio da humanidade, deve ser de todos e se democratizar. Mas queremos também chamar atenção para o fato de que ela pode fazer parte da vida de cada um e com isso provocar pequenas e até grandes transformações.

*“A educação promovida pelas ONGs democráticas, de gestão comunitária, nos alertam acerca da importância da arte para a tolerância à ambigüidade e a exploração de múltiplos sentidos e significações. Esta dubiedade da arte a torna valiosa na educação. Arte não tem certo e errado. Tem o mais ou o menos adequado, o mais ou o menos significativo, o mais ou o menos inventivo. Nós todos que trabalhamos com arte seríamos menos inteligentes se estivéssemos longe dela”.*

1 Entrevista Ana Mae Barbosa. [http://www.democratizacaocultural.com.br/Conhecimento/Entrevistas/Paginas/260407\\_ana\\_mae\\_barbosa.aspx](http://www.democratizacaocultural.com.br/Conhecimento/Entrevistas/Paginas/260407_ana_mae_barbosa.aspx)

2 Idem



Objetivos de aprendizagem:

- Estabelecer contatos ativos com produções artísticas, historicamente constituídas;
- Reconhecer processos múltiplos de produção estética;
- Experienciar práticas artísticas;
- Dispersar a mesmice: estimular outros modos de ver e ser visto, dizer e ser dito, representar e ser representado, imaginar e atuar na vida da cidade;
- Usufruir o prazer de criar;
- Abrir espaços simbólicos para expressão de desejos, necessidades e inquietações dos jovens.

## Territórios das ciências

Os saberes científicos e a tecnologia hoje atuam na vida das pessoas de maneira crucial, contudo se trata de um saber misterioso para a maioria das pessoas: seus modos de produção e motivações permanecem obscuros nas rotinas em que elas atuam. No geral, a relação das pessoas com a tecnologia dá-se por meio do consumo de seus produtos e não de seus saberes.

No Programa Jovens Urbanos o objetivo é que a ciência e as tecnologias sirvam como ferramentas ativas nos projetos de vida juvenis e nos projetos pessoais e coletivos que eles poderão produzir em suas comunidades. Investir no revigoramento das forças comunitárias aliando-as aos saberes científicos e às tecnologias como ferramentas – e não apenas como produtos de consumo – perfaz a ação política do Programa Jovens Urbanos.

Ao destacar o território das ciências pretendemos que agentes educativos responsáveis pela formação dos jovens sejam capazes de inserir a ciência no contexto da história das idéias, mostrando que ela é parte da cultura

da humanidade, do processo cultural em que é criada e não só um conjunto de fórmulas. A ciência é incompleta, é criação dos homens. Não existe um fim, existe uma busca e o fundamental é que os jovens participem dela e não fiquem somente na resposta, no objetivo final.

Além disso esperamos que as experimentações possam contemplar demonstrações, vivências significativas dos jovens com os saberes das ciências e das tecnologias nos campos da arte, da saúde, do esporte e lazer, da comunicação e do meio-ambiente etc. Infelizmente, na escola, a ciência é ensinada no quadro-negro. E ciência é “ver para crer”... Ao fazerem experimentos, os jovens aprendem e se maravilham, posto que participar do processo de descoberta é muito mais interessante e eficaz que copiar fórmulas no quadro-negro.

Vale destacar que um dos grandes problemas da ciência em países como o Brasil é que, em vez de criar tecnologia, nós a importamos. O Brasil exporta produtos agropecuários e importa tecnologia. É fundamental que comecemos a reverter essa situação e criemos mais autonomia tecnológica. É preciso investir na formação científica e tecnológica dos jovens, em recursos e instrumentos, em financiamentos de mais pesquisa básica, de forma que um jovem que se especializa em física ou química não tenha de ficar na universidade, ou apenas se dedicar ao ensino das ciências, mas possa produzir ciência e tecnologia, trabalhar em indústrias fazendo pesquisa.

Objetivos de aprendizagem:

- Conhecer os modos de produção das ciências e das tecnologias e suas frentes sociais;
- Realizar explorações em espaços de pesquisas e produções científicas e tecnológicas;

- Reconhecer os processos envolvidos na comercialização e implantação das tecnologias em determinado contexto social;
- Reconhecer os processos de apropriação das tecnologias pelas comunidades, além do impacto produzidos em seus cotidianos e na vida comunitária urbana (por exemplo: qualificação ambiental, investimento na economia das comunidades, qualidade de produtos consumíveis etc.);
- Vincular as problemáticas e os desafios da vida da cidade às pesquisas e produtos desenvolvidos pelas ciências e pela tecnologia;
- Experimentar e participar de demonstrações, investigações e manipulações científicas e tecnológicas;
- Desenvolver idéias interventoras, que possam assimilar os estudos relativos às tecnologias já disponíveis, quanto a gerar demandas para novos estudos e orientações de pesquisas.

## **Territórios da saúde, do lazer e dos esportes**

Este território contempla várias dimensões da vida juvenil que se complementam: educação, qualidade de vida, bem-estar, cuidados e prevenção.

O trabalho com esses temas põe a disposição dos jovens um leque de oportunidades de formação e atuação (como, por exemplo, em projetos de formação de agentes locais das políticas públicas de diversos setores: saúde, educação, cultura, esportes, lazer, segurança, meioambiente etc.) tendo por base o território, a construção de vínculos e da participação da população jovem na busca de qualidade de vida.





No caso dos agentes jovens de saúde comunitária, partimos do pressuposto de que, para o acolhimento dos jovens nos serviços de saúde, se impõe a necessidade de seu reconhecimento como sujeitos autônomos com os quais se pode dialogar diretamente, sem a mediação dos pais ou responsáveis legais. Com isso, não se pretende excluir as famílias da interlocução com os serviços ou como mais um suporte ao desenvolvimento da população juvenil. Porém, é preciso considerar fortemente a estratégia de educação por pares, ou seja, o desenvolvimento de ações de educação em saúde que privilegiem a abordagem de jovens por outros jovens.

Vale destacar neste território o grande potencial de fruição, de educação para a vida em comum, de convivência e sociabilidade que os esportes e as práticas de lazer contemplam. No programa partimos da idéia de que a juventude é tempo

de formação educacional, cultural e que, portanto, o tempo de lazer e divertimento também deve ser garantido como direito.

Ainda sobre questões de saúde é preciso fazer algumas ponderações prevenção de acidentes de trânsito e violência. Estas questões são certamente importantes e demandam informação da sociabilidade juvenil e pacto entre jovens e adultos.

No entanto, no Programa Jovens Urbanos apostamos que para ampliar as possibilidades de escolhas responsáveis dos jovens é necessário compreender as manifestações de seus problemas de saúde como expressão da vulnerabilidade dessa população diante das dificuldades e obstáculos experimentados em outras dimensões de suas vidas. Muitas vezes hábitos e comportamentos estão relacionados com outras dimensões que não podem ser reduzidas apenas à dimensão do cuidado e prevenção de riscos.

Objetivos de aprendizagem:

- Reconhecer as práticas esportivas e de lazer como oportunidades privilegiadas para a criação de vínculos comunitários na cidade;
- Reconhecer as atitudes que vigoram nas práticas de promoção da saúde, de lazer e esportivas de determinada comunidade, indagando sobre seu campo valorativo e modos de funcionamento na vida das pessoas;
- Reconhecer e valorizar espaços e práticas de prevenção, de cuidados com o corpo e de promoção da saúde;
- Conhecer e experienciar as formas de comunicação corporal (danças, rituais, coreografias etc.), presentes na cidade, bem como suas funções sociais;
- Reconhecer jogos e brincadeiras realizados nas comunidades ur-

banas – regras, tipos de organização, espaços onde se dão, relações que desenvolvem, funções sociais a que atendem;

- Explorar e problematizar as culturas do corpo assimiladas na contemporaneidade: modelos de aprimoramento físico, estético, de saúde etc.

## **Territórios das políticas públicas**

No território das políticas públicas o tema participação merece destaque.

Ao contrário do que pode parecer, não nascemos sabendo participar, participar se aprende, e se aprende participando de diferentes espaços e estabelecendo relações. Refletir, formular questões, comparar, propor, pesquisar, construir seu próprio caminho são aprendizagens fundamentais para a compreensão crítica da sociedade e o exercício da cidadania.

Discutir a participação política dos jovens na sociedade não é uma tarefa simples. Esse tema na maioria das vezes se restringe à participação eleitoral, do voto e das eleições. Mas votar não garante uma participação completa nos rumos da nação. Essas questões e outras são fundamentais para a compreensão da participação política.

O acesso, análise crítica e usufruto de políticas públicas voltadas à juventude também integra o conjunto de conteúdos abordados neste território. Além disso, busca-se estimular que os jovens não se posicionem como meros usuários ou beneficiários das políticas públicas que estão sendo criadas para seu segmento, mas que participem ativamente da construção de tais políticas para que estas possam efetivamente garantir a todos os jovens seus direitos de cidadania.

Objetivos de aprendizagem:

- Identificar e problematizar os diferentes sentidos atribuídos à política, as implicações dessas idéias para a vida coletiva e qual o papel dos cidadãos, especialmente dos jovens, nos caminhos políticos de sua cidade, de seu estado e país;
- Reconhecer e examinar criticamente as políticas públicas, especialmente aquelas dirigidas às juventudes e às suas comunidades;
- Reconhecer e valorizar diferentes formas e espaços de participação política presentes na vida da cidade;
- Identificar o modo de funcionamento dos poderes do Estado: história, natureza, função etc.

## Territórios do mundo do trabalho

Uma das mais importantes e urgentes pautas da juventude brasileira são as questões do mundo do trabalho e as possibilidades de consumo.

De acordo com a idéia de desenvolvimento integral dos jovens, é necessário que discutamos conjuntamente a dimensão da educação e do trabalho na vivência juvenil. Parece ser aqui que ganha maior visibilidade e importância a proposta de pensar o jovem de uma perspectiva que articule a formação e a experimentação. Por isso no Programa Jovens Urbanos apostamos que quanto mais os jovens acessarem, explorarem e experimentarem diferentes possibilidades de trajetórias laborais mais capacitados estarão para fazer escolhas, para criar projetos de vida que contemplem seus potencialidades e seus desejos de futuro.

Neste território espera-se que o mundo do trabalho seja discutido e analisado pelos jovens a partir das complexidades, demandas emergentes e das suas inúmeras possibilidades produtivas, tudo isso combinado à realidade dos contextos de vida da juventude.

Objetivos de aprendizagem:

- Reconhecer o impacto das tecnologias sobre o trabalho no setor eletrônico, de serviços, do meio ambiente, de comunicação e outros;
- Compor currículo e ampliar campos de empregabilidade;
- Despertar interesses de ação produtiva – setores em que desejem atuar ou se aprofundar profissionalmente;
- Propiciar experiências produtivas em emergência no quadro das economias de trabalho, valendo-se de explorações e experimentações em chãos de fabrica e escritórios ou centros tecnológicos;
- Produzir bens e saberes e fazê-los atuar no cotidiano de territórios;
- Aliar uso de tecnologias – produtos e bens tecnológicos – a perspectivas sociais e políticas que advoguem novas formas de vida na cidade;
- Reconhecer diferentes atividades laborais vinculadas às tecnologias;
- Reconhecer diferentes espaços de desempenho profissionais;
- Elaborar produtos com uso de saberes tecnológicos do mundo do trabalho;
- Utilizar e combinar múltiplas práticas laborais, para a concretização de projetos pessoais e de ações coletivas na cidade.

Abaixo, quadros com sugestões de práticas de exploração, experimentação e produção relativas a cada um dos territórios formativos:

PARA EXPLORAR	
Territórios escolares e das letras	Bibliotecas, salas e centros de leitura, salas de aula, escolas, livrarias, grupos de estudos, grupos de trabalho, encontros de pesquisas etc.
Territórios das artes	Shows, peças teatrais, cinema, mostras, exposições, apresentações etc.
Territórios da saúde, dos esportes e do lazer	Postos de saúde, hospitais, ruas, centros esportivos, academias, escolas de expressão corporal, praças etc.
Territórios das ciências	Laboratórios, centros de pesquisa, instituições científicas, espaços públicos, residências etc.
Territórios das políticas públicas	Grêmios escolares, grupos comunitários, organizações, associações de bairro, movimentos urbano-sociais, sindicatos, instituições de governo (assembléia legislativa, câmara dos vereadores, palácio dos Bandeirantes) etc.
Territórios do mundo do trabalho	Comércios, centros comerciais, empresas, indústrias, universidades, organizações do terceiro setor etc.

PARA EXPERIMENTAR

Territórios escolares e das letras	<p>Saberes, competências e tecnologias de escrita: elaboração de textos nos mais variados gêneros: poesia, opinião, cartas, memórias etc.</p> <p>Leitura dramatizada, contação de histórias, declamação etc.</p> <p>Elaboração, revisão, divulgação e distribuição de textos escritos em diversos suportes (jornais, fanzines, revistas, blogs, sites etc.)</p>
Território das artes	<p>Saberes, competências e tecnologias de criação de vídeos, programas de televisão, espetáculos de dança, de teatro, de música e performance (roteiro, captação de sons e imagens, digitalização, montagem, produção, figurino, cenário, roteiro, arte, fotografia etc.)</p> <p>Saberes, competências e tecnologias de intervenções artísticas na cidade (lambe-lambe- decalque, grafite etc.)</p> <p>Montagem e produção de exposições/ mostras/catálogos/ de fotografias, de esculturas, de pinturas.</p> <p>Técnicas e saberes de design, arte gráfica etc.</p>
Territórios da saúde, dos esportes e do lazer	<p>Ciência e tecnologias do esporte: programas computadorizados que permitem estudar músculos, articulações e forças presentes no gesto esportivo, medicina esportiva (prevenção e formas de tratamento), técnicas de treinamento e equipamentos tecnológicos (bicicletas aerodinâmicas, tecidos que aceleram a evaporação do suor, radares que detectam a velocidade da bola nas cortadas e saques do tênis de campo e do vôlei, chips que registram constantemente a posição dos competidores em provas de percurso, como maratonas, feixes de luz que medem cada etapa do salto triplo e dão o alcance real do salto em altura etc.).</p> <p>Psicologia do esporte.</p> <p>Competição x cooperação, esporte como profissão etc.</p> <p>Técnicas de expressão corporal e atividades psicofísicas (ioga, massagem, meditação etc.).</p> <p>Saberes sobre saúde pública (formas de combate às doenças e ao sedentarismo urbano, modelos de prevenção, saneamento básico, técnicas hospitalares e medicinais, agentes de saúde pública).</p> <p>Saberes, competências e tecnologias de saúde laboral e de promoção de qualidade de vida no trabalho.</p>
Territórios das ciências	<p>Ciência e tecnologias do meio ambiente (paisagismo, reflorestamento e arborização, utilização de reciclagem de entulhos na construção civil, vias públicas e circulação humana, reuso da água, eletricidade residencial e energia solar, manejo do solo urbano - uso, ocupação e conservação -, reciclagem e compostagem de resíduos sólidos, tratamento de água nas cidades, trânsito e poluição atmosférica e ecossistema urbano)</p> <p>Saberes, competências e tecnologias da produção de alimentos (hortas urbanas, reaproveitamento de alimentos, cozinha industrial etc.).</p> <p>Saberes, competências e tecnologias da produção de cosméticos e outras conforme vocação econômica dos distritos.</p>
Territórios das políticas públicas	<p>Concepção e função das políticas públicas, conhecimento e problematização das prioridades das políticas públicas no distrito e do Estatuto da Juventude.</p> <p>Concepção, formatos e funcionamento dos poderes do Estado e das instâncias e estratégias de participação política: sufrágio, movimentos estudantis, sindicais, grupos organizados da sociedade civil.</p> <p>Conselhos (municipais, estaduais, federais etc.).</p>
Territórios do mundo do trabalho	<p>Administração de negócios (tipos de empresa, cooperativas, plano de negócio, plano financeiro, pesquisas de mercado, compras, estabelecimento de preços, marketing, propaganda e vendas).</p> <p>Administração de pessoas (cooperativismo, divisão do trabalho, relação interpessoal no trabalho, remuneração, comunicação assertiva, prevenção à saúde e promoção de qualidade de vida no trabalho).</p> <p>Terceirização de serviços e funcionamento empresarial.</p> <p>Serviços informatizados.</p> <p>Processo de produção industrial (tipos de produto, maquinarias, controle de qualidade e impactos sociais etc.).</p>



PARA PRODUZIR	
Territórios escolares e das letras	<p>Saraus, encontros de estudos.</p> <p>Rodas de leitura.</p> <p>Contação de histórias.</p> <p>Fanzines, revistas, jornais, cadernos de memórias, de poesias etc.</p> <p>Peças teatrais.</p> <p>Mostra de vídeos etc.</p> <p>Debate público /comunitário.</p>
Territórios das artes	<p>Espectáculos teatrais, de dança, performance.</p> <p>Intervenções artístico-urbanas.</p> <p>Exposições de arte: escultura, fotografia, pintura.</p> <p>Catálogos de arte: fotografia, escultura, pintura.</p> <p>Mostras de vídeos.</p>
Territórios da saúde, dos esportes e do lazer	<p>Campanhas de saúde preventiva ou de redução de danos a saúde.</p> <p>Campanhas de divulgação e realização de atividades esportivas e psicofísicas no bairro.</p> <p>Realização de eventos esportivos.</p> <p>Pesquisa sobre condições de saúde no bairro.</p> <p>Projeto de saúde pública para o bairro: formação de agentes de saúde comunitários.</p>
Territórios das ciências	<p>Projetos de intervenção urbana: paisagismo, de arborização e reflorestamento do bairro.</p> <p>Projeto de conscientização ambiental e tratamento de resíduos sólidos</p> <p>Hortas urbanas coletivas.</p> <p>Campanhas sobre reaproveitamento de alimentos, reciclagem, compostagem.</p> <p>Linha de cosméticos artesanais.</p> <p>Livro de culinária sobre organização e organização e feitura de jantares ou degustações.</p> <p>Reaproveitamento de alimentos.</p>
Territórios das políticas públicas	<p>Grêmios nas escolas.</p> <p>Conselho jovem na ONG.</p> <p>Caderno de Propostas dos jovens para a cidade via conselhos de juventude, partidos e candidatos políticos, associação de moradores de bairro, movimentos organizados da sociedade civil, ex: Todos pela Educação.</p>
Territórios do mundo do trabalho	<p>Projeto profissionalização com escolha de carreira.</p> <p>Projetos de Cooperativas, associações ou pequenos negócios.</p> <p>Estratégias de propaganda e marketing para os projetos de intervenção etc.</p>

## MATRIZ PROGRAMÁTICA DE FORMAÇÃO DOS JOVENS

Considerando a metodologia (cartografia, exploração, experimentação e produção) e os conteúdos do programa (territórios formativos), foi criada uma matriz programática que orienta a formação dos jovens.

Esta matriz organiza-se em quatro processos: Adesão, Vidas na cidade, A cidade em nós e Nós na cidade. Cada um desses processos tem objetivos e tempo de duração específicos, assim como agentes educativos responsáveis. Ao final do segundo e do quarto processos, dá-se a realização de encontros para apresentar as produções dos jovens.



PROCESSOS	OBJETIVO	AGENTES EDUCATIVOS RESPONSÁVEIS
<b>Adesão</b> Seleção Cadastro (2 meses)	Integrar os jovens ativamente no programa reconhecendo-os responsáveis por suas escolhas e com direito de apreender a dinâmica e expectativas do programa. Mobilizar maior adesão possível dos jovens ao programa.	Equipe de coordenação técnica Educadores e coordenadores das ONGs
<b>Vidas na cidade</b> Cartografando a memória e cartografando o presente: experiências e conhecimentos na/sobre a cidade (2 meses)	Dar visibilidade aos sentidos e vínculos que os jovens têm com a cidade. Ampliar a circulação em diferentes territórios da cidade. Qualificar e/ou produzir novos sentidos e vínculos dos jovens com a cidade (acesso a bens materiais e simbólicos, recursos e serviços).	Educadores e coordenadores das ONGs
<b>DIVULGAÇÃO DAS PRODUÇÕES</b>		
<b>A cidade em nós</b> Experimentando recursos tecnológicos e se implicando com a cidade (3 meses)	Expandir / qualificar conhecimentos em alguns territórios formativos. Ampliar a circulação na cidade. Qualificar e/ou produzir novos sentidos e vínculos dos jovens com a cidade (acesso a bens materiais e simbólicos, recursos e serviços)	Educadores e coordenadores Assessores tecnológicos Parceiros tecnológicos
<b>Nós na cidade</b> Implementando um projeto de intervenção coletivo na cidade. (3 meses)	Exercitar a capacidade de intervenção e contribuição dos jovens a vida pública. Ampliar a circulação. Qualificar e/ou produzir novos sentidos e vínculos dos jovens com a cidade.	Educadores e coordenadores Assessores tecnológicos Parceiros tecnológicos
<b>DIVULGAÇÃO DAS PRODUÇÕES</b>		

## 1º processo formativo - Adesão

<b>ADESÃO</b>	Integrar os jovens ativamente no programa reconhecendo-os responsáveis por suas escolhas e com direito de apreender a dinâmica e expectativas do Jovens Urbanos.	2 meses
---------------	--	---------

Durante este processo, educadores e coordenadores realizam, com o suporte e acompanhamento da equipe de coordenação técnica, diferentes ações com intuito de produzir a maior adesão possível dos jovens ao programa.

Por meio da proposição de algumas experiências de aprendizagem espera-se que os jovens vivenciem ativamente as mais importantes idéias e práticas do Jovens Urbanos.

Sugerimos que as atividades iniciem-se com propostas de apresentação pessoal por meio da elaboração de auto-retratos, depois que se trabalhe a cartografia no bairro e na cidade, as explorações e experimentações e por fim o tema tecnologias na cidade.

Acreditamos que ao compreenderem e apreenderem a dinâmica, o funcionamento e as propostas do programa, a adesão dos jovens será feita de forma mais qualificada, consciente e autônoma.



## 2º processo de formação - Vidas na cidade

<b>VIDAS NA CIDADE</b> Cartografando a memória e cartografando o presente: experiências e conhecimentos na/sobre a cidade.	Dar visibilidade aos sentidos e vínculos que os jovens têm com a cidade.	2 meses
	Ampliar a circulação.	
	Qualificar e/ou produzir novos sentidos e vínculos dos jovens com a cidade (acesso a bens materiais e simbólicos, recursos e serviços).	



Neste processo pretende-se que os jovens, ao realizarem as explorações cartográficas na cidade, ampliem as práticas de circulação e apropriação dos espaços urbanos (acesso a bens materiais e simbólicos, recursos e serviços).

Ao elaborarem cartografias disparadas pelas explorações cartográficas em diferentes territórios da cidade, os jovens poderão ampliar seus repertórios no campo das artes, do letramento etc. e também qualificar e produzir novos sentidos e vínculos com a cidade.

Todas as propostas aqui registradas estão organizadas por território formativo. Diferentemente da etapa anterior, cada proposta tem autonomia em relação às demais, ou seja, não seguem uma ordem para serem realizadas.

#### TERRITÓRIOS ESCOLARES E DAS LETRAS

<b>Objetivos</b>	Ampliar e enriquecer repertórios no campo da literatura. Estimular a produção de textos e o trabalho coletivo. Valorizar e dar a ver as histórias de vida dos jovens, reconhecendo-as como patrimônios existenciais das juventudes.
<b>Atividades</b>	Memórias.
<b>Suportes e materiais básicos</b>	Cópias dos textos e excertos autobiográficos.
<b>Práticas de circulação</b>	Pesquisa/ entrevista com atores da comunidade. Evento de socialização: evento de autógrafos nas escolas do bairro.
<b>Produção</b>	Produção de textos de memórias da escola, da casa e da cidade. Evento de socialização: autógrafos nas escolas do bairro.

#### TERRITÓRIOS DAS ARTES

<b>Objetivos</b>	Potencializar o sentido de pertencimento à casa, à rua, ao bairro e à cidade. Refletir sobre a relação estabelecida entre lugares e realidades – e como essas diferentes relações nos influenciam, nos formam e nos constituem. Incrementar as relações dos jovens com a cidade do ponto de vista artístico e estético. Exercitar capacidade de intervenção e produção nos espaços públicos.
<b>Atividades</b>	A casa. Criando um espetáculo de rua.
<b>Suportes e materiais básicos</b>	Músicas e poesias que abordam a importância dos territórios de moradia na formação, no desenvolvimento e na história de vidas das pessoas. Materiais e suportes específicos para ação de intervenção no bairro. Possível assessoria para intervenção no bairro. Material para a produção de figurino: tecidos, roupas, acessórios, maquiagens, calçados etc.
<b>Práticas de circulação</b>	Pesquisa para intervenção nos lugares marcantes da comunidade. Explorações cartográficas nos espaços do bairro nos quais se realizam e que podem receber espetáculos teatrais. Explorações/conversas com grupos teatrais. Fruição de espetáculos teatrais no bairro e a na cidade.
<b>Produção</b>	Intervenções artísticas no bairro. Roteiro e apresentação de espetáculo teatral de rua.

## TERRITÓRIOS DO MUNDO DO TRABALHO

<b>Objetivos</b>	Explorar e problematizar diferentes relações existentes nos territórios do mundo do trabalho.
<b>Atividades</b>	Mundo do trabalho: complexidades e desafios. Vida e trabalho: algumas histórias.
<b>Suportes e materiais básicos</b>	Filmes e músicas com a temática trabalho. Artigos/ textos de jornais, revistas, quadrinhos, poesias, músicas, livros etc. sobre mundo do trabalho.
<b>Práticas de circulação</b>	Explorações cartográficas no bairro sobre o mundo do trabalho: realização de entrevistas com trabalhadores e com as famílias dos jovens sobre suas histórias de trabalho.
<b>Produção</b>	Mapa cartográfico das relações entre trabalho e educação trabalho e prazer, trabalho e dinheiro, trabalho e desemprego. Histórias de trabalho.

## TERRITÓRIOS DAS CIÊNCIAS

<b>Objetivos</b>	Perceber a vida contemporânea sendo entremeada pela ciência: visualizar práticas científicas (discursivas e não-discursivas) que se misturam no cotidiano da vida juvenil e da cidade. Problematizar as relações implicações da ciência (e tecnologia) para a vida hoje.
<b>Atividades</b>	Fazendo perguntas para o mundo.
<b>Suportes e materiais básicos</b>	Filmes. Cópias de textos que abordam a ciência e a tecnologia de modo acessível aos jovens: entrevistas, artigos de jornal, textos de revistas e livros etc. Materiais plásticos para a produção do almanaque.
<b>Práticas de circulação</b>	Explorações cartográficas na cidade no território da ciência. Conversa com especialista nas escolas da região. Conversas com cientistas e tecnólogos.
<b>Produção</b>	Almanaque: fazendo perguntas para o mundo.

## TERRITÓRIOS DA SAÚDE, DO LAZER E DOS ESPORTES

<b>Objetivos</b>	Estimular a reflexão e problematizações sobre as diversas dimensões da saúde (incluindo suas instituições representantes) e suas implicações para a vida dos jovens.
<b>Atividades</b>	Corpos em cena. Famílias juvenis.
<b>Suportes e materiais básicos</b>	Máquinas fotográficas. Textos e filmes que abordam a temática da gravidez na juventude.
<b>Práticas de circulação</b>	Explorações cartográficas nos territórios de saúde: hospitais, academias, postos de saúde etc. Divulgação de pesquisa e resenhas nas escolas da região.
<b>Produção</b>	Cartografia dos corpos. Cartografia dos territórios de saúde e lazer. Cartazes e resenhas dos filmes propostos. Pesquisa sobre a importância que a juventude concede à sexualidade. Realização de debate/ colóquio sobre o tema sexualidade e juventude nas escolas da região.

### 3º processo de formação - A cidade em nós

<b>A CIDADE EM NÓS</b> Experimentando recursos tecnológicos e se implicando com a cidade.	Expandir / qualificar conhecimentos em alguns territórios formativos.	3 meses
	Ampliar a circulação na cidade.	
	Qualificar e/ou produzir novos sentidos e vínculos dos jovens com a cidade (acesso a bens materiais e simbólicos, recursos e serviços).	

Nesta etapa os jovens irão experimentar e explorar a cidade com o apoio dos parceiros e assessores tecnológicos.

Cada parceiro ou assessor será responsável por coordenar as experimentações oferecidas aos jovens, relativas a cada um dos territórios destacados pelo programa: territórios das artes, das letras, da saúde, esporte e lazer, das ciências, do mundo do trabalho e das políticas públicas. Todas as experimentações serão desenvolvidas em formatos de oficinas. Cada uma das oficinas prevê um conjunto de explorações que poderão ser realizadas no bairro e/ou na cidade.

Chamamos essas explorações e experimentações de tecnológicas, posto que o objetivo do Programa Jovens Urbanos é que os jovens acessem e se apropriem de informações e conhecimentos tecnológicos dos territórios das artes, do trabalho, dos esportes etc.

Nas ONGs, os jovens continuarão realizando explorações e produzindo suas cartografias do bairro e da cidade, paralelamente ao desenvolvimento das explorações e experimentações de responsabilidade dos parceiros e assessores. Os jovens participam, em cada semana, de dois encontros na ONG e de um encontro com parceiros ou assessores, totalizando 12 horas de formação semanal.

Todas as experimentações prevêem a elaboração de produtos finais. Nas ONGs, o produto será uma cartografia dos desejos – que se desdobrará em planos de ação para o projeto de intervenção na cidade de acordo com a escolha de um território.

Pretendemos assim que os jovens continuem expandindo e qualificando seus conhecimentos sobre a vida urbana e suas práticas de circulação e apropriação da cidade. O objetivo é que ao ter acesso e usufruir de bens materiais e simbólicos, recursos e serviços, o jovem produza sentidos e vínculos produtivos e transformadores com a cidade.

### Trabalhando com os conhecimentos das experimentações e explorações tecnológicas

Durante este processo os jovens escolhem de qual experimentação querem participar. Assim, em cada grupo os jovens participarão de diferentes experimentações e explorações.

Socializar e combinar os diferentes saberes e práticas das oficinas é um desafio para o educador, já que o planejamento das atividades nas ONGs deve considerar e agregar as experiências que os jovens estão vivendo nas experimentações e explorações tecnológicas.

Como sugestão para responder a este desafio, sugerem algumas possibilidades:

#### 1º encontro

- Após o 1º encontro com assessores e parceiros tecnológicos, organize uma rodada de conversa na qual os jovens participantes contam como foi o primeiro dia de experimentação. Para orientar essa conversa, forme subgrupos por oficina e peça que conversem a partir das seguintes proposições:

- Vamos aprender.....
- Vamos produzir.....
- As alegrias do 1º encontro foram.....
- As surpresas do 1º encontro foram.....
- Gostamos.....
- Não gostamos.....
- Não entendemos.....

- Durante as apresentações, registre as principais informações de cada oficina. Esse material será importante para a elaboração do Painel de destaques.

### Painel de destaques

- Elabore com a ajuda dos jovens um Painel de destaques. Agregue ao painel informações sobre cada uma das oficinas que você já registrou na atividade anterior;
- Em cada semana, os jovens devem alimentar o quadro com informações (destaques) das experimentações e explorações que serão compartilhadas com o grupo. Esses destaques poderão ser registros escritos ou desenhos. O painel poderá ser organizado por semanas, como linha do tempo etc. O importante é que ele possa demonstrar o percurso do grupo nas oficinas;
- Planeje um dia da semana (pode ser o dia posterior ao da realização da oficina) para que os jovens registrem os destaques no painel;
- Após o registro no painel, faça uma rodada de conversa sobre os destaques, socializando as informações, impressões, sentimentos vividos pelos jovens durante as experimentações e explorações.

### Compartilhando as aprendizagens

- Proponha que jovens participantes de determinada oficina organizem uma apresentação de suas principais aprendizagens para o grupo. Ou seja, os jovens deverão ensinar aos demais algo que tenham aprendido durante a experimentação, uma aprendizagem que seja passível de ser compartilhada com o grupo;
- Para organizar essa tarefa, você deverá elaborar um cronograma de apresentações, considerando que para produzir esse trabalho os jovens já deverão ter participado de pelo menos metade dos encontros previstos;
- É importante que você auxilie os jovens a planejarem e organizarem essa apresentação: elaboração da pauta (o que irão fazer, como e em quanto tempo), organização do grupo (quem faz o quê) e quais materiais irão utilizar;
- Os assessores também serão orientados a apoiar os jovens nesta tarefa.

#### TERRITÓRIOS DAS ARTES

<b>Objetivos</b>	Refletir e discutir sobre diferentes práticas artísticas de intervenção urbana. Elaborar propostas de intervenção artístico-urbana para a cidade.
<b>Atividades</b>	Arte e intervenção urbana.
<b>Suportes e materiais básicos</b>	Filmes sobre práticas artísticas de intervenção na cidade (arte na rua, grafite etc).
<b>Práticas de circulação</b>	Exploração cartográfica: mapeamento das intervenções de grafite no bairro e na cidade.
<b>Produção</b>	Catálogo ou roteiro de grafites. Grafite em espaços do bairro ou da cidade.

#### TERRITÓRIOS DO MUNDO DO TRABALHO E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

<b>Objetivos</b>	Aprofundar a discussão sobre o mundo do trabalho. Estimular o desenvolvimento ou aprimoramento de competências de planejamento, mobilização e articulação dos jovens.
<b>Atividades</b>	Ampliando a discussão: desafios e perspectivas do mundo do trabalho.
<b>Suportes e materiais básicos</b>	Cópias dos excertos de textos sobre trabalho.
<b>Práticas de circulação</b>	Pesquisa temática no bairro e na cidade: <ul style="list-style-type: none"><li>• Desenvolvimento integral dos jovens;</li><li>• Educação e trabalho;</li><li>• Formas alternativas de geração de trabalho e renda;</li><li>• Trabalho e divertimento: o lazer como direito.</li></ul>
<b>Produção</b>	Encontro juventude e mundo do trabalho: desafios e perspectivas.

## Mapas do P: problemáticas, potências, personagens e possíveis

- Esta proposta inaugura o processo de elaboração do Mapa do P, que irá subsidiar as escolhas e a construção do projeto de intervenção na cidade, no último processo formativo – Nós na cidade;
- Para introduzir a discussão sobre projetos, sugerimos que você assista com o grupo ao filme *Escola de rock* (EUA, comédia, direção de Richard Linklater, 2004).

Neste filme, o roqueiro Dewey Finn é demitido de sua banda. Deprimido e cheio de dívidas, aceita um emprego de professor substituto da 4ª série em uma rigorosa escola particular. Depois de espiar a aula de música que estava sendo ministrada a seus alunos, o professor decide trabalhar na sala de aula com aquilo que fornecia todo o sentido para a sua vida. Anuncia aos alunos a intenção de formar uma banda com eles para tentar vencer um concurso de rock. Ele denomina a atividade de Projeto Banda de Rock...

- Depois da exibição, proponha uma conversa com os jovens sobre o filme, e quais relações eles estabelecem entre este e o projeto coletivo de intervenção

que irão começar a produzir, que idéias e valores o filme coloca em xeque, como estas idéias se relacionam com o Jovens Urbanos etc;

- Nesse momento todos os territórios entram em cena. O desafio dos educadores será articular todas as aprendizagens e conhecimentos derivados das explorações e experimentações e das atividades coletivas desenvolvidas nas ONGs.

A seguir apresentamos algumas idéias que poderão ajudá-lo nesta tarefa:

- Forme subgrupos bem misturados, heterogêneos (procure não estimular as famosas “panelinhas”. In vista na construção de bons vínculos de grupo, para que os jovens valorizem a troca de experiências, as diferenças e o trabalho em equipe);
- No caso de um grupo de 30, propomos a formação de seis grupos de cinco jovens;
- Cada grupo sorteia um dos territórios formativos e explora as seguintes temáticas relativas ao território sorteado:

Até dez problemáticas

Até dez potências

Até dez personagens

Territórios escolares e das letras	Territórios das artes	Territórios da saúde, dos esportes e do lazer	Territórios das ciências	Territórios das políticas públicas	Territórios do mundo do trabalho
------------------------------------	-----------------------	---	--------------------------	------------------------------------	----------------------------------

- Desse modo, o grupo que sorteou territórios da saúde, do lazer e dos esportes, deverá explorar e investigar dez problemáticas, potências e personagens que se relacionam aos territórios em questão;
- Mas antes converse com o grupo sobre problemática, potência, personagem – com o objetivo de promover a compreensão de cada um destes termos.
- Inicie propondo uma “chuva de idéias” (pensamentos e idéias livres) sobre os termos;
- Solicite que os jovens registrem as idéias em tarjetas;
- Você também pode apresentar diferentes significados dos termos. Por exemplo: o conceito de potência na física, na filosofia e na psicologia; o conceito de personagem na dramaturgia, na sociologia, na antropologia. Coloque-os também em tarjetas;

- Pergunte aos jovens em que medida as idéias e conceitos se relacionam, se parecem e se diferenciam;
- A partir da discussão crie agrupamentos com as tarjetas até que o grupo possa chegar a uma idéia comum sobre problemática, potência e personagem.

### A seguir inicie o planejamento da exploração na comunidade:

- Convide os jovens a conversar livremente sobre a comunidade em que vivem, considerando o território de cada grupo.
- Ajude-os a pensar em um roteiro de exploração cartográfico que levante as principais potências, problemáticas e personagens do território. Por exemplo, nos

territórios escolares e das letras o grupo pode fazer levantamentos/pesquisas de opinião, entrevistas, nas escolas da região, conversar com professores, funcionários, alunos, pais. Pode investigar o que estes “personagens” acham da educação do bairro, a quantas andam as competências de leitura e escrita dos alunos, dos professores, quais são os espaços de leitura existentes no bairro, que tipos de incentivos à leitura existem ou não etc. A partir de todo esse levantamento - da voz dos personagens da comunidade e da opinião e senso crítico dos próprios jovens – o grupo poderá chegar a dez potências, problemáticas e personagens do território escolar e das letras.

- É importante lembrar que para a elaboração deste “mapa de problemáticas, potências e personagens do bairro” os jovens podem e devem retomar todos os conhecimentos e experiências que eles construíram durante o processo formativo – as explorações cartográficas feitas no bairro, na cidade, as experimentações com assessores e parceiros tecnológicos.
- Ao final do processo de exploração cartográfica cada grupo terá três produtos que serão apresentados a todos:
  - mapa das potências do território
  - mapa das problemáticas do território
  - mapa dos personagens do território

### Mapa dos possíveis

- Peça que os jovens escolham três problemáticas dentre as dez investigadas por eles. O desafio dos jovens será elaborar encaminhamentos para as três problemáticas que escolheram. Mas eles não estarão sozinhos nesta tarefa: além do apoio do educador, poderão contar também com as potências e com os personagens presentes na comunidade que eles também já levantaram;
- O conjunto destes encaminhamentos será chamado de “Mapa dos possíveis”;
- Os jovens podem pensar em uma produção interessante para esse Mapa dos possíveis (resumo do mapa: determinada problemática tem determinado encaminhamento, encaminhamento este que agrega as potências e os personagens da comunidade e, claro, os desejos e as idéias dos jovens);
- Apresente aos jovens possibilidades de produção do Mapa dos possíveis: talvez uma obra plástica, uma combinação entre o mapa das regiões e fotografias da exploração cartográfica, uma instalação, uma apresentação de vídeo etc;
- O resultado desse processo de atividades poderá ocupar, por um tempo combinado, um local de destaque da ONG;
- Você poderá combinar e organizar com alguns jovens um plantão no qual eles poderão explicar aos visitantes o mapeamento exposto e suas implicações mais relevantes. Organize um ensaio para que os “apresentadores” exercitem as falas mais importantes, experimentem a modulação e entonação da voz de maneira que todos possam entender e antevejam as respostas a algumas dúvidas e curiosidades que poderão surgir;
- Este mapa será o disparador, o principal conteúdo para elaboração dos projetos de intervenção na cidade, que serão planejados e implementados no processo formativo: Nós na cidade.



## 4º processo de formação – Nós na cidade

<b>NÓS NA CIDADE</b> Implementando um projeto de intervenção coletivo na cidade.	Exercitar a capacidade de intervenção e contribuição dos jovens a vida pública.	3 meses
	Ampliar a circulação.	
	Qualificar e/ou produzir novos sentidos e vínculos dos jovens com a cidade.	

O objetivo deste último processo é exercitar a capacidade de intervenção e contribuição dos jovens frente aos desafios das grandes cidades.

As práticas de circulação continuam por meio das explorações na cidade. Tais explorações, vinculadas aos planos de ação dos projetos, poderão ser ofertadas pelo Cenpec, pelos assessores ou pelas ONGs.

Neste momento a relação dos jovens com o programa e com a ONG se modifica, pois os jovens são convocados a aderir a um processo de co-autoria e responsabilização nos caminhos e rumos do Programa Jovens Urbanos. A programação agora depende das propostas de ação que os jovens serão capazes de elaborar. Caberá às ONGs e à equipe de coordenação disponibilizar recursos técnicos, financeiros e humanos para apoiá-los nesse desafio.

A implementação dos projetos pode se desdobrar para além dos 10 meses de formação, a depender do tipo de projeto e do seu tempo de execução. Por isso, o programa prevê um período de até seis meses de acompanhamento dos projetos coletivos de intervenção, para dar apoio e suporte aos grupos.

### Projetos coletivos de intervenção: uma cartografia dos possíveis

*“Você me abre seus braços e a gente faz um país”*

(Fullgás, Marina Lima, Composição: Marina Lima - Antonio Cicero)

*“Todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum”.*

(Peter Pál Pelbart)

- Proponha aos jovens a formação de um círculo perfeito.
- Inicie um processo de ativamento da memória dos jovens de todo o processo vivido no programa:
- Coloque para tocar uma música calma e bonita. Talvez uma música instrumental seja a melhor pedida. Converse com os jovens:

*“Lembrem-se do 1º dia de encontro aqui na ONG, do 1º dia no Programa Jovens Urbanos...” (dê um tempo).*

*“Como vocês se sentiram? Houve medo, surpresa, expectativa...” (dê um tempo).*

*“Lembrem-se dos momentos especiais, dos momentos difíceis, dos momentos de alegria que vocês viveram neste grupo, das amizades, dos conflitos...” (dê um tempo).*

*“Retomem na memória a exploração que mais marcou vocês. Que lugar era esse? Como foi chegar, estar nesse lugar? Que sensações essa lembrança traz?” (dê um tempo).*

*“Lembrem-se das pessoas com as quais vocês conversaram nas explorações e experimentações, das paisagens que viram, de como estava o tempo, da escolhas que tiveram que fazer, dos momentos prazerosas, alegres, intensos...”*

*“Enfim, tentem rememorar detalhes que tocaram vocês, que afetaram vocês...” (dê um tempo).*

- Avivados e ativados pela memória, diga aos jovens que um novo desafio os espera: a elaboração de um projeto coletivo de intervenção na comunidade combinando os mapas do P já construídos por eles: problemáticas, potências, personagens e possíveis.
- Mas, antes, discuta com eles o que é um projeto coletivo e o que significa intervenção.

- Converse sobre o que eles sabem e entendem sobre projetos coletivos e intervenção.
- Você, educador, fica fora da roda, mediando e anotando o que os jovens disseram. Este conteúdo deverá ser discutido com o grupo, até que todos cheguem, com a sua ajuda, a uma explicação razoável sobre projeto coletivo de intervenção.
- Proponha a formação dos grupos dos projetos. A constituição do grupo deverá ser feita de forma cuidadosa, pois nele devem caber o interesse e os desejos dos jovens. Também é importante considerar que o projeto é coletivo, e que os jovens vão trabalhar juntos durante um tempo. Que tal propor que eles pensem em estratégias e critérios para formar o grupo?
- Converse com os jovens e peça que escolham um território formativo para a implementação do projeto.
- Não faz mal que mais de um grupo escolha o mesmo território, pois os mapas com certeza poderão subsidiar mais de uma idéia ou proposta. Os jovens irão elaborar os projetos a partir dos mapas das problemáticas, das potências, dos personagens e dos possíveis.
- É muito importante que os grupos dos projetos discutam suas idéias entre si. Proponha pequenas apresentações, com as idéias iniciais mesmo, sem muita formalização, sem muita definição.
- Fomente debates, problematize as escolhas dos jovens até que os grupos consolidem quais serão suas propostas de projeto de intervenção.



### Elaborando os projetos

Um projeto costuma ter as seguintes seções:

- frase inicial explicando o nome do projeto;
- justificativa (disparada pelo mapa das problemáticas e das potências);
- objetivo e público-alvo (onde queremos chegar e quem pretendemos atingir com as nossas ações - disparado pelo mapa dos possíveis e também pelo mapa dos personagens);
- plano de trabalho (descreve o como fazer, as atividades, o passo a passo necessário para se alcançar o objetivo – também disparado pelo mapa dos possíveis);
- cronograma, atribuições e orçamento – organiza as atividades no tempo, indicando quem serão os responsáveis por realizá-las e os recursos e materiais que serão necessários (quanto vai custar cada atividade? que materiais serão necessários?);
- parcerias – com quem se pode contar? – disparado pelo mapa dos personagens.





- Incentive o grupo a criar um logotipo, cartaz, desenho para camiseta do projeto, planejar campanhas de adesão e esclarecimento;
- Quando pronto organize a apresentação de cada grupo com seu projeto. Vale a pena apresentar os projetos à ONG e à comunidade – convidem os personagens pesquisados, o pessoal dos equipamentos públicos e privados da região, familiares etc.

## Tutorial de apoio ao projeto

A fim de subsidiar os jovens na formalização de seus projetos criamos as seguintes orientações:

### Cronograma (com metas de curto, médio e longo prazo)

O cronograma de atividades de um projeto é comumente definido como plano de trabalho. Para a organização das atividades de um grupo são necessários: a identificação das atividades, o período de realização e a definição de responsáveis.

Uma recomendação inicial para a elaboração do cronograma é o retorno aos objetivos do projeto para identificar as ações necessárias para sua realização. Em seguida, cada membro do grupo escolhe o que deseja realizar dentro do projeto, cuidando para que todas as atividades sejam contempladas pelo grupo.

A partir do quadro de atividades identifica-se a ordem de realização das atividades. Esse é um momento importante em que todo o grupo debate sobre como cada atividade irá ocorrer e o que será necessário. O resultado desse processo é um quadro com atividades, tempo e responsáveis para cada ação pretendida no projeto.

O último procedimento recomendado é um novo olhar do grupo sobre o plano de trabalho elaborado. A partir da definição de alguns prazos<sup>1</sup>, observa-se tudo o que será realizado pelo grupo dentro do período compreendido e definem-se as metas que serão alcançadas pelo projeto a curto, médio e longo prazo.

Ocorre que muitos projetos trazem objetivos amplos ou muito gerais; o que muitas vezes cria um plano de trabalho tão extenso que se torna inviável planejá-lo. Recomenda-se nessas situações iniciar a elaboração do cronograma pela definição das metas de curto, médio e longo prazo do projeto. Desse modo os jovens percebem como algumas ações dependem de outras e ganham maior dimensão da quantidade de atividades necessárias para o

<sup>1</sup> Recomenda-se um mês para curto prazo, três meses para o médio prazo e seis meses para o longo prazo em função dos limites de acompanhamento do programa.

alcançe de metas que estão muito próximas no tempo. É muito comum nesse momento os jovens redefinirem seus objetivos e optarem por aquilo em que estão realmente interessados e conseguem realizar.

### Orçamento detalhado

O orçamento dos projetos no Programa Jovens Urbanos é composto de:

- **Materiais necessários**  
Compreendem geralmente materiais necessários para a realização de oficinas, eventos, intervenções, apresentações ou organização de espaços. Exigem uma estimativa de público e definição do modo de uso e acesso aos materiais por parte da equipe responsável pela atividade.  
Nunca é demais lembrar que a quantidade de materiais tem uma relação direta com o público-alvo ou comunidade envolvida. A divulgação do projeto, que também exige materiais a serem identificados e orçados, deve dedicar especial atenção aos recursos e materiais disponíveis para as atividades de modo que se divulgue o projeto para um público que poderá participar satisfatoriamente das atividades.
- **Transporte**  
Todo deslocamento dos jovens em função do projeto que necessite de transporte público ou privado deve estar previsto no orçamento. Isso inclui deslocamentos pela cidade à procura de algum grupo ou informação e compra de algum material para a realização das atividades.
- **Equipamentos permanentes**  
Os orçamentos dos projetos dos jovens devem evitar a aquisição de equipamentos permanentes como TV, DVD, câmera de filmar ou de fotografia, telão, data-show, equipamento de som de qualquer espécie ou maquinário industrial de qualquer tipo.

Em função da informalidade dos grupos dos projetos jovens, evita-se a aquisição de equipamentos permanentes. Ainda que esses equipamentos sejam importantes para a realização de ações geralmente previstas nos projetos, esses equipamentos ficariam para as ONGs que acompanham os projetos e não para os grupos de jovens.

Recomenda-se que os projetos planejem as atividades sem a aquisição desses materiais. Quando for imprescindível o uso de determinado equipamento permanente, sugere-se a articulação de parcerias pelo grupo com instituições que possam disponibilizar provisoriamente esses equipamentos para a realização das atividades.

Não existe previsão de recursos para aluguel de espaço.

## Material de consulta

CORROCHANO, Maria Carla e WRASSE, Dílson. *Elaboração participativa de projetos: um guia para jovens*. São Paulo: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2002.

Segue um exemplo de cronograma:

OBJETIVO GERAL: ENSINAR AS CRIANÇAS A LER E ESCREVER. ASSIM, SUAS METAS PODERIAM SER:		
<p>Meta 1: Realizar leituras interessantes e interativas com bons livros.</p> <p>Atividades:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Escrever cartas solicitando doação de livros;</li> <li>- Conseguir 100 livros de doação;</li> <li>- Realizar leituras divertidas, com eventos e teatros.</li> </ul>	<p>Meta 2: Ter um bom espaço para realizar as aulas.</p> <p>Atividades:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Procurar e perguntar nas escolas, igrejas, clubes esportivos;</li> <li>- Conseguir doações ou tentar arrumar um espaço de graça;</li> <li>- Solicitar pequenas doações e organizar eventos para conseguir dinheiro e manter o local bonito e limpo, com luzes e cores.</li> </ul>	<p>Meta 3: Ter um grupo, inicialmente, de 20 crianças e 2 professores.</p> <p>Atividades:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Divulgar e convidar crianças para as aulas com leitura divertida;</li> <li>- Organizar um grupo de adultos que queiram ser professores;</li> <li>- Organizar as atividades com uma linha do tempo, questões de transporte e outras.</li> </ul>

METAS	ATIVIDADES	RESPONSÁVEIS (QUEM FAZ?)	1 2 3 4 5 6					
			1	2	3	4	5	6
Meta 1	Escrever cartas solicitando doação de livros							
	Conseguir 100 livros de doação							
	Realizar leituras divertidas, com eventos e teatros							
Meta 2	Atividades							
Meta 3	Atividades							

Segue um exemplo de orçamento:

NATUREZA DA DESPESA	DESCRIÇÃO/ QUANTIDADE	MESES						TOTAL
		1	2	3	4	5	6	
<b>1. MATERIAL</b>								
1.1 Papelaria	X sulfites, X canetas, etc.	300	300	300	300	300	300	1.800
1.2 Impressões	X	100	100	100	100	100	100	600
1.3 Spray e tintas	X spray e X tintas	200	200	200	200	200	200	1.200
<b>SUBTOTAL 1</b>								<b>3.600</b>
<b>2. TRANSPORTE</b>								
2.1 Ônibus/ metro	X jovens	300	300	300	300	300	300	1.800
2.2 Ônibus/ metro	X artistas				200	200		400
2.3 Carreto	Transporte do equipamento				200	200		400
<b>SUBTOTAL 2</b>								<b>2.600</b>
<b>3. EVENTOS</b>								
3.1 Equipamentos	Som e luz				0 <sup>5</sup>	900	900	1.800
3.2 Mala direta	E-mails				0	0		0
3.3 Divulgação	X impressos e X banners		100	100	100	100	100	500
<b>SUBTOTAL 3</b>								<b>2.300</b>
<b>TOTAL GERAL</b>							<b>R\$</b>	<b>8.500</b>

## **Criando uma rotina de trabalho no grupo de jovens**

É na ação cotidiana que as intenções estabelecidas no projeto coletivo de intervenção se concretizam ou não. Daí a importância do planejamento e da escolha das atividades. A adoção de rotinas diárias de trabalho favorece a organização das atividades, a segurança dos jovens e o estímulo ao desenvolvimento cada vez maior de sua autonomia.

É fundamental os jovens organizarem a rotina diária, de acordo com o planejamento da semana: o que vai ser feito, quem vai participar, qual será a seqüência de atividades, quais as prioridades, quem vai coordenar, qual o tempo a ser empregado em cada tarefa etc.

Para que esse processo seja eficaz, ele deve ser sistematizado e registrado pelos jovens para que as informações e decisões não se percam e que eles possam ter tanto um histórico do desenvolvimento do projeto como de seu percurso de suas conquistas.



## **Avaliação**

Ao término das ações organizadas por certo período de tempo, é importante realizar uma avaliação mais ampla e abrangente do projeto com os jovens, para verificar o alcance dos objetivos propostos e identificar os pontos fracos e fortes, tendo em vista seu aperfeiçoamento e continuidade.

Nesse momento, as várias “faces” do projeto devem ser analisadas, os dados colhidos no acompanhamento das ações, sistematizados e as diferentes pessoas ou grupos envolvidos devem ser informados.

Pode-se “olhar” para o projeto coletivo de intervenção e perguntar:

**O que pretendíamos alcançar com o projeto? O que conseguimos?**

**Que pistas ou indicadores temos para saber se as mudanças, os objetivos pretendidos estão realmente ocorrendo? Em que medida ou extensão?**

Nessa mesma perspectiva, e dependendo da realidade de cada projeto, outros aspectos que também contribuem para seu sucesso devem ser igualmente analisados: a administração e o gerenciamento do projeto; o número, a diversidade e o funcionamento das parcerias; a organização e o entrosamento do grupo; o envolvimento da comunidade etc.

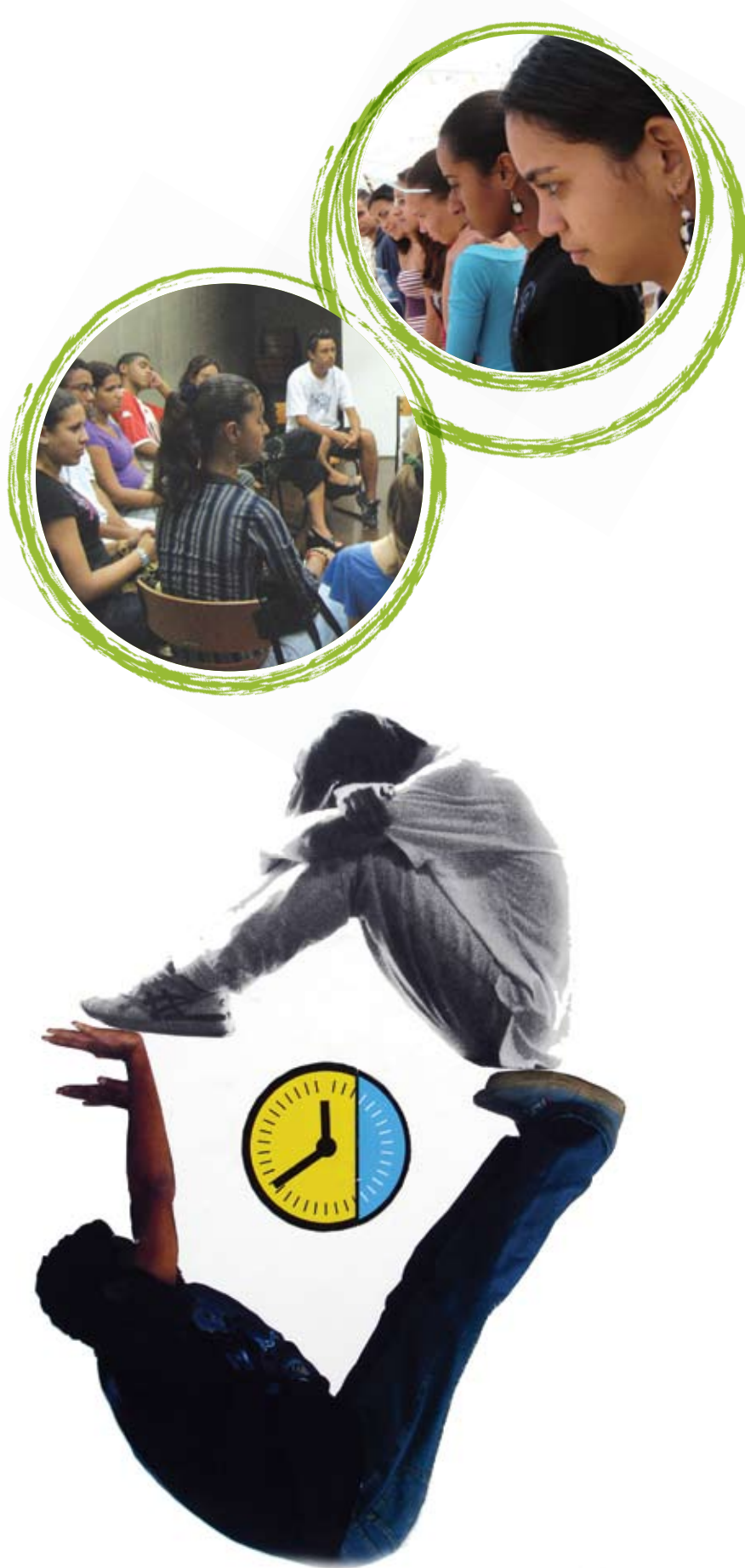
O projeto jovem não tem caráter obrigatório no desenvolvimento do Programa Jovens Urbanos. Sendo assim, nem todos os jovens que finalizaram os 10 meses de formação envolvem-se em algum projeto.

## Recebimento e análise dos projetos coletivos de intervenção

Conforme os projetos adensados começam a ser recebidos, a equipe de coordenação técnica passa a avaliá-los segundo um instrumental (segue abaixo) que leva em consideração os seguintes itens: coerência com o Programa Jovens Urbanos, envolvimento com o projeto, qualificação da proposta, formalização da proposta e resultados. Cada um destes itens é avaliado em detalhes. Aqueles avaliados como de alta viabilidade são aprovados pela equipe de coordenação técnica, recebendo um aporte financeiro que é disponibilizado para a ONG (responsável por repassá-lo aos jovens) conforme o orçamento apresentado.

Para cada projeto aprovado há um assessor capacitado para acompanhamento. A contratação dos assessores ocorre por meio da consulta ao banco de profissionais do Programa Jovens Urbanos e também pelo contato com assessores que atuam na região. A eles são enviados os projetos dos jovens para elaboração de proposta de assessoria. Segundo a avaliação da equipe de coordenação técnica, os assessores são contratados.

Os projetos que não forem avaliados com alta viabilidade devem ser reenviados para os jovens para que detalhes sejam ajustados e, posteriormente, devolvidos para nova avaliação.



## INSTRUMENTAL DE ANÁLISE DO PROJETO

PROGRAMA JOVENS URBANOS - 3ª EDIÇÃO SÃO PAULO

INSTRUMENTAL PARA ANÁLISE DE PROJETOS JOVENS

ONG:

PROJETO:

### INDICADORES DE VIABILIDADE

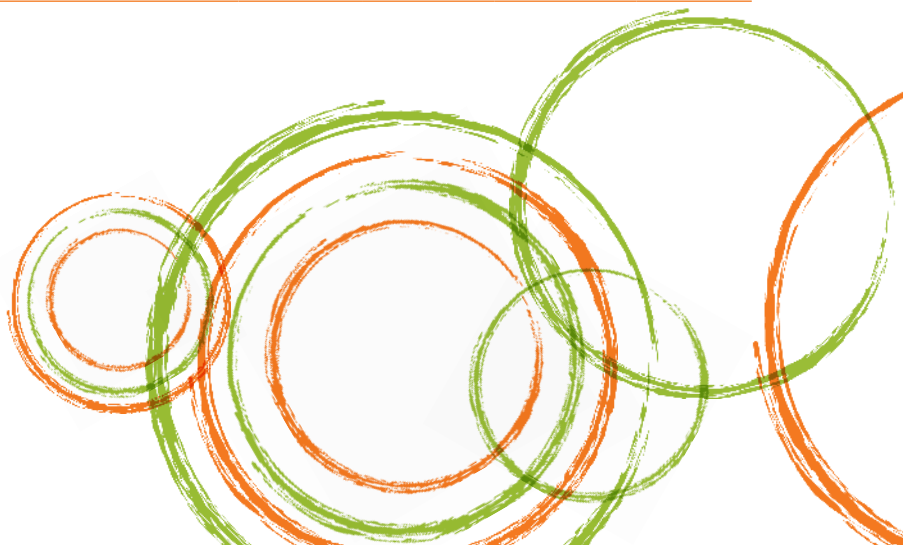
INDICADOR	DESCRITOR	ÍNDICE			TOTAL
		Alto	Médio	Baixo	
"1. COERÊNCIA COM O PJU (peso 3)"	Com os objetivos				
	Com as experiências formativas				
	Com possibilidades orçamentárias				
"2. ENVOLVIMENTO COM O PROJETO (peso 3)"	Número de jovens				
	Apropriação da proposta*				
	Organização/ responsabilidades				
	Ações realizadas				
	Rede de apoio/ parcerias				
"3. QUALIFICAÇÃO DA PROPOSTA (peso 3)"	Objetivos				
	Público-alvo				
	Possibilidade de locais				
	Ações previstas				
	Cronograma/ metas a curto, médio e longo prazo				
	Orçamento**				
"4. FORMALIZAÇÃO DA PROPOSTA*** (peso 0,5)"	Entrega do roteiro				
	O projeto contempla os itens solicitados no roteiro				
"5. RESULTADOS (peso 0,5)"	Produtos				
	Divulgação/ Comunicação				
<b>TOTAL</b>					

### PARECER TÉCNICO

\* Observar circulação das práticas e falas.

\*\* Cuidado com aquisição de materiais permanentes.

\*\*\* O projeto poderá ser entregue em outro formato, mas deverá contemplar os itens solicitado no roteiro do PJU.



## ENCONTROS PÚBLICOS: DIVULGANDO AS PRODUÇÕES

Ao final do 2º e 4º processos de formação, os jovens serão os protagonistas de eventos públicos no qual serão apresentadas todas as produções resultantes do processo formativo vivido por eles no PJU.

Os encontros públicos têm a função de disseminar e tornar públicas as diferentes produções dos jovens ao longo do processo formativo.

O Programa Jovens Urbanos acredita que os jovens são capazes de criar e intervir em suas realidades pessoais e coletivas de forma responsável e criativa. Além disso, o reconhecimento público do potencial da juventude e a valorização de suas produções são vitais para o processo formativo dos jovens.

Os encontros públicos são organizados em co-responsabilidade entre equipe técnica, ONGs e jovens. São realizados, em geral, em locais públicos de participação juvenil, como escolas e centros educacionais ou culturais.

São convidados a participar dos eventos: Fundação Itaú Social, Cenpec, ONGs executoras, as comunidades incluindo as famílias dos jovens, lideranças e grupos organizados da comunidade como associação de moradores, grupos de jovens que protagonizam projetos culturais comunitários, parceiros locais do programa e da ONG (subprefeituras, escolas, outras ONGs); parceiros e assessores tecnológicos, convidados dos jovens (em especial, pessoas entrevistadas e abordadas durante as explorações cartográficas).

A responsabilidade pelo processo de divulgação e convite é compartilhada entre jovens, ONGs e equipe técnica. Cada um destes grupos define, em conjunto, que públicos irão acionar e quais são as melhores estratégias de divulgação e convite para cada um deles.

A realização destes encontros cumpre função de mostrar publicamente que os jovens são capazes de produzir e atuar de forma autônoma, consciente e criativa; que são capazes de se preocupar e de propor ações relevantes que visam o seu próprio bem e o bem-estar de suas comunidades; que são capazes de trabalhar e de produzir coletivamente em prol de um objetivo comum; enfim, que o investimento em educação (quando feito de forma democrática, qualificada, conseqüente e responsável) traz ótimos e, muitas vezes, surpreendentes resultados para a formação e para a vida dos jovens.

Este tipo de encontro que deliberadamente agencia (“coloca junto”) atores e representantes de segmentos tão heterogêneos da cidade tem a função de promover o contato e ampliação do campo de relações desses diferentes públicos, fortalecendo suas possibilidades de composições e parcerias, afinal todos eles têm em comum a luta por uma cidade socialmente mais justa e digna. Todas essas pessoas e instituições caracterizam-se por sua preocupação e por seu compromisso com as juventudes das cidades, especialmente aquelas diretamente atingidas pelos perversos efeitos da desigualdade.

Como previsto na programação dos encontros de formação, os jovens elaboram diversas produções que são selecionadas e organizadas para a apresentação pública. No último encontro público (que se realiza ao final dos 10 meses de formação) a atenção e o investimento dos jovens estão dirigidos à apresentação de seus projetos coletivos de intervenção na cidade.

Os educadores e coordenadores são orientados para o planejamento e preparação dos encontros públicos no decorrer da formação. Além disso, os jovens também contam com o apoio da equipe técnica do Cenpec e de assessorias contratadas.



# ACOMPANHAMENTO DOS PROJETOS DE INTERVENÇÃO

O acompanhamento dos projetos de intervenção constitui importante estratégia de suporte e aprimoramento das ações desenvolvidas pelos jovens. O acompanhamento é de responsabilidade tanto das ONGs quanto da equipe de coordenação técnica do programa.



Neste acompanhamento, algumas questões importantes devem ser consideradas:

- Como está a frequência dos jovens? Que providências estão sendo tomadas em relação aos jovens que participam do projeto irregularmente?
- Como estão o envolvimento e interesse dos jovens nas ações do projeto?
- Como estão o envolvimento e a satisfação dos jovens em relação à assessoria técnica e ao apoio das ONGs? Elas/eles se expressam em relação a esses apoios? Manifestam satisfação ou críticas? Estão tendo oportunidade para isso?
- Quais as dificuldades e quais os acertos dos assessores e da equipe da ONG no apoio e suporte aos projetos? E das outras pessoas que têm contato com os jovens?

Essas perguntas são apenas sugestões. As questões do acompanhamento irão variar de acordo com os projetos, bem como os objetivos a que cada um se propõe. Para ser capaz de respondê-las, as equipes técnicas do programa e da ONG devem observar atentamente os jovens, proporcionando a oportunidade de auto-avaliação dos próprios participantes.

Para a efetivação do acompanhamento sugerimos a realização de algumas estratégias de acompanhamento:

- 1) Relatórios dos assessores;
- 2) Visitas técnicas de acompanhamento;
- 3) Entrevistas com os jovens;
- 4) Questionário aplicado aos jovens;
- 5) Blogs dos projetos;
- 6) Acompanhamento orçamentário dos projetos jovens.

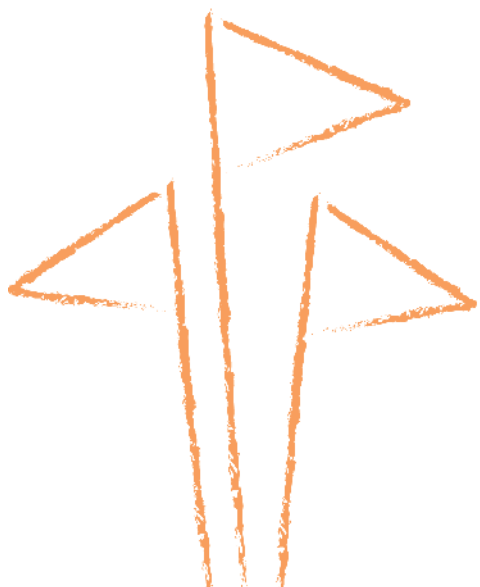


## RELATÓRIOS DOS ASSESSORES

O Programa Jovens Urbanos disponibiliza assessores tecnológicos nas áreas correspondentes a cada um dos projetos, aproveitando qualificação dos profissionais para adensar, adequar e aprimorar os planos dos projetos às demandas de implementação.

Para o acompanhamento de suas ações, os assessores elaboram relatórios técnicos mensais que apresentam os seguintes aspectos: ações desenvolvidas com os jovens; produtos e resultados alcançados; datas e carga horária dos encontros com os jovens. Essa estratégia estabelece a interface entre as ações dos assessores e a equipe técnica do PJU.

A partir do conjunto de relatórios mensais correspondentes a cada projeto são elaborados pareceres técnicos compostos por quatro dimensões de análise – diversidade e pertinência de estratégias; autonomia e participação dos jovens; sustentabilidade técnica do projeto; produtos/resultados alcançados –, assim como destaques.







## VISITAS TÉCNICAS DE ACOMPANHAMENTO

As visitas técnicas de acompanhamento visam monitorar o desenvolvimento de cada um dos projetos de intervenção. Além disso, buscam levantar informações iniciais sobre a implementação dos projetos tais como: pontos fortes e críticos; frequência dos jovens e assessores; relação entre os jovens; relação do grupo com a ONG e indicações para a visibilidade dos projetos. Essas informações são levantadas por meio de conversas de caráter informal com jovens, coordenadores e educadores. Após este levantamento inicial, as visitas técnicas passam a recolher informações que subsidiam uma análise mais detalhada sobre a situação dos projetos. Nesse período, são utilizadas duas estratégias complementares de acompanhamento dirigidas a cada grupo jovem representante de um projeto: a entrevista e a aplicação de questionário.

## ENTREVISTAS COM OS JOVENS

Apresentamos algumas questões que podem orientar a entrevista com os jovens:

1. Qual o número de participantes hoje do projeto, considerando os que participam de verdade? Houve desistências? Quantos desistiram? Que motivos vocês acham que fizeram as pessoas desistirem do projeto?
2. Falem um pouco sobre a relação do grupo com a ONG.
3. Falem um pouco sobre a relação do grupo com o assessor.

## QUESTIONÁRIO APLICADO AOS JOVENS

O questionário constituiu a segunda estratégia complementar de coleta de dados na visita técnica de acompanhamento. Seguem algumas sugestões de questões para o levantamento de informações:

1. Nome do Projeto:
2. Nome completo dos integrantes do projeto:
3. Assessor:
4. ONG:
5. Coordenador da ONG responsável:
6. Dias de encontro:
7. Quem marca os encontros que vocês fazem?
8. Quais ações vocês realizam sem a presença do assessor ou coordenador?
9. Como vocês avaliam a participação do grupo no projeto?
10. Em que situação o projeto se encontra no momento?
11. Quais saberes vocês já desenvolveram para a continuidade do projeto?
12. Quais saberes vocês precisam desenvolver para que o projeto continue a existir somente por conta do grupo?
13. Em relação ao projeto, quais resultados e produtos o grupo teria para mostrar neste momento?
14. Qual foi a maior conquista do grupo até o momento?



## BLOGS DOS PROJETOS

Durante o período de formação, muitas ONGs criam blogs como forma de registro e divulgação das ações do programa.

Assim, considerando os interesses e disponibilidade dos jovens, as possibilidades de acesso e de manejo desta ferramenta, vale a pena incentivar que todos os grupos de projetos construam seus blogs. Montados e alimentados pelos jovens, os blogs exercitam as competências de escrita e registro, de comunicação e troca entre os jovens e outros públicos. Além disso, permitem acompanhar a execução dos projetos; fomentar a utilização de espaços virtuais de comunicação para discussão, divulgação e disseminação de idéias e práticas, além de criar um campo maior de articulação entre os projetos.



## ACOMPANHAMENTO ORÇAMENTÁRIO DOS PROJETOS

Para a implementação dos projetos jovens, o PJU disponibiliza um aporte financeiro por projeto. A validação do orçamento é feita pela equipe técnica, que utiliza como critério a coerência entre a escrita do projeto – objetivos, público-alvo, plano de trabalho, cronograma – e peça orçamentária. No caso da aquisição de bens duráveis, é entregue uma declaração autorizando a doação do material para a ONG executora ao final da execução do projeto.

Após a validação, os recursos são liberados para os projetos na conta das respectivas ONGs executoras. Fica a cargo de cada ONG definir os procedimentos para a liberação dos recursos para os projetos. De todo modo, é necessário que estes procedimentos sejam partilhados e validados com os jovens.

Ao final do período de acompanhamento a equipe técnica solicita uma prestação de contas que informe sobre cada um dos projetos: recursos gastos, previsão de gastos para os próximos três meses e relatório com informações sobre as perspectivas de continuidade e sustentabilidade dos projetos. A prestação de contas visa subsidiar a equipe técnica do Programa Jovens Urbanos numa possível realocação de recursos de projetos finalizados que não utilizaram a totalidade de seus recursos, para outros projetos coletivos de intervenção com maiores perspectivas de continuidade.





# MONITORAMENTO

O Programa Jovens Urbanos compreende o monitoramento como um **processo permanente** e contínuo que se inicia na identificação da ação e acompanha o programa ao longo de toda a sua execução. Monitorar nessa perspectiva é checar o progresso das atividades, desenvolvendo instrumentais de observação sistemática, focando em propósitos e metas, possibilitando um retorno sobre o programa aos seus parceiros, colaboradores e executores. A confecção de relatórios periódicos permite que todas as informações reunidas sejam usadas na tomada de decisões em prol do aperfeiçoamento do programa.

O monitoramento fornece informações que possibilitam analisar a situação dos jovens, da comunidade e do programa nesses cenários, possibilitando redesenhar as ações planejadas e encontrar soluções aos problemas. Garantir que todas as atividades sejam executadas corretamente pelos profissionais no tempo certo e de acordo com os compromissos do Programa Jovens Urbanos. E, por último, determinar se os investimentos feitos no programa estão sendo bem utilizados.

Em linhas gerais, podemos afirmar que o monitoramento do programa tem os seguintes objetivos:

- Gerar informação sobre a ação;
- Permitir a retro-alimentação do processo;
- Possibilitar a introdução de medidas corretoras;
- Compreender as causas que determinam o grau de alcance dos objetivos propostos;
- Subsidiar decisões no contexto do programa;
- Possibilitar o aprimoramento da ação.

O processo de monitoramento também contempla a ação de consultorias especializadas para a execução de determinados serviços.

Vinculada ao ciclo de gestão do Programa Jovens Urbanos, é adotada uma metodologia que apresenta as seguintes dimensões:

- Ações preparatórias;
- Execução.

## O MONITORAMENTO NAS AÇÕES PREPARATÓRIAS DO PROGRAMA

### *Desenho da Linha de Base da Ação*

A linha de base é constituída pelos dados dos participantes, que refletem a situação inicial do público-alvo.

Por meio de um sistema informatizado de monitoramento e avaliação – SIMA – desenvolvido pelo Cenpec, construímos uma linha de base com as seguintes entradas: jovens, educadores/ coordenadores e ONGs, nas quais são lançados informações e dados de perfil definidos previamente e que permitem, durante e ao final do processo, realizar uma análise comparativa.

Para a construção dessa linha de base realizamos as seguintes atividades:

- Capacitação dos profissionais das ONGs, em um encontro no período de formação inicial, para o cadastro de jovens;
- Inserção dos dados de entrada no SIMA;
- Análise e revisão dos dados inseridos, evitando inconsistências.



## Construção da Matriz de Monitoramento

Com o objetivo de melhorar a coleta de dados gerados ao longo do Programa Jovens Urbanos e visando desenvolver uma ferramenta complementar ao SIMA, capaz de acompanhar, a distância, os principais procedimentos de execução, o programa adota a matriz de monitoramento, que define os principais dados e indicadores de controle.

A matriz de monitoramento responde às seguintes funções:

- Subsidiar a elaboração de relatórios e outras produções do Programa Jovens Urbanos;
- Aferir, no final do programa, o grau de consecução dos objetivos e resultados propostos inicialmente, através da grade de indicadores e metas;

- Fornecer as informações essenciais do programa para os atores externos, assim como para a equipe técnica.

A construção da matriz requer várias elaborações antes de chegar a uma formulação definitiva. A idéia é consolidá-la de forma progressiva mediante a colaboração de toda a equipe técnica, permitindo assim alcançar certo grau de coerência, lógica e funcionalidade no seu desenho.

## Divulgação dos procedimentos de monitoramento

É apresentado aos profissionais das ONGs executoras todo o processo de monitoramento, incluindo:

- Apresentação da linha de base;
- Apresentação da matriz de monitoramento;
- Procedimento de rotatividade e saídas dos jovens participantes.

Desta forma os profissionais das ONGs se apropriam dos instrumentais e das práticas que são realizadas.

## O MONITORAMENTO NA EXECUÇÃO DO PROGRAMA

O monitoramento no período de **execução** é um importante instrumento de gestão, permitindo comprovar se o programa está se desenvolvendo da forma planejada, identificando fragilidades e possibilitando correções no decorrer da ação.

O Programa Jovens Urbanos adota esta dimensão através da coleta e tratamento dos dados e indicadores presentes na **matriz de monitoramento**, que permite acompanhar os principais processos desenvolvidos no programa.

## Matriz de Monitoramento (anexo 18)

Possibilita o acompanhamento do **processo formativo** abrangendo as atividades realizadas junto aos profissionais das ONGs, assim como as atividades realizadas por estes profissionais junto aos jovens.

Mediante indicadores específicos é possível aferir, em diferentes momentos, as dimensões mais significativas do processo.

São aplicadas outras estratégias para complementar a coleta de dados: questionários<sup>1</sup> e grupos focais de intervenção<sup>2</sup>.

---

1 Contratação de empresa especializada para o serviço de aplicação e tabulação dos questionários, sendo elaborado previamente o correspondente termo de referência para a contratação.

2 O dinamizador do grupo focal de intervenção é um profissional especializado contratado, sendo elaborado previamente o correspondente termo de referência para a contratação.



Os indicadores referentes à formação de educadores e coordenadores contemplam os principais procedimentos operados (encontros gerais, encontros regionais e visitas técnicas). Além disso, os indicadores referentes à formação dos jovens contemplam as diferentes estratégias formativas adotadas (exploração, experimentação e produção).

A matriz inclui o monitoramento dos projetos coletivos de intervenção. Neste sentido, a estratégia é desenhada no decorrer da ação (definição do foco, da amplitude e dos indicadores de acompanhamento).

Paralelamente, são monitorados dados quantitativos e qualitativos referentes às parcerias e assessorias estabelecidas ao longo do programa, assim como os principais procedimentos de gestão e gerenciamento realizados no âmbito do programa.

Sabe-se que nos programas voltados à juventude a saída dos jovens é significativa. Para compreender melhor os diferentes fatores que justificam este movimento, todas as saídas e seus motivos são devidamente registrados.

## **Produção de relatórios**

Os dados e informações resultantes do monitoramento subsidiam a elaboração de relatórios e outras produções que são apresentados periodicamente. Esses documentos registram os resultados alcançados comparando-os com as metas propostas.

Os dados utilizados devem permitir o cruzamento com indicadores de pesquisas e estudos externos, possibilitando enriquecer o conteúdo dos mesmos.

# **CONTROLE GERENCIAL (EFICIÊNCIA)**

O Programa Jovens Urbanos adota um sistema de gerenciamento que abrange todas as etapas de execução. O controle gerencial é um dos temas que compõem o processo de formação das ONGs participantes. A preocupação está em assegurar que a formação seja acompanhada e mapeada para corrigir rotas e para subsidiar novas ações. A capacitação de gestores de projetos sociais, tema trabalhado nos programas de formação, fortalece as ONGs e multiplica as suas ações. A preocupação em gerir de forma eficiente a aplicação dos recursos é compromisso e diretriz ética do Programa Jovens Urbanos.

O cuidado está em monitorar os resultados obtidos, as transformações geradas e o envolvimento da comunidade no desenvolvimento da ação.

O planejamento do programa é sustentado por uma peça orçamentária que orienta a programação e o controle dos recursos alocados. Este controle é realizado mensalmente por meio das estratégias de monitoramento via preenchimento de instrumentais específicos previstos na matriz de monitoramento.

No caso dos recursos repassados às ONGs o monitoramento é feito considerando as seguintes rubricas: transporte dos jovens para acesso à ONG e para as atividades que prevêm circulação na cidade, remuneração de profissionais – educadores e coordenadores – e recursos para implementação dos projetos de intervenção dos jovens.

O programa também acompanha a contratação de assessores tecnológicos para experimentações e projetos dos jovens, bem como de assessorias especializadas para reforço institucional. Na formação dos educadores o controle de recursos alocados refere-se ao material pedagógico, alimentação e transporte para visitas técnicas.

## PESQUISA AVALIATIVA

O programa foi alvo de um estudo para medir o impacto na vida dos participantes. Assim, para efeito da pesquisa, garantiu-se um grupo de comparação suficientemente parecido, um grupo de controle.

A metodologia aplicada levou em consideração os resultados após o programa e o cálculo do retorno econômico. Os indicadores escolhidos foram os resultados escolares, probabilidade de trabalho e renda salarial. Também foram considerados aspectos como a frequência de leitura, abrangência da circulação pela cidade e o envolvimento com a polícia, entre outros. As informações foram coletadas um ano após a finalização da primeira etapa do programa.

O resultado da avaliação foi positivo e estatisticamente significativo em relação ao trabalho e renda dos jovens. A média de renda mensal dos participantes do Programa Jovens Urbanos foi superior em 63 reais à renda média no grupo de comparação. A quantidade de jovens empregados também foi maior entre os que participaram do programa: ela cresceu de 15% em 2004 para 47% em 2005. Em relação ao envolvimento com a polícia, a avaliação demonstrou uma redução significativa de 8,1 pontos percentuais entre os participantes do programa – 10% deles relataram algum envolvimento em 2005.

A pesquisa constatou que os jovens egressos do Programa Jovens Urbanos apresentam maior segurança em habilidades como falar e se expressar bem, pensar soluções inovadoras e escrever e entender textos.

Os resultados da pesquisa permitem afirmar que o Programa Jovens Urbanos atingiu o seu principal objetivo, que é expandir e qualificar as perspectivas de acesso ao mundo do trabalho. Para avaliar como este resultado se mantém ao longo do tempo, a pesquisa voltará a ser feita em 2010.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam et al. Juventude, violência e vulnerabilidade na América Latina: Desafios para políticas públicas. Brasília: Unesco, BID, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CASTRO, Mary; ABRAMOVAY, Miriam, 2003. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Instituto Cidadania, 2004.

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. Cadernos CENPEC: Juventudes Urbanas, São Paulo, ano 3. n. 05, 1º semestre de 2008.

GROOTAERT, Christiaan & WOOLCOCK, Michael (1997), citado por COSTA, Rogério da. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v.9, n.17, p. 235-248, mar/ago 2005.

NOVAES, Regina; CARA, Daniel Tojeira (Orgs.). Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas. São Paulo: Conselho Nacional da Juventude, Fundação Friedrich Ebert, 2006.

POCHMANN, Márcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Instituto Cidadania, 2004.

VIGNOLI, J.R. Vulnerabilidad y grupos vulnerables: un marco de referencia conceptual mirando a los jóvenes. FILGUEIRA, C. H. Estructura de oportunidades y vulnerabilidad social: aproximaciones conceptuales recientes. In: COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE – CEPAL. Seminario Vulnerabilidad. Santiago de Chile: Cepal, 2001.

## SITES

[http://www.democratizacaocultural.com.br/Conhecimento/Entrevistas/Paginas/260407\\_ana\\_mae\\_barbosa.aspx](http://www.democratizacaocultural.com.br/Conhecimento/Entrevistas/Paginas/260407_ana_mae_barbosa.aspx)





# ANEXO 01

## ÁREAS DE INTERVENÇÃO SUBPREFEITURA DA CAPELA DO SOCORRO DISTRITO GRAJAÚ

### *Contextualização*

Este relatório apresenta dados e informações - e suas respectivas fontes - utilizados para a definição das áreas de intervenção considerando o critério do Programa: áreas de maior "vulnerabilidade e risco social".

Refere-se à 3ª edição do PJU em São Paulo e foi apresentado para Cenpec, Fundação Itaú-Social, parceiros e ONGs executoras.

A título de ilustração, apresentaremos apenas informações referentes ao Distrito do Grajaú, apesar de o Programa ter sido implementado também no Distrito do Lajeado.

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

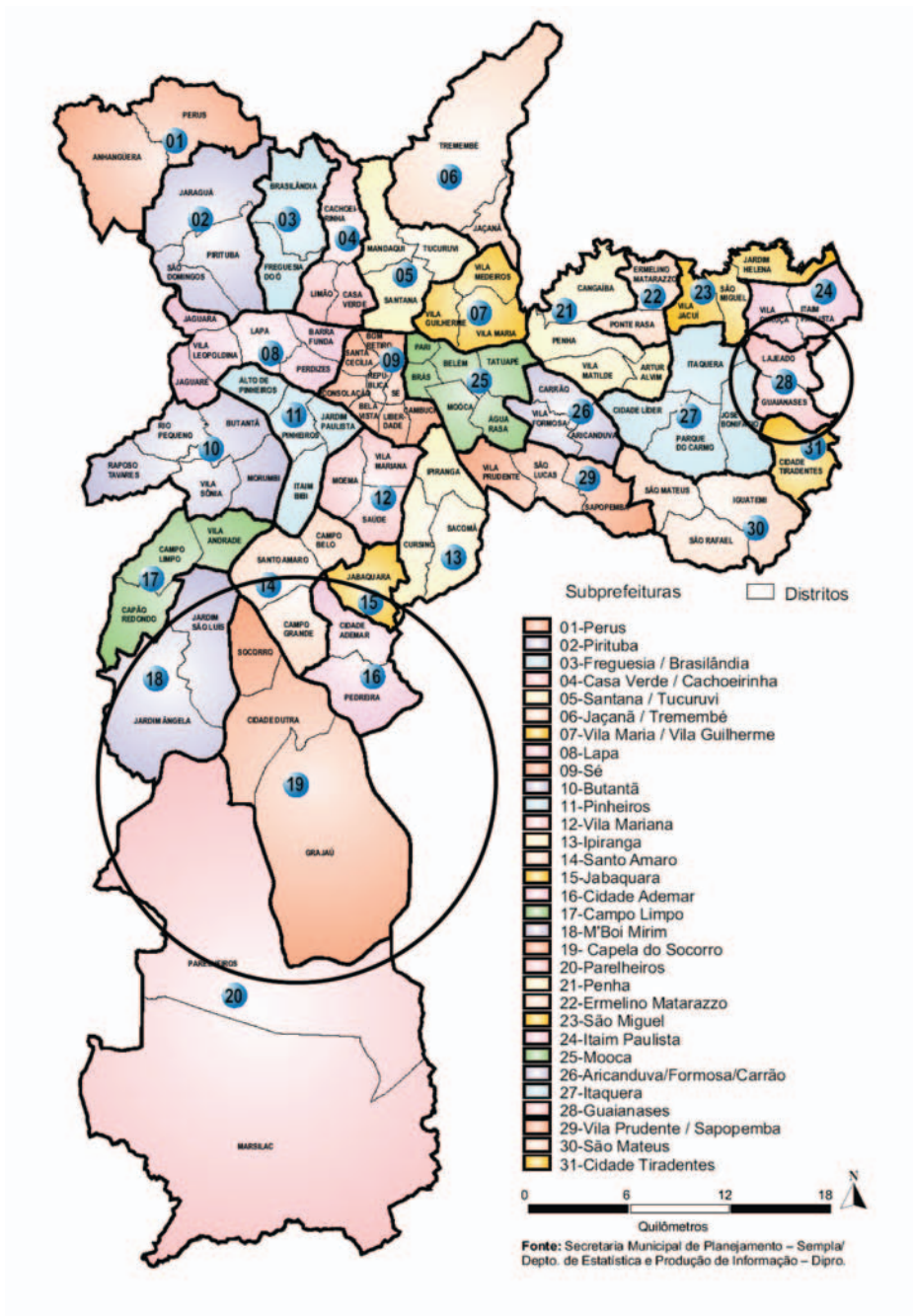
O processo de seleção das regiões para a execução do Programa Jovens Urbanos (PJU) na sua 3ª Edição na cidade de São Paulo adotou como método a pesquisa e análise de índices e indicadores intraurbanos que, de forma conjunta, permitem justificar a escolha das áreas.

Este trabalho utiliza-se de dados e análises presentes, sobretudo, nos seguintes documentos:

- Projeto São Paulo em Paz. Diagnóstico da Situação de Violência – Distrito do Grajaú. Instituto Sou da Paz, 2006;
- Município em Mapas. Série Temática Índices Sociais. Prefeitura de São Paulo, 2006<sup>1</sup>.

O objetivo primordial foi coletar e sistematizar informações capazes de alimentar a construção da presente justificativa, na qual a região administrativa da Subprefeitura da Capela do Socorro é apresentada como uma das áreas de intervenção do PJU.

<sup>1</sup> Além disso, outros dados foram coletados a partir de fontes secundárias que são citadas no corpo do texto, a saber: Dados populacionais, demográficos e territoriais; Dados e índices sociais intraurbanos; Dados sobre infra-estrutura e equipamentos públicos.



A Subprefeitura da Capela do Socorro está composta pelos seguintes distritos: Capela do Socorro, Cidade Dutra e Grajaú. Os estudos realizados pela equipe técnica do PJU apontam o Distrito do Grajaú como área preferencial de intervenção, conforme análises abaixo desenvolvidas.

## APRESENTAÇÃO – SUBPREFEITURA DE SOCORRO

Observa-se que a Subprefeitura de Socorro apresenta uma situação de “precária garantia” dos direitos humanos em função de alguns critérios de classificação estabelecidos<sup>2</sup>.

- Percentual de domicílios com rede de esgoto, excluindo fossa: 60,78%. É o 2º pior índice entre as 31 subprefeituras do município.

<sup>2</sup> Comissão Municipal dos Direitos Humanos – CMDH. Sistema Intraurbano de Monitoramento dos Direitos Humanos – SIM, 2005.

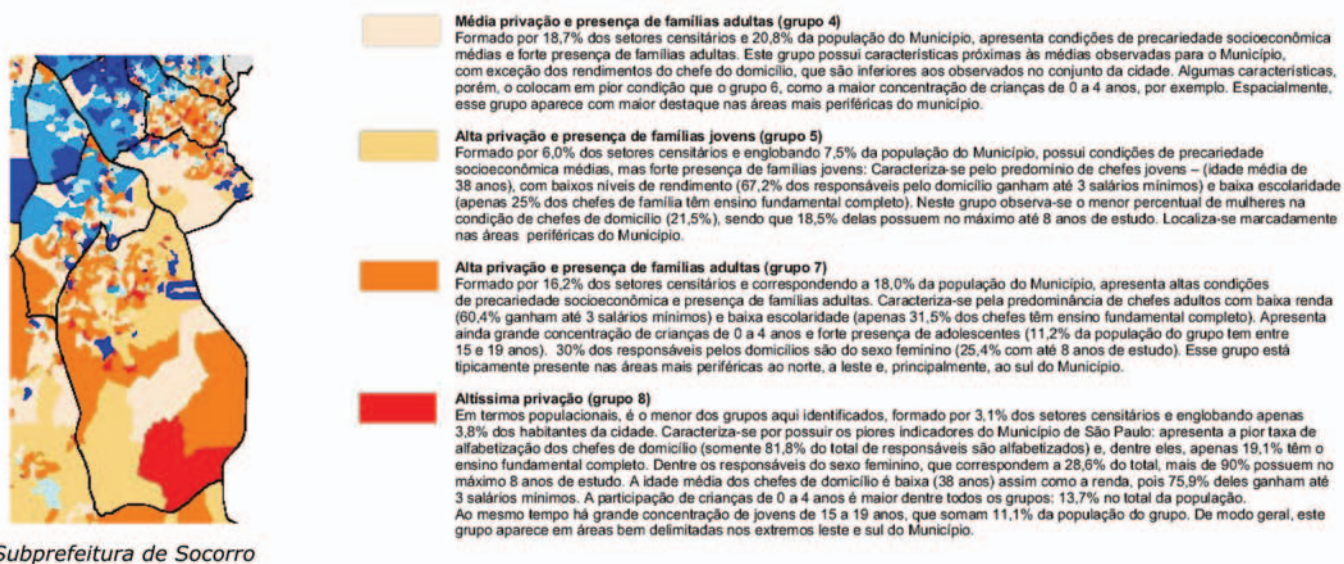
- Taxa média de desemprego da população economicamente ativa: 22,30%. Representa a 8ª pior taxa da cidade.
- Percentual da população com renda familiar per capita inferior a meio salário mínimo: 17,78%. É o 7º pior do município.
- Percentual de alunos com defasagem idade/série no ensino fundamental: 12,49%. Representa a 11ª pior taxa da cidade.
- Percentual de não aprovação (evasão e reprovação) no ensino fundamental: 5,89%. É a 16ª pior entre as 31 subprefeituras do município.
- Percentual de alunos com defasagem idade/série no ensino médio: 35,19%. Representa a 11ª pior taxa da cidade.
- Percentual de não aprovação (evasão e reprovação) no ensino médio: 19,02%. É a 17ª pior entre as 31 subprefeituras.
- Taxa de homicídio e tentativa por cem mil habitantes: 91,34. É a 3ª pior taxa.
- Taxa de homicídio de homens de 15 a 29 anos por local de residência, por cem mil habitantes: 275,24. Representa o índice mais elevado entre as 31 subprefeituras de São Paulo<sup>3</sup>.

A região possui a maior taxa de homicídio juvenil (de 15 a 19 anos), sendo maior ainda em relação aos jovens do sexo masculino (tanto como autor quanto como vítima), indicando um grave problema na região.

Ressalta-se também o fato de que a Subprefeitura de Socorro apresenta um IDH de 0,67 encontrando-se em 29º lugar no conjunto das 31 subprefeituras que conformam o município de São Paulo.

#### MAPA DA VULNERABILIDADE SOCIAL<sup>4</sup>

A legenda do mapa mostra os quatro grupos de setores censitários com maior presença na Subprefeitura de Socorro.



3 Instituto Sou da Paz. Projeto São Paulo em Paz. Diagnóstico da Situação de Violência – Distrito do Lajeado, 2006.

4 O Mapa da Vulnerabilidade Social (CEM/Cebrap, 2004) busca refletir situações locais de vulnerabilidade social a partir de variáveis censitárias consideradas relevantes para a caracterização das múltiplas dimensões da privação e da pobreza, tais como: Condições de Habitação, Renda, Escolaridade, Gênero, Idade e Estrutura Familiar.

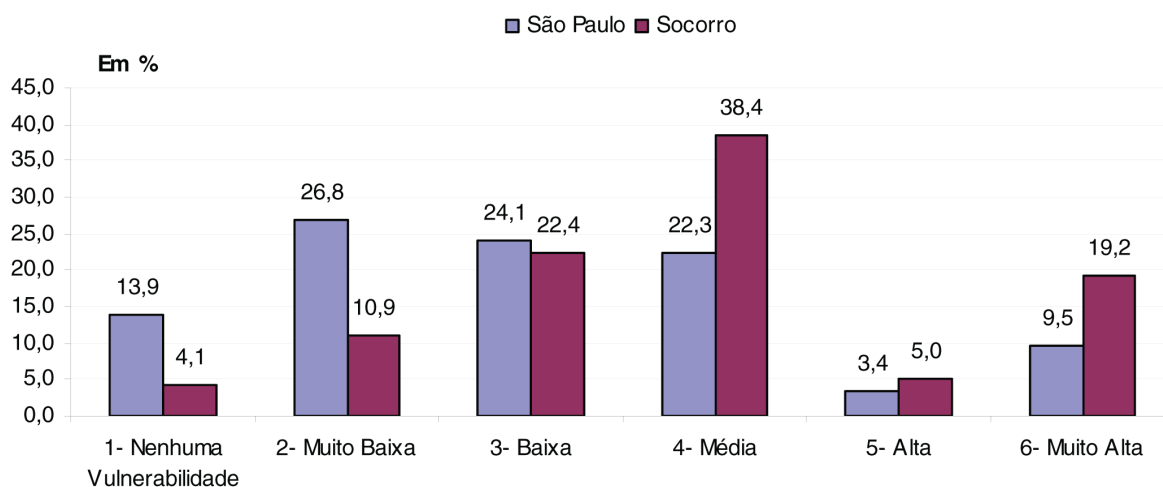
5 O IPVS (2000), elaborado pela Fundação Seade, consiste numa tipologia que classifica os setores censitários de todos os municípios do Estado em seis grupos de vulnerabilidade social. Essa classificação deriva da combinação entre duas dimensões: Socioeconômica e Demográfica, definidas a partir de um conjunto de oito variáveis.

## ÍNDICE PAULISTA DE VULNERABILIDADE SOCIAL - IPVS<sup>5</sup>

A representação cartográfica dessa classificação para a Subprefeitura de Socorro aparece no mapa, cuja legenda informa os critérios gerais utilizados na identificação de cada grupo, desde aquele em que não há situações de vulnerabilidade social, até aquele caracterizado por vulnerabilidade muito alta.



## DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO, SEGUNDO GRUPOS DO IPVS<sup>6</sup> MUNICÍPIO DE SÃO PAULO E SUBPREFEITURA DE SOCORRO



5 O IPVS (2000), elaborado pela Fundação Seade, consiste numa tipologia que classifica os setores censitários de todos os municípios do Estado em seis grupos de vulnerabilidade social. Essa classificação deriva da combinação entre duas dimensões: Socioeconômica e Demográfica, definidas a partir de um conjunto de oito variáveis.

6 Fundação Seade – Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS, 2000.

## NA SUBPREFEITURA DE SOCORRO DESTACAM-SE:

**Grupo 5 (vulnerabilidade alta):** 28.072 pessoas (5,0% do total).

No espaço ocupado por esses setores censitários, o rendimento nominal médio dos responsáveis pelo domicílio era de R\$415 e 65,6% deles auferiam renda de até três salários mínimos. Em termos de escolaridade, os chefes de domicílios apresentavam, em média, 4,8 anos de estudo, 85,2% deles eram alfabetizados e 24,7% completaram o ensino fundamental. Com relação aos indicadores demográficos, a idade média dos responsáveis pelos domicílios era de 43 anos e aqueles com menos de 30 anos representavam 16,5%. As mulheres chefes de domicílios correspondiam a 29,3% e a parcela de crianças de 0 a 4 anos equivalia a 9,5% do total da população desse grupo.

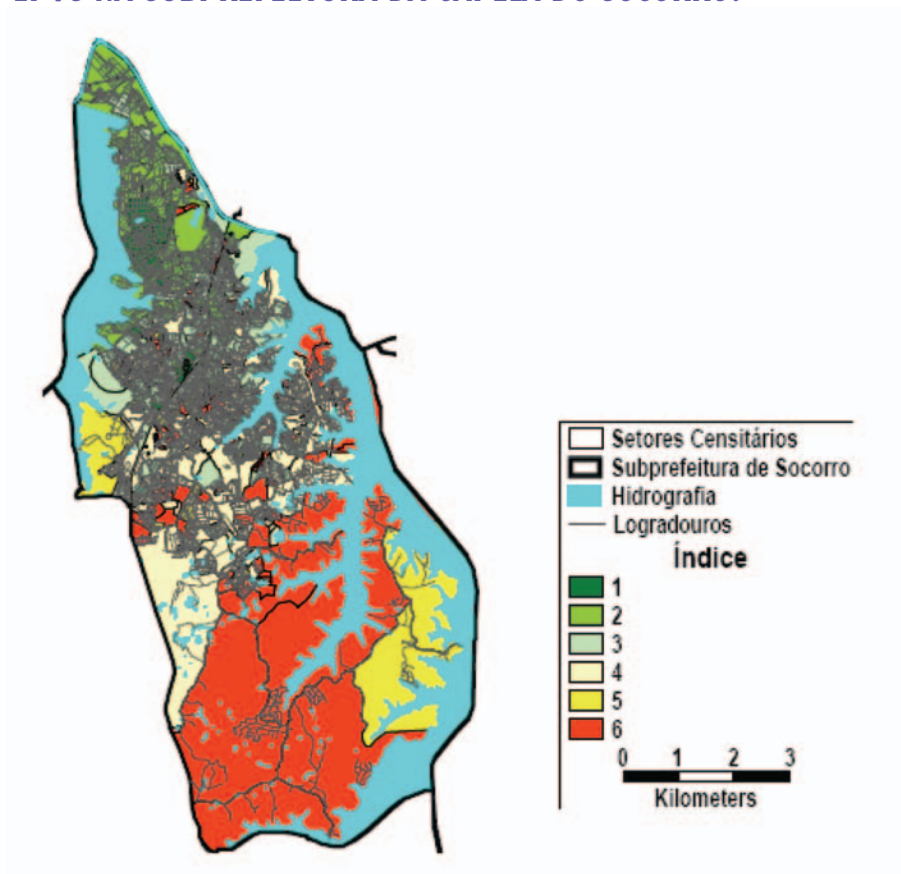
**Grupo 6 (vulnerabilidade muito alta):** 108.419 pessoas (19,2% do total).

No espaço ocupado por esses setores censitários, o rendimento nominal médio dos responsáveis pelo domicílio era de R\$355 e 72,4% deles auferiam renda de até três salários mínimos. Em termos de escolaridade, os chefes de domicílios apresentavam, em média, 4,4 anos de estudo, 83,5% deles eram alfabetizados e 20,3% completaram o ensino fundamental. Com relação aos indicadores demográficos, a idade média dos responsáveis pelos domicílios era de 39 anos e aqueles com menos de 30 anos representavam 24,8%. As mulheres chefes de domicílios correspondiam a 27,5% e a parcela de crianças de 0 a 4 anos equivalia a 12,7% do total da população desse grupo.

### ANÁLISE DO IPVS:

Ao analisarmos o mapa do IPVS podemos perceber que na Subprefeitura de Socorro os grupos 5 e 6 ocupam a maior parte do território. Vale lembrar que o IPVS é da região administrativa da Subprefeitura da Capela do Socorro que engloba ainda outros dois distritos (Cidade Dutra e Socorro). Se tomarmos o Distrito do Grajaú por separado, quase 70% do seu território é considerado setor censitário de alta privação, com vários pontos de altíssima privação e famílias jovens espalhados ao sul do distrito. Nestas áreas estão 69,1% da população total do distrito.

### RECORTE DO IPVS NA SUBPREFEITURA DA CAPELA DO SOCORRO:



## COMPOSIÇÃO DE INDICADORES IPVS – SUBPREFEITURA DE SOCORRO

Indicadores	Índice Paulista de Vulnerabilidade Social						Total
	1 – Nenhuma Vulnerabilidade	2 – Muito Baixa	3 – Baixa	4 – Média	5 – Alta	6 – Muito Alta	
População total	23.182	61.565	126.108	216.576	28.072	108.419	563.922
Percentual da população	4,1	10,9	22,4	38,4	5,0	19,2	100,0
Domicílios particulares	6.696	17.461	34.064	56.592	7.048	26.876	148.737
Tamanho médio do domicílio (em pessoas)	3,4	3,5	3,7	3,8	4,0	4,0	3,8
Responsáveis pelo domicílio alfabetizados (%)	99,6	96,7	94,0	91,3	85,2	83,5	91,2
Responsáveis pelo domicílio com ensino fundamental completo (%)	84,6	56,6	44,3	32,3	24,7	20,3	37,7
Anos médios de estudo do responsável pelo domicílio	11,2	8,0	6,6	5,5	4,8	4,4	6,1
Rendimento nominal médio do responsável pelo domicílio (em reais de julho de 2000)	2.302	1.242	748	494	415	355	693
Responsáveis com renda de até 3 salários mínimos (%)	11,6	31,3	44,0	57,7	65,6	72,4	52,4
Responsáveis com idade entre 10 e 29 anos (%)	10,0	8,6	15,1	23,1	16,5	24,8	19,0
Idade média do responsável pelo domicílio (em anos)	44	50	44	40	43	39	42
Mulheres responsáveis pelo domicílio (%)	23,3	29,8	26,8	23,3	29,3	27,5	25,9
Crianças de 0 a 4 anos no total de residentes (%)	6,9	5,7	8,2	11,5	9,5	12,7	10,1

Fonte: IBGE. Censo Demográfico; Fundação Seade.

Nota: Foram excluídos os setores censitários sem informação devido ao sigilo estatístico.

## APRESENTAÇÃO – DISTRITO GRAJAÚ

### 1. TERRITÓRIO<sup>7</sup>

O Distrito do Grajaú faz parte da região administrativa da Subprefeitura da Capela do Socorro, junto com os distritos de Cidade Dutra e Capela do Socorro. O Grajaú faz divisa com os distritos de Cidade Dutra e Parelheiros, além dos municípios de São Bernardo do Campo e Diadema. A divisa com os dois municípios se dá na própria divisão de águas da represa Billings.

- Área territorial: 92,0 km<sup>2</sup>
- Densidade demográfica (habitantes/Km<sup>2</sup>): 4.191,07

### 2. DEMOGRAFIA:

- População: 385.578 habitantes
- Taxa geométrica de crescimento anual da população: 3,82%
- Taxa de fecundidade geral (por mil mulheres entre 15 e 49 anos): 64,41
- População em idade escolar de 15 a 17 anos: 21.587 habitantes
- População em idade escolar de 18 a 19 anos: 14.827 habitantes

FAIXA ETÁRIA (SEGMENTOS DE INTERESSE PARA O PJU)	15 a 19	36.414 habitantes
	20 a 24	38.145 habitantes

O Grajaú é o distrito mais populoso de São Paulo e também o que possui o maior número de pessoas vivendo em favelas: 59.306 pessoas (IBGE 2000), isto é, 15% da população. Segundo a Coordenadoria de Planejamento da Capela do Socorro, estima-se que o Distrito do Grajaú está formado por 84 bairros e 130 favelas, grande parte em áreas irregulares e outras em áreas de risco (aproximadamente 80% do território composto por construções irregulares).

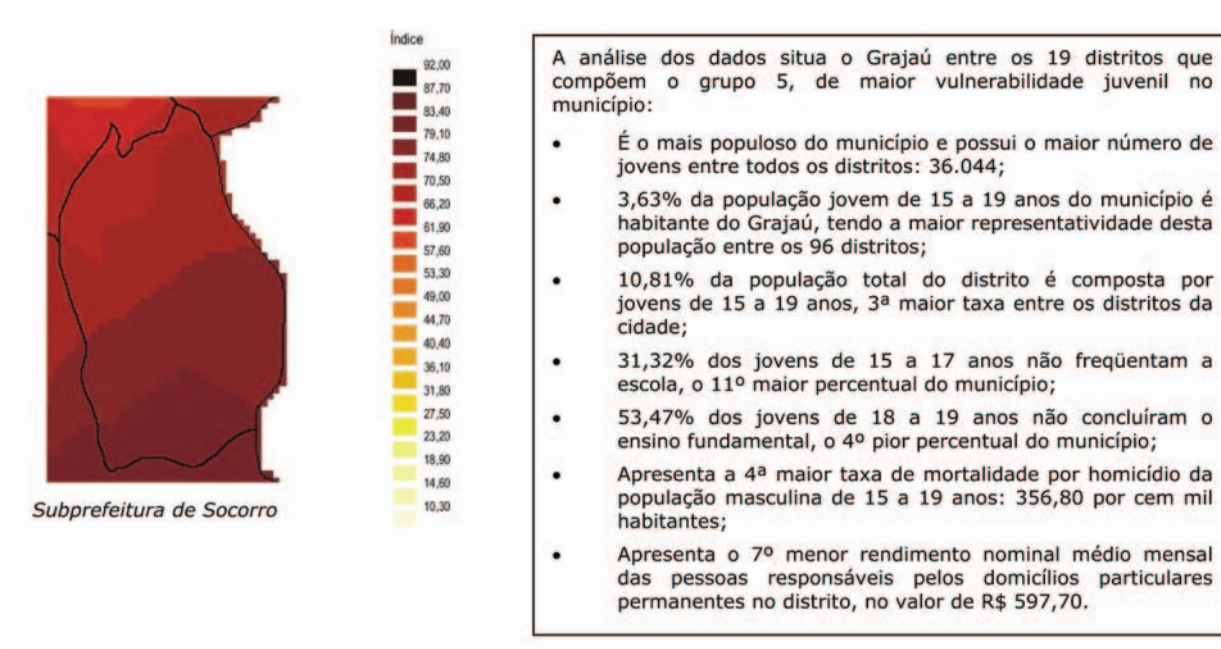
<sup>7</sup> Fundação Seade – Sistema de Informações dos Distritos da Capital, 2006.

O distrito apresenta o 5º maior percentual de crescimento populacional anual do município. A maioria da população é composta por crianças, adolescentes e jovens de até 29 anos, com um percentual de 59,63%; índice que supera a média do município, sendo 28,71% jovens entre 15 e 29 anos. Assim sendo, mais de 1/4 da população do distrito é composta por jovens.

### 3. ÍNDICE DE VULNERABILIDADE JUVENIL – IVJ

#### ÍNDICE DE VULNERABILIDADE JUVENIL<sup>8</sup> - DISTRITO GRAJAÚ

IVJ	76
Grupo de vulnerabilidade	5
População total	333.436
Participação da população jovem de 15 a 19 anos, no total de jovens do Município de São Paulo (%)	3,63
População de jovens de 15 a 19 anos	36.044
Taxa anual de crescimento populacional (%)	6,13
Participação da população jovem de 15 a 19 anos no total da população do distrito (%)	10,81
Taxa de mortalidade por homicídio da população masculina de 15 a 19 anos (por cem mil hab.)	356,80
Proporção de mães adolescentes de 14 a 17 anos, no total de nascidos vivos (%)	7,94
Rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes (R\$)	597,70
Proporção de jovens de 15 a 17 anos que não freqüentam a escola (%)	31,32
Taxa de fecundidade das adolescentes de 14 a 17 anos (por mil mulheres)	46,82
Proporção de jovens, de 18 a 19 anos, que não concluíram o ensino fundamental (%)	53,47



8 O IVJ (2000) foi elaborado pela Fundação Seade para fundamentar escolhas de áreas prioritárias para intervenções voltadas à população jovem no município. O indicador síntese permite a aferição, numa escala de 0 a 100 pontos, do grau de vulnerabilidade do jovem a situações de risco social, transgressão e violência. Através desta escala são identificados cinco grupos de vulnerabilidade juvenil. Os distritos que apresentam menor vulnerabilidade (índices próximos a 0) até os que submetem seus jovens a níveis elevados de vulnerabilidade (valores que tendem ao topo da escala).



#### **4- CONSIDERAÇÕES FINAIS - DISTRITO GRAJAÚ:**

Como observa-se no decorrer do presente trabalho, o Distrito do Grajaú se encontra em uma grave situação em função dos índices e indicadores intraurbanos apresentados:

- Percentual de pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes sem rendimento: 19,51%
- Taxa de mortalidade geral, por local de residência, por mil habitantes: 4,02
- Taxa de mortalidade por causas externas, por cem mil habitantes: 98,81
- Taxa de mortalidade por agressões, por cem mil habitantes: 70,54
- Taxa de mortalidade por AIDS, por cem mil habitantes: 3,37
- A localização em áreas de mananciais de significativa parcela do distrito exige articulação entre diferentes organismos para estudar possíveis soluções para a ocupação do distrito;
- Mais ao sul do distrito o cenário é praticamente rural, evidenciando as graves condições em que as regiões mais afastadas se encontram, estando praticamente descobertas de serviços de assistência e de equipamentos públicos;
- Em função disso, existe uma privação de direitos fundamentais como moradia, educação, saúde, emprego, cultura e lazer. Utiliza-se o conceito de “cidade ilegal” para designar a parcela da região localizada em região de mananciais.

Com relação aos jovens os indicadores apontam uma enorme população juvenil (1/4 da população) com condições precárias de desenvolvimento e pouco investimento voltado a esta camada:

- A região possui a maior taxa de homicídio juvenil (de 15 a 19 anos), sendo maior ainda em relação aos jovens do sexo masculino, e um alto índice de desemprego;
- O Distrito do Grajaú sofre de falta de equipamentos públicos, em especial de espaços de lazer e cultura. A única Casa de Cultura que atendia a região – localizada no distrito vizinho - foi fechada recentemente;
- As organizações sociais locais dividem-se em uma ampla gama de reivindicações de modo que são escassas as situações articuladas e conjuntas de trabalho, fato que se repete no caso de ações dirigidas à juventude;
- Impõe-se a necessidade de prover alternativas à enorme população jovem do distrito em situação de vulnerabilidade.

## ANEXO 02

### FICHA DE INSCRIÇÃO: SELEÇÃO DAS ONGS

#### Contextualização

A partir da definição das áreas de intervenção, e contando com apoio da ampla rede de contatos do Cenpec, a equipe técnica inicia as ações de prospecção com objetivo de acessar diferentes organizações que atuam nas áreas definidas.

Vale destacar que a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social – SMADS – disponibiliza a relação das ONGs conveniadas que desenvolvem ações socioeducativas com crianças, adolescentes e jovens em todos os distritos da cidade de São Paulo.

A partir daí começa o processo de seleção das ONGs. O primeiro passo é realizar contato com as organizações presentes nas áreas de intervenção. Esse contato inicial se realiza por emails e telefonemas, nos quais o Programa é apresentado e o convite é feito. Se a organização demonstrar interesse em participar do processo de seleção, solicitamos preenchimento da ficha de inscrição, cujo modelo encontra-se neste anexo.

Estas organizações também são convidadas a participar de um encontro no qual se apresenta o PJU de forma mais ampla e aprofundada.

#### FICHA DE INSCRIÇÃO

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. CNPJ: \_\_\_\_\_
3. Endereço: \_\_\_\_\_ Complemento: \_\_\_\_\_
4. Nº: \_\_\_\_\_
5. Bairro: \_\_\_\_\_
6. Comunidade: \_\_\_\_\_
7. Município: \_\_\_\_\_
8. UF: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_
9. Telefone: \_\_\_\_\_
10. E-Mail: \_\_\_\_\_
11. Nome do dirigente responsável: \_\_\_\_\_
12. CPF: \_\_\_\_\_
13. RG: \_\_\_\_\_
14. Telefone: \_\_\_\_\_
15. Celular: \_\_\_\_\_
16. E-mail: \_\_\_\_\_
17. Registros e inscrições em conselhos, convênios, certificados etc.: \_\_\_\_\_
18. Ano de fundação: \_\_\_\_\_

**19. Âmbito de atuação da organização:**

1. ( ) Local	6. ( ) Estadual
2. ( ) Distrital	7. ( ) Nacional
3. ( ) Regional	8. ( ) Internacional
4. ( ) Municipal	9. ( ) Não sabe
5. ( ) Metropolitano	

**20. Indique o número de beneficiários atendidos pela ONG segundo a população-alvo:**

Segmento	Qtde.
01. Crianças	
02. Adolescentes	
03. Jovens	
04. Adultos	
05. Idosos	
06. Famílias	
TOTAL	

**21. A organização desenvolve projetos de:**

1. ( ) Liberdade assistida	9. ( ) Abrigos para crianças e jovens
2. ( ) Núcleo socioeducativo	10. ( ) Abrigos para adultos
3. ( ) Qualificação profissional	11. ( ) Educação infantil (creche)
4. ( ) Cultura	12. ( ) Assessoria jurídica
5. ( ) Comunicação	13. ( ) Inclusão digital
6. ( ) Turmas de aceleração	14. ( ) Outros:
7. ( ) Grupos de terceira idade	15. ( ) Não sabe
8. ( ) Alfabetização de adultos / Telecurso	

**22. A organização desenvolve projetos com jovens?**

1. ( ) Sim
2. ( ) Não

**23. Quais projetos? Quantos jovens participam destes projetos?**

Projetos	Jovens participantes
01.	
02.	
03.	
04.	
05.	
06.	
07.	
08.	
09.	
10.	
TOTAL:	

**24. Indique a distribuição das fontes de recursos da organização em R\$ (Ano base 2006):**

Fontes de recursos	Fonte de receita em R\$ (Ano base 2006)
01. Agências multilaterais e organizações internacionais	
02. Órgãos públicos federais	
03. Órgãos públicos estaduais	
04. Órgãos públicos municipais	
05. Empresas e fundações empresariais	
06. Doações em dinheiro feitas por pessoas físicas	
07. Recursos próprios: aplicações, aluguel, etc.	
08. Vendas de produtos ou serviços	
09. Campanhas	
10. Associados	
11. Outros:	

**25. Recursos humanos da organização:**

Vínculo profissional	Número de funcionários
01. Funcionários com registro em carteira	
02. Profissionais autônomos – pessoa física (RPA, recibos etc.)	
03. Prestadores de serviço – pessoa jurídica	
04. Voluntários	
05. Estagiários	
06. Outros:	
TOTAL:	

**26. Descreva a gestão administrativa da organização:**

Profissional	Qtde.	Função
TOTAL:		

**27. Indique a disponibilidade de espaços (internos e externos) na organização disponíveis para trabalhar com os jovens:**

Espaço	Qtde.
01. Sala da administração	
02. Copa/cozinha	
03. Lavanderia	
04. Refeitório	
05. Banheiros	
06. Auditório/teatro/salão de eventos	
07. Biblioteca	
08. Salas de atividades/atendimentos	
09. Salas para oficinas de profissionalização	
10. Consultório médico/odontológico/enfermaria	
11. Salas de aula	
12. Sala de informática	
13. Quadra poliesportiva	
14. Outros:	
TOTAL:	

**28. Quais são os recursos em uso na organização?**

Tipos de equipamentos	Qtde.
01. Aparelho de som	
02. Fax	
03. Vídeo/DVD	
04. TV	
05. Retroprojeter	
06. Microcomputador	
07. Impressora	
08. Filmadora	
09. Scanner	
10. Instrumentos musicais	
11. Outros:	
TOTAL:	

**29. A organização tem acesso à internet?**

1. ( ) Sim, acesso discado
2. ( ) Sim, acesso por banda larga
3. ( ) Não

**Na organização, como é o acesso dos jovens ao**

**30. computador?**

1. ( ) Livre acesso
2. ( ) Acesso condicionado ao uso de senhas ou escalonamento
3. ( ) Acesso somente aos matriculados em cursos ou programas específicos
4. ( ) Não há acesso

**A organização participa de alguma rede de organizações**

**31. sociais?**

1. ( ) Sim
2. ( ) Não

**32. Quais as organizações? Qual o seu âmbito de atuação?**

---

---

---

---

**33. Qual o âmbito de atuação desta(s) rede(s)?**

1. ( ) Local	6. ( ) Estadual
2. ( ) Distrital	7. ( ) Nacional
3. ( ) Regional	8. ( ) Internacional
4. ( ) Municipal;	9. ( ) Outro:
5. ( ) Metropolitano	

**34. A organização abre seu espaço para a comunidade?**

1. ( ) Sim
2. ( ) Não

**35. De que forma e quando?**

---

---

---

---

**36. A organização mantém convênio com algum programa público de inclusão digital ou cede o laboratório de informática para ações específicas? Quais?**

**37. A comunidade participa na gestão da organização?**

1. ( ) Sim

2. ( ) Não

**38. Como?**

---

---

---

---

**39. Qual a importância do trabalho com jovens desenvolvido pela organização?**

---

---

---

---

# ANEXO 03

## PLANO DE TRABALHO DAS ONGS

### Contextualização

Após a entrega da ficha de inscrição e de reunião na qual se apresenta ao conjunto das organizações interessadas a proposta detalhada do Programa, solicita-se que as ONGs elaborem um Plano de Trabalho cujo roteiro encontra-se neste anexo.

Nome da Organização: \_\_\_\_\_

Contatos: \_\_\_\_\_

Responsável(s) pela elaboração do Plano: \_\_\_\_\_ Data de elaboração: \_\_\_\_\_

**Importante:** Este plano de trabalho é peça técnico-institucional fundamental no processo de seleção das organizações que atuarão em parceria com o Cenpec na execução do Programa Jovens Urbanos.

Por este motivo, as informações indicadas aqui possuem caráter de compromisso institucional e deverão, obrigatoriamente e sem exceção, serem contempladas.

A partir da proposta apresentada pelo Cenpec à ONG \_\_\_\_\_ fica estabelecido o seguinte plano:

#### 1. Referente à contratação do profissionais:

- Qual será o regime de contratação utilizado? Carteira, RPA ou contratação ou via PJ?

---

---

---

---

---

#### 2. Referente ao cadastramento dos jovens, educadores e ONGS nos sistemas de monitoramento utilizados no Programa:

- Descrever logística para o cadastramento: nº de computadores disponíveis-tipo de conexão, nº de pessoas disponíveis e tempo destinado a esta tarefa.

---

---

---

---

---

**3. Referente à formação e acompanhamento do trabalho dos profissionais envolvidos no Programa (é importante lembrar que cada educador será contratado por 30 horas e terá 12 horas de trabalho direto com os jovens):**

- Como serão organizados os espaços, orientações e supervisões das atividades e qual a sua frequência? Quais serão os momentos destinados ao planejamento e avaliação? Quais serão os instrumentais destinados aos registros de planejamento e avaliação?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**4. Referente à alimentação dos jovens:**

- Como a organização irá garantir a alimentação dos jovens, uma vez que a mesma não é financiada pelo PJU? \_

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**5. Referente aos espaços de formação:**

- Quais serão os espaços destinados à formação dos jovens? Qual é a frequência e possibilidade da utilização de espaços alternativos (biblioteca, sala de informática, quadra)?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**6. Referente ao acompanhamento dos projetos dos jovens. (É importante lembrar que o PJU não fornecerá recursos diretos à organização na fase de implementação dos projetos.)**

- Quais serão os recursos e espaços destinados aos jovens nesta etapa do Programa? Como a organização irá apoiar os jovens nesta implementação?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



**7. Referente à rede de articulação institucional:**

- Como a rede de instituições parceiras da organização poderá complementar as ações desenvolvidas com os jovens?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**8. Observações gerais não contempladas nos itens anteriores:**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

# ANEXO 04

## ROTEIRO DE VISITA TÉCNICA DE SELEÇÃO DAS ONGS

### Contextualização

De posse da ficha de inscrição e do plano de trabalho a equipe técnica do Programa realiza visita técnica em todas as ONGs interessadas. O roteiro desta visita encontra-se neste anexo.

### VISITA TÉCNICA

ONG: \_\_\_\_\_

Distrito: \_\_\_\_\_

Contato: \_\_\_\_\_

Responsáveis pela visita: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

#### 1. Localização:

Citar Bairro do Distrito		Citar Bairro do Distrito	
Citar Bairro do Distrito		Citar Bairro do Distrito	
Citar Bairro do Distrito		Citar Bairro do Distrito	
Citar Bairro do Distrito		Citar Bairro do Distrito	
<b>Outra:</b>		<b>Outra:</b>	

## 2. Infra-estrutura do espaço de trabalho com os jovens:

	ADEQUADO (A)	INADEQUADO (A)	COM RESSALVAS	OBSERVAÇÕES
Acústica				
Área Útil				
Mobiliário				
Ventilação				
Limpeza				
Armazenamento das Produções				
Iluminação				

## 3. Outros itens relacionados aos espaços:

	ADEQUADO (A)	INADEQUADO (A)	COM RESSALVAS	OBSERVAÇÕES
Computadores				
Acesso à internet				
Ocupação				
Alimentação				

## 4. Recursos Humanos Disponíveis (nº):

- Funções Administrativas: \_\_\_\_\_
- Educadores: \_\_\_\_\_
- Serviços: \_\_\_\_\_
- Coordenação: \_\_\_\_\_
- Saúde: \_\_\_\_\_
- Outros: (descrever) \_\_\_\_\_

## 5. Aspectos gerais que chamam a atenção (ambientação, percepções, sentimentos, possibilidades, “conversas ao pé do ouvido”, circulação das falas na visita, informações de educadores etc.)

---

---

---

## 6. Quais são os mecanismos de divulgação de projetos e produtos dos jovens na comunidade?

---

---

---

## 7. Quais são as práticas de gestão, produção e planejamento coletivo? (periodicidade de reuniões, núcleos existentes, momentos de planejamento etc.).

---

---

---

**8. Formas de acompanhamento pós-atendimento:**

- Encaminhamentos pós-saída / evasão dos jovens: \_\_\_\_\_
- Encaminhamentos pós-formação: \_\_\_\_\_

**9. Qual é a média de saída / evasão dos jovens nos projetos? Quais são os motivos?**

---

---

---

**10. Como é feita a avaliação dos projetos? Quem participa desta avaliação? O que é avaliado?**

---

---

---

**11. Qual é a relação da entidade com ações locais (redes, fóruns locais, articulação com outras entidades da região etc.).**

---

---

---

## ANEXO 05

### PAUTA DE CAPACITAÇÃO SELETIVA DOS EDUCADORES

#### Contextualização

Para a seleção dos profissionais, o Programa solicita às ONGs currículos de educadores sociais considerando os critérios definidos.

Concomitantemente, divulga processo de seleção para contatos do banco de relacionamentos, parceiros e colaboradores do Cenpec e do Programa.

Os profissionais interessados são convidados a participar de um encontro de capacitação seletiva, cuja pauta encontra-se descrita neste anexo.

**Data:** \_\_\_\_\_

**Local:** \_\_\_\_\_

**Participantes:** educadores e coordenadores (40 pessoas)

#### Objetivos:

- Selecionar 16 educadores que atuarão diretamente com os jovens;
- Reconhecer os educadores que atuarão diretamente com os jovens como um coletivo de trabalho;
- Proporcionar um espaço de debate sobre Juventude com pessoas que atuam na área;
- Constituir um banco de profissionais que possa compor a equipe, independentemente do momento do projeto.

#### Indicadores:

- Capacidade para mediar grupos de diferentes jovens;
- Capacidade de investigação e criação;
- Capacidade de estimular as ações de pesquisa nos jovens;
- Capacidade de articular e trabalhar em diferentes espaços que constituirão a rotina formativa;
- Disposição para experimentar novas situações e conhecimentos;
- Conhecimento da legislação: ECA e Estatuto da Juventude;
- Preferencialmente ser morador da região da ONG;
- Preferencialmente ter formação universitária (concluída ou cursando);
- Indicação da ONG.

## PAUTA

### EXPERIMENTAÇÃO DE IMAGENS SOBRE JUVENTUDE

#### 1º momento – Ambientação

- Equipe técnica distribuindo folhetos com informações sobre os momentos da pauta, horários e agradecimentos; crachá (para pôr nome e região); apresentação não institucional.
- Convite para entrar e ver a experimentação.
- Sala com cadeiras em “u” voltadas para o telão.
- Projeção de imagens de grafite.
- Disposição de publicações e materiais sobre juventude: revistas, artigos, livros, imagens.

Os participantes são convidados a conhecer os materiais. Enquanto interagem, som ambiente toca:

- Geração Coca-Cola – Legião Urbana
- Divino Maravilhoso – Gal Costa
- Ideologia – Cazuza
- Negro Drama – Racionais

Materiais necessários:

- revistas, artigos, livros, imagens sobre juventude
- data-show
- som
- músicas listadas gravadas em mídia
- imagens de grafite digitalizadas
- 40 panfletos com os momentos e horários da pauta e agradecimento

#### 2º Momento – Apresentação da Capacitação e Produção de Texto

Objetivos:

- Apresentação de equipe e coordenadores.
- Perceber, por meio de vivência e experiência com/de juventude dos participantes, qual educador corresponde melhor ao perfil e critérios mencionados acima.

Exibição de trechos dos filmes (20’):

- Documentário Milágrimas – Direção: Eliane Caffé (Brasil, 2006)
- Os sonhadores – Direção: Bernardo Bertolucci (EUA, 2003)
- De Passagem – Direção: Ricardo Elias (Brasil, 2003)
- Cidade de Deus – Direção: Fernando Meirelles (Brasil, 2002)
- Novela Malhação – Rede Globo de Televisão.

**Após a exibição, os participantes receberão um papel onde irão escrever um texto que fale sobre sua experiência de juventude e com jovens (40’). A folha terá a seguinte consigna:**

Pensando na sua experiência de juventude e com jovens, narre o que traz você aqui:

---

---

---

---

Materiais necessários:

- Filmes em mídia;
- 45 folhas com logos, 30 linhas, consigna e nome;
- 40 canetas.

### **3º Momento – Atividade de Planejamento**

Os participantes serão divididos em oito subgrupos, com um coordenador por subgrupo. Explicar a presença dos coordenadores nos grupos. Os educadores e coordenadores formarão grupos entre si. Esses trios deverão escolher uma das situações (abaixo) e elaborar um planejamento.

Escreverão em tarjetas (50').

- branca – nomes e número da situação escolhida;
- laranja – como farão para trabalhar a situação;
- verdes claras – tempo / quantidade de encontros;
- azuis claras – locais explorados.

Em seguida, montarão o painel em silêncio. As tarjetas não serão apresentadas. Importante que falem por si (20').

- Como foi fazer? Registro das falas por observadores (20').

Materiais necessários:

- 8 cópias das situações
- 8 tarjetas de cada cor
- Painel papel kraft
- Fita crepe
- 1 Pincel pilot por grupo

#### **SITUAÇÃO 1**

Um grupo de jovens diz que se sente constrangido em visitar o teatro municipal. Como enfrentar este acontecimento?

#### **SITUAÇÃO 2**

Os jovens foram a uma exploração no MASP e disseram: não entendemos nada!! Como produzir alguma coisa com isso?

#### **SITUAÇÃO 3**

Os jovens dizem: a região onde moramos não faz parte da cidade! Como potencializar esta experiência?

#### **SITUAÇÃO 4**

Os jovens recebem uma bolsa pelo programa e afirmam que só estão no programa por causa da bolsa. Como produzir com os jovens outros interesses?

#### **SITUAÇÃO 5**

A família de uma jovem não permite que ela, participante do Programa, freqüente oficinas de dança afro. Como lidar com isso?

## SITUAÇÃO 6

Uma determinada produção combinada com os jovens não acontece. Como viver essa situação?

Lanche (20')

### 4º Momento – Apresentação do Programa

Apresentação do Programa em Power Point

- Apresentação institucional (Cenpec, Fundação Itaú Social)
- Objetivos do PJU
- Princípios
- Parcerias
- Assessorias
- ONGs executoras
- Formação de educadores
- Formação dos jovens

Abrir para comentários e dúvidas. (40')

Materiais necessários:

- 40 cópias impressas da Apresentação do PJU

### 4º Momento – Despedida e avaliação do encontro

O que vocês levam desse encontro? Escrito sem identificação.

---

---

---

---

Materiais necessários:

- 40 filipetas com logo e a frase.

### 5º Momento – Reunião com coordenadores

Após o término do encontro, haverá uma breve reunião com os coordenadores das ONGS, que farão indicações de profissionais adequados às suas Organizações.

- Que impressões tiveram dos participantes?
- Leitura das avaliações e dos textos – por participantes
- Cronograma da Formação Inicial

### 6º Momento – Reunião da equipe PJU para seleção

Considerando as indicações realizadas pelos coordenadores à equipe técnica do PJU e a leitura dos currículos, se realizará a seleção final dos educadores. Deverá ser elaborado um ranking dos profissionais participantes, de acordo com os critérios/ indicadores levantados acima.



## ANEXO 06

### TUTORIAL PARA APLICAÇÃO E ANÁLISE DO TESTE DE CONHECIMENTOS BÁSICOS: LEITURA E PRODUÇÃO ESCRITA

#### Contextualização

Os jovens interessados em participar do Programa dirigem-se às ONGs executoras de seus bairros, onde preenchem ficha de inscrição e elaboram um teste para levantamentos de conhecimentos básicos de leitura e produção escrita. As orientações para preenchimento da ficha, aplicação e análise dos textos encontram-se neste anexo.

#### 1. Chegada e ficha de inscrição

- Receba os jovens interessados com atenção e disponibilidade;
- Explique com clareza e com linguagem acessível aos jovens quais são os critérios para participar do Programa:
  - Não participou de outras edições do Programa Jovens Urbanos;
  - Reside nos distritos de atuação (Lajeado / Grajaú);
  - Idade (16 a 20 anos). Somente poderão participar do Programa os jovens nascidos de 01.01.1988 ao 31.08.1992. Desta forma, os jovens terão 16 anos no início da tramitação do benefício (dia 01.09.2008) e não completarão 21 anos antes de 2009, garantindo a tramitação do benefício;
  - Não recebeu nos últimos seis meses ou não está recebendo em seu nome algum benefício / bolsa pública;
  - Sabe ler e escrever (neste momento explique ao jovem que ele irá escrever um texto, mas que não preocupe porque não se trata de uma prova, com nota etc. Ele escreverá o que puder da maneira que conseguir).
- Ao ter certeza de que o jovem se encaixa no perfil do PJU, solicite que ele responda às questões da ficha de inscrição. No caso do preenchimento ser realizado pelo próprio jovem você deverá ficar próximo a ele no momento do preenchimento e se mostrar solícito caso ele tenha alguma dúvida;
- Depois de preenchida revise com atenção a ficha ainda na presença do jovem – muitas vezes os jovens pulam ou esquecem de responder a alguma questão;
- Lembre-se de que o correto preenchimento da ficha é responsabilidade da ONG. Caso tenhamos falta de informações/ ou informações incorretas, elas terão que ser levantadas ou corrigidas posteriormente.

#### 2. Aplicação do teste

Ler e produzir textos é uma condição importante para que os jovens possam usufruir de todas as oportunidades que o Programa oferece. O objetivo da produção textual escrita é justamente averiguar se os jovens selecionados possuem capacidades substantivas que os possibilitem acessar e usufruir das experiências do Programa.

- Escolha um lugar apropriado (com mesa e cadeira), calmo e silencioso para que os jovens escrevam;
- Explique aos jovens que eles irão escrever uma **carta** de apresentação;

- Avise que a equipe se interessa em conhecer quem são os jovens, qual a relação com o lugar em que vivem e principalmente em que momento se encontram com relação à leitura e à escrita;
- Peça para que o jovem leia as orientações para a elaboração do texto e o quadro com as dicas;
- Pergunte se há dúvidas e em caso afirmativo ajude a resolvê-las. Lembre-se: ajudar não é fazer pelo outro.
- Atenção com as dicas: explique que deverão escrever uma carta com começo, meio e fim, e não responder a um conjunto de tópicos. As dicas servem para ajudar, inspirar, mas não para travar a produção dos jovens.

### 3. Orientações para a leitura e análise dos textos

Um bom texto apresenta algumas características. Algumas delas estão registradas abaixo. Considere-as quando for analisar os textos elaborados pelos jovens, atentando para:

- o domínio do sistema alfabético (se o jovem é ou não alfabetizado);
- a argumentação (se há pertinência dos argumentos e se têm sustentação no texto);
- a clareza;
- a coesão (se o texto apresenta uma lógica: começo, meio e fim);
- a quantidade e natureza dos erros (ortográficos, gramaticais etc.);
- o domínio das características de gênero epistolar (carta).

Esses critérios são parâmetros para a análise dos textos, e devem ser considerados em seu conjunto.

Um texto pode apresentar muitos erros ortográficos, mas mesmo assim ter bons argumentos e coesão. Em nosso caso, consideramos mais importante o conteúdo do que as regras de escrita.

Estará habilitado o jovem alfabetizado, capaz de produzir um texto inteligível e que comprove sua habilidade para se comunicar e se expressar por meio da escrita.

### **ALGUMAS DICAS SOBRE O GÊNERO CARTA**

São regularidades do gênero:

**Presença de remetente (quem escreve a carta); destinatário (aquele para quem a carta foi escrita); local e data (o lugar e o dia em que foi escrita); evocação (o modo de chamar a pessoa ou instituição a quem se destina a carta – querido amigo, cara equipe etc.) e desfecho (o encerramento da carta) e posicionamento pessoal.**

# ANEXO 07

## FICHA DE INSCRIÇÃO DOS JOVENS

### Contextualização

Os jovens interessados em participar do Programa dirigem-se às ONGs executoras de seus bairros e nelas preenchem a ficha de inscrição cujo modelo segue neste anexo.

### FICHA DE INSCRIÇÃO DO JOVEM

1. ONG: \_\_\_\_\_

2. Nome: \_\_\_\_\_

3. Sexo: 01. ( ) Masculino 02. ( ) Feminino

4. Cor: 01. ( ) Amarela 02. ( ) Branca 03. ( ) Vermelha 04. ( ) Negra 05. ( ) Parda

5. Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

6. Endereço: \_\_\_\_\_

7. Nº: \_\_\_\_\_ 8. Complemento: \_\_\_\_\_

9. Bairro: \_\_\_\_\_ 10. Distrito: \_\_\_\_\_

11. Município: \_\_\_\_\_ 12. UF: \_\_\_\_\_ 13. CEP: \_\_\_\_\_

14. Tel.: \_\_\_\_\_ 15. Cel.: \_\_\_\_\_ 16. Tel. recado: \_\_\_\_\_

17. RG: \_\_\_\_\_ 18. Órgão emissor: \_\_\_\_\_ 19. CPF: \_\_\_\_\_

20. Estado civil: 01. ( ) Casado 02. ( ) Separado 03. ( ) Divorciado 04. ( ) Solteiro 05. ( ) Viúvo

21. Nome da mãe: \_\_\_\_\_

22. Nome do responsável: \_\_\_\_\_

23. Você tem filhos? 01. ( ) Sim > Quantos? \_\_\_\_\_ 02. ( ) Não

24. Contando com você, quantas pessoas moram no seu domicílio? \_\_\_\_\_

25. Aproximadamente, de quanto é a renda da sua família (R\$)? \_\_\_\_\_

26. Você está estudando atualmente?

01. ( ) Sim

• Qual período?

01. ( ) Manhã 02. ( ) Tarde 03. ( ) Noite 04. ( ) Integral

• Qual série?

01. ( ) 1ª série do Ensino Fundamental 02. ( ) 2ª série do Ensino Fundamental

03. ( ) 3ª série do Ensino Fundamental 04. ( ) 4ª série do Ensino Fundamental

05. ( ) 5ª série do Ensino Fundamental 06. ( ) 6ª série do Ensino Fundamental

07. ( ) 7ª série do Ensino Fundamental 08. ( ) 8ª série do Ensino Fundamental

09. ( ) 1º ano do Ensino Médio 10. ( ) 2º ano do Ensino Médio

11. ( ) 3º ano do Ensino Médio 12. ( ) Pré-vestibular

13. ( ) Ensino Superior

02. ( ) Não > Por quê?

• Em qual série você parou de estudar? (série concluída)

01. ( ) 1ª série do Ensino Fundamental 02. ( ) 2ª série do Ensino Fundamental

03. ( ) 3ª série do Ensino Fundamental 04. ( ) 4ª série do Ensino Fundamental

05. ( ) 5ª série do Ensino Fundamental 06. ( ) 6ª série do Ensino Fundamental

07. ( ) 7ª série do Ensino Fundamental 08. ( ) 8ª série do Ensino Fundamental

09. ( ) 1º ano do Ensino Médio 10. ( ) 2º ano do Ensino Médio

11. ( ) 3º ano do Ensino Médio 12. ( ) Ensino Superior

**27. Situação no mercado de trabalho:**

01. ( ) Não está trabalhando

02. ( ) Assalariado com carteira assinada > Ocupação \_\_\_\_\_

03. ( ) Assalariado sem carteira assinada > Ocupação \_\_\_\_\_

04. ( ) Assalariado com carteira assinada na condição de aprendiz > Ocupação \_\_\_\_\_

05. ( ) Trabalhador informal > Ocupação \_\_\_\_\_

06. ( ) Estagiário > Ocupação \_\_\_\_\_

28. Você está procurando trabalho?

01. ( ) Sim

02. ( ) Não

29. Você já foi um Jovem Urbano?

01. ( ) Sim, na primeira edição

02. ( ) Sim, na segunda edição

03. ( ) Sim, na terceira edição

04. ( ) Não

30. Você está participando de algum projeto / programa para jovens?

01. ( ) Sim > Qual? \_\_\_\_\_

02. ( ) Não

31. Você recebeu nos últimos 6 meses ou está recebendo em seu nome algum benefício / bolsa pública?

01. ( ) Sim > Qual? \_\_\_\_\_

02. ( ) Não

32. Você está cumprindo alguma medida socioeducativa?

01. ( ) Sim > Qual? \_\_\_\_\_

02. ( ) Não

## ANEXO 08

### TESTE DE CONHECIMENTOS BÁSICOS: LEITURA E PRODUÇÃO ESCRITA

#### **Contextualização**

Este anexo apresenta as orientações para que os jovens elaborem texto que servirá de base para levantamento de conhecimentos básicos de leitura e produção escrita.

#### **PRODUÇÃO DE TEXTO: CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Agora você será convidado a escrever um texto – **uma carta de apresentação.**

O objetivo da elaboração deste texto na etapa de inscrição é analisarmos sua capacidade de produção escrita – se você é ou não alfabetizado, se conhece e tem domínio das regras de ortografia e de gramática e, principalmente, se o seu texto apresenta boas idéias, se elas são claras, bem encadeadas etc.

Caso seu texto apresente tais características você será selecionado para participar de um sorteio no qual serão definidos os grupos de jovens que participarão do Programa.

Abaixo apresentamos as orientações para a elaboração do texto:

**ESCREVA UMA CARTA DE APRESENTAÇÃO  
DIRIGIDA À EQUIPE DO PROGRAMA JOVENS  
URBANOS. NESTA CARTA VOCÊ DEVERÁ  
CONTAR UM POUCO SOBRE VOCÊ E SOBRE SUA  
RELAÇÃO COM O LUGAR ONDE MORA.**

# ANEXO 9

## TERMO DE REFERÊNCIA

### CONTRATAÇÃO DE SERVIÇOS DE ASSESSORIA TECNOLÓGICA

#### **Contextualização**

Concomitante ao processo de seleção dos jovens dispara-se o processo de seleção dos assessores tecnológicos. A divulgação do processo é feita para os contatos do banco de currículos, para parceiros e colaboradores tanto do Programa quanto do Cenpec.

O termo que referenda a seleção dos assessores encontra-se descrito neste anexo.

## **1. APRESENTAÇÃO**

### **PROGRAMA JOVENS URBANOS**

O Programa Jovens Urbanos caracteriza-se por um conjunto de ações de formação para jovens dos centros urbanos metropolitanos desencadeadas por organizações locais parceiras do Programa. Esses jovens têm idade entre 16 e 21 anos e residem em regiões de grande vulnerabilidade social da cidade de São Paulo.

O Programa tem como objetivos:

#### OBJETIVO GERAL:

Expandir o repertório sociocultural de jovens expostos a condições de vulnerabilidade social, moradores dos distritos periféricos das regiões metropolitanas.

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Ampliar a circulação na cidade;
- Aumentar e qualificar as perspectivas de acesso ao mundo do trabalho;
- Promover a produção juvenil;
- Contribuir para a permanência e reinserção ao sistema escolar bem como para a vinculação em novos processos formativos.

A formulação e implementação da proposta envolvem o poder público, ONGs e fundações empresariais, cabendo a cada um – na qualidade de parceiros ou colaboradores – um conjunto de atribuições específicas.

## **2. OBJETIVOS DO TERMO DE REFERÊNCIA**

O presente Termo de Referência tem por objetivo:

- Definir os serviços a serem realizados para execução de experimentações (oficinas) com jovens do Programa Jovens Urbanos;
- Definir responsabilidades / atribuições das partes envolvidas;
- Apresentar os objetivos e resultados esperados do serviço contratado;
- Estipular produtos, tempo de execução, orçamento e recursos.

## **3. METODOLOGIA DE TRABALHO A SER DESENVOLVIDO E PROCESSO DE SELEÇÃO**

Pretende-se oferecer aos jovens experimentações (oficinas) que estejam incorporadas a um dos seguintes territórios tecnológicos:

### ***Territórios escolares e das letras***

#### **Exemplos de oficinas:**

- Saberes, competências e tecnologias de escrita: elaboração de textos em diversos gêneros (poesia, opinião, carta, memória etc.);
- Saberes, competências e tecnologias de leitura: leitura dramatizada, contação de histórias, declamação etc;
- Elaboração, revisão, divulgação e distribuição de textos escritos em diversos suportes (jornal, fanzine, revista, blog, site etc.).

### ***Territórios das artes***

#### **Exemplos de oficinas**

- Saberes, competências e tecnologias de criação de vídeos, programas de televisão, espetáculos de dança, teatro, música e performance (roteiro, captação de sons e imagens, digitalização, montagem, produção, figurino, cenário, roteiro, arte, fotografia etc.);
- Saberes, competências e tecnologias de intervenções artísticas na cidade (lambe-lambe- decalque, grafite etc.);
- Montagem e produção de exposições/ mostras/catálogos/ de fotografias, de esculturas, de pinturas etc.;
- Técnicas e saberes de design, arte gráfica etc.

### ***Territórios da saúde, do lazer e dos esportes***

#### **Exemplos de oficinas**

- Ciência e tecnologias do esporte: programas computadorizados que permitem estudar músculos, articulações e forças presentes no gesto esportivo;
- Medicina esportiva (prevenção e formas de tratamento);
- Técnicas de treinamento e equipamentos tecnológicos (como, por exemplo, bicicletas aerodinâmicas, tecidos que aceleram a evaporação do suor, radares que detectam a velocidade da bola nas cortadas e saques do tênis de campo e do vôlei, chips que registram constantemente a posição dos competidores em provas de percurso, feixes de luz que medem cada etapa do salto triplo e dão o alcance real do salto em altura etc.);
- Psicologia do esporte;
- Competição x cooperação;
- Técnicas de expressão corporal e atividades psicofísicas (ioga, massagem, meditação etc.);



- Saberes sobre saúde pública (formas de combate às doenças e ao sedentarismo urbano, modelos de prevenção, saneamento básico, técnicas hospitalares e medicinais, agentes de saúde pública etc.);
- Saberes, competências e tecnologias de saúde laboral e de promoção de qualidade de vida no trabalho.

## **Território das ciências**

### **Exemplos de oficinas**

- Ciência e tecnologias do meio ambiente (paisagismo, reflorestamento e arborização, utilização de reciclagem de entulhos na construção civil, vias públicas e circulação humana, reuso da água, eletricidade residencial e energia solar, manejo do solo urbano - uso, ocupação e conservação -, reciclagem e compostagem de resíduos sólidos, tratamento de água nas cidades, trânsito e poluição atmosférica e ecossistema urbano etc.);
- Saberes, competências e tecnologias da produção de alimentos (hortas urbanas, reaproveitamento de alimentos, cozinha industrial etc.);
- Saberes, competências e tecnologias da produção de cosméticos.

## **Territórios das políticas públicas**

### **Exemplos de oficinas**

- Concepção e função das políticas públicas e do Estatuto da Juventude;
- Concepção, formatos e funcionamentos dos poderes do Estado, das instâncias e das estratégias de participação política: sufrágio, movimentos estudantis, sindicais, grupos organizados da sociedade civil, conselhos (municipais, estaduais, federais etc.).

## **Territórios do mundo do trabalho**

### **Exemplos de oficinas**

- Administração de negócios (tipos de empresa, cooperativas, plano de negócio, plano financeiro, pesquisas de mercado, compras, estabelecimento de preços, marketing, propaganda e vendas etc.);
- Administração de pessoas (cooperativismo, divisão do trabalho, relação interpessoal no trabalho, remuneração, comunicação assertiva, prevenção à doença e promoção de qualidade de vida no trabalho etc.);
- Terceirização de serviços e funcionamento empresarial;
- Serviços informatizados;
- Processo de produção industrial (tipos de produto, maquinarias, controle de qualidade e impactos sociais etc.).

As propostas deverão ser enviadas ao Cenpec exclusivamente por e-mail ([jovensurbanosp@cenpec.org.br](mailto:jovensurbanosp@cenpec.org.br)) até o dia estipulado e devem conter o nome da oficina, objetivos, metodologia, desenvolvimento, avaliação, produtos, cronograma, condições necessárias para a realização, número de participantes e orçamento (pessoal, material e de transporte), acompanhado de curriculum vitae.

Os planos de trabalho serão analisados e pré-selecionados, e os resultados serão divulgados no dia estipulado por e-mail.

A partir da divulgação dos selecionados teremos as reuniões para detalhamento técnico das oficinas pré-selecionadas, assinatura de Termo de Contratação e agendamento das oficinas.

## **4. REQUISITOS GERAIS DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS**

### **4.1. Perfil das propostas contratadas**

Formação e atuação comprovada nos territórios tecnológicos selecionados pelo programa mediante apresentação de curriculum vitae, proposta técnica e pertinência com processo de formação desenvolvido com os jovens.

## **4.2. Responsabilidades**

- Caberá ao contratado:
  - Cumprir os agendamentos combinados pela equipe de coordenação técnica do programa;
  - Cumprir as especificações técnicas definidas pela equipe de coordenação técnica do programa;
  - Submeter à aprovação da equipe de coordenação técnica do programa o planejamento definitivo;
  - Elaborar e entregar à equipe de coordenação técnica do programa relatórios das oficinas bem como avaliação do processo;
  - Elaborar e entregar registros (escritos e de imagem) de todo o processo das experimentações realizadas com jovens
- Caberá à equipe de coordenação técnica do programa:
  - Fornecer diretrizes e subsídios de apoio para o desenvolvimento das experimentações (oficinas);
  - Agendar as experimentações (oficinas) e
  - Realizar reuniões periódicas de acompanhamento das experimentações realizadas.

## **5. ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DE PLANOS DE TRABALHO:**

- Os planos devem prever produção de “produtos” pelos jovens vinculados aos territórios.
- Os produtos devem ser produzidos no desenvolvimento das oficinas.
- As oficinas devem ter no mínimo 32 horas.
- Os planos devem conter atividades vinculadas a processos de leitura e escrita.
- As oficinas devem ser desenvolvidas por meio de experimentações.
- As temáticas (territórios) das oficinas devem ser vinculadas à agenda da cidade e à agenda juvenil atual.
- Ao final das oficinas o assessor deverá apresentar um produto que expresse/registre o processo de trabalho realizado com os jovens (portfólio, vídeo...)

## **ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DE PLANO DE TRABALHO**

Nome-Razão Social: \_\_\_\_\_

CNPJ: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Conta bancária da empresa: \_\_\_\_\_ Agência: \_\_\_\_\_ Banco: \_\_\_\_\_

Responsável pela proposta/ cargo: \_\_\_\_\_

1. Apresentação \_\_\_\_\_

2. Oficina/Título/ Conteúdo \_\_\_\_\_

3. Número de participantes \_\_\_\_\_

4. Objetivos \_\_\_\_\_

5. Metodologia \_\_\_\_\_

6. Atividades \_\_\_\_\_

7. Produtos \_\_\_\_\_

8. Avaliação \_\_\_\_\_

9. Formas de registro \_\_\_\_\_

10. Cronograma/ Carga horária \_\_\_\_\_

11. Condições necessárias para a realização \_\_\_\_\_

12. Orçamento detalhado (recursos humanos/ materiais/ transporte) \_\_\_\_\_

13. Cronograma físico-financeiro \_\_\_\_\_

# ANEXO 10

## PAUTA DE ENCONTRO DE FORMAÇÃO INICIAL

### Contextualização

A formação inicial dos profissionais compõe-se de 11 encontros presenciais de 8 horas cada um. Em cada encontro se discutem as principais idéias e metodologias do Programa. Segue neste anexo pauta detalhada de um dos encontros presenciais de formação inicial no qual o trabalho foi o tema “Cartografia”.

### Objetivo

- Apresentar e discutir o conceito de cartografia e de exploração cartográfica a partir da vivência de uma atividade cartográfica.  
**Duração:** 8 horas  
**Tema:** Olhar cartográfico

*Para olhar cartógrafo não conta apenas aquilo que é aparente, que está explícito, o que está na superfície, ou, o que todos aceitam como verdade (toda idéia absolutizada encobre os acontecimentos). Para o olhar cartógrafo conta, também, o que escapa, o que está fora, ou o que não está visível, explícito. Em geral não é o bem ou mal que está em causa, ou certa leitura positiva ou negativa do lugar onde vivemos, mas múltiplas possibilidades de ler um este mesmo lugar. O olhar cartográfico é um olhar perspectivista...*

*(Cultura e subjetividade na juventude. Núcleo de Pesquisa do Programa Jovens Urbanos<sup>1</sup>)*

- Ler em voz alta o texto de Ítalo Calvino do livro *As Cidades Invisíveis*<sup>2</sup>: A cidade e os olhos. Comentar brevemente e contextualizar autor e obra. Falar dos motivos da escolha, para instrumentalizar os educadores no momento de escolherem os parâmetros, repertórios para trabalhar com os jovens.

1 1. CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. Cadernos CENPEC: Juventudes Urbanas, ano 3. n. 05, São Paulo, 1º semestre de 2008, p. 46-59.

2 CALVINO. Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- Para ambientar a sala cole na parede poesias, frases e trechos de músicas sobre o olhar:

Seu olhar melhora  
Melhora o meu.

**Paulo Tatit e Arnaldo Antunes**

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.

**José Saramago**

Os olhos da gente não têm fim.

**Guimarães Rosa**

O novo não está nas coisas. Está na maneira como você olha para elas.

**Lulu Santos**

Tá vendo aquele edifício moço. Ajudei a levantar.

**Zé Geraldo**

- Ler em voz alta a poesia: Mapa de Anatomia: O Olho de Cecília Meirelles<sup>3</sup>.

## **MAPA DE ANATOMIA**

O Olho é uma espécie **de globo,**  
**é um pequeno planeta**  
**com pinturas do lado de fora.**

Destacar, neste momento, como a poesia poderia ser trabalhada com os jovens. Por exemplo, inspirados pelo poema de Cecília, é possível propor que os jovens elaborem suas próprias poesias. O exercício de decalque pode ser um bom começo (\*Decalque: os jovens seguem a mesma estrutura da poesia apresentada, só que criam outros sentidos, outros “conteúdos”. Se o modelo for o poema Mapa de Anatomia, sugira que escolham outra parte do corpo para criar suas poesias. Por exemplo: a mão é uma espécie de mapa...

- Se considerar pertinente, proponha que educadores elaborem suas poesias para serem lidas no grupo, em nosso próximo encontro.
- Apresentar o filme Janelas da Alma (Documentário 73 min, Brasil, Direção: João Jardim e Walter Carvalho, 2002).

Neste filme dezenove pessoas com diferentes graus de deficiência visual, da miopia discreta à cegueira total, falam como se vêem, como vêem os outros e como percebem o mundo. O escritor e prêmio Nobel José Saramago, o músico Hermeto Paschoal, o cineasta Wim Wenders, o fotógrafo cego franco-esloveno Evgen Bavcar, o neurologista Oliver Sacks, a atriz Marieta Severo, o vereador cego Arnaldo Godoy, entre outros, fazem revelações pessoais e inesperadas sobre vários aspectos relativos à visão: o funcionamento fisiológico do olho, o uso de óculos e suas implicações sobre a personalidade, o significado de ver ou não ver em um mundo saturado de imagens e também a importância das emoções como elemento transformador da realidade, se é que ela é a mesma para todos.

.....  
3 Cecília Meireles, Ou isto Ou Aquilo, – Editora Nova Fronteira, 1990.

- Após a exibição do filme, promova um debate sobre as relações que o grupo estabelece entre cartografia e a idéia do olhar, enfatizando que ela também é um certo modo de ver e de apreender a realidade.
- Após a conversa sobre o filme ler o trecho de Otto Lara Rezende sobre o Olhar para todo o grupo.

*Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver, disse o poeta. Um poeta é só isto: um certo modo de ver. O diabo é que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar. Vê não vendo. Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. Parece fácil, mas não é. O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa rotina é como um vazio. (...) Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos. (...) Nossos olhos se gastam no dia-a-dia, opacos. É por aí que se instala no coração o monstro da indiferença.*  
 Otto Lara Rezende<sup>3</sup>

- Após a leitura, explique que no caso do trabalho com os jovens seria interessante aprofundar essa discussão. Uma proposta é escrever na lousa ou em flip chart a seguinte afirmação de Otto: “Nossos olhos se gastam no dia-a-dia, opacos. É por aí que se instala no coração o monstro da indiferença”.
- O importante é que educadores discutam esta afirmação com os jovens tentando promover uma reflexão a respeito do porquê de o olhar ser tão importante para a nossa cartografia e para o PJU. Cabe aos educadores explicar que dessa cartografia os jovens produzirão diferentes mapas sobre a cidade que habitam e sobre como eles a vêem e se relacionam com ela. Esses mapas não falarão da cidade genérica, abstrata, mas de suas cidades, de seus bairros, já que a cartografia compreende, sempre, um certo modo de ver, de apreender a realidade. Portanto, esses mapas falarão, sobretudo, deles mesmos, de seus patrimônios existenciais.
- Apresente, então, a proposta de realizarmos uma cartografia a partir dos percursos dos educadores e coordenadores.
- Lance questões ao grupo: “Quais são os percursos de vocês na cidade? Que lugares da cidade vocês conhecem, ou costumam se deslocar para trabalhar, estudar/aprender/, se divertir, para cuidar da saúde, para reivindicar e discutir seus direitos?”. Peça que os educadores escrevam as respostas.
- Forme subgrupos. Procure formar subgrupos entre participantes que não se conhecem, para ir produzindo novas relações coletivas entre eles.
- Escreva em um lugar visível a seguinte informação:
  - Percursos de trabalho: vermelho
  - Percursos de estudo/ aprendizagem: azul
  - Percursos de diversão/ lazer/fruição: verde
  - Percursos de cuidados com a saúde: laranja
  - Percursos de participação política/ reivindicação de direitos: amarelo
- Entregue mapas da região colados em uma placa de isopor grande.
- Explique que eles irão produzir um mapa dos percursos deles. Para isso irão localizar no mapa e fincar um alfinete em seus locais de moradia. Depois irão amarrar linhas de lã neste ponto e ir puxando a linha, marcando com outros alfinetes os percursos relativos a cada uma das categorias listadas de acordo com cor da linha: trabalho: vermelho; estudo/ aprendizagem: laranja etc. No final teremos um mapa com um emaranhado de linhas coloridas que indicam os percursos dos jovens urbanos na cidade.
- Após a elaboração disponha todos os mapas um ao lado do outro e promova uma leitura coletiva dos trabalhos.
- Estimule que os educadores e coordenadores façam comparações entre os mapas. Preste atenção, com o grupo, nas diferenças e similaridades entre eles: presença mais marcante de uma ou outra cor, deslocamentos, concentração de práticas num mesmo percurso. A presença de grandes disparidades, por exemplo, pode indicar que mesmo morando no mesmo bairro e cidade, a apropriação e o uso da cidade pelas pessoas é diferenciado, e muitas vezes desigual.

3 REZENDE, Otto Lara. Vista Cansada. Texto publicado no jornal “Folha de S. Paulo”, edição de 23 de fevereiro de 1992. Para saber mais ver: [www.releituras.com](http://www.releituras.com)

- Após a elaboração e apresentação dos painéis pergunte como foi fazer a atividade, se surgiu alguma coisa inusitada, algum lugar que eles não conheciam, quais relações eles estabeleceram entre os mapas etc.
- Com os jovens vale a pena destacar que obviamente eles já viram e conhecem os percursos do lugar onde vivem, mas enfatize que a idéia é olhar de um jeito diferente para territórios conhecidos. Vamos experimentar ver pela primeira vez o que vemos todo dia, sem ver. Este é o desafio do olhar cartográfico: ver de novo tentando criar novos sentidos, novas relações com as pessoas, com os lugares (a cartografia exercita o olhar). Por meio do olhar cartográfico iremos tentar identificar e apreender as ligações que existem entre as coisas, entre as pessoas, entre os lugares, entre pensamentos, idéias e discursos, com o objetivo de produzir outros sentidos e vínculos com os territórios nos quais habitamos.
- Crie com o grupo, a partir dos painéis apresentados, uma separação dos lugares por categorias. Diga que isso serve para organizar a segunda parte do trabalho, que tem a ver com ir visitar, explorar esses lugares, para vê-los de novo, mas de um jeito diferente, tentando ver e reparar, para ver o que não vemos, de tanto ver... Por exemplo, pergunte ao grupo: Quais foram os percursos e lugares relativos do estudo que apareceram nos painéis? E de trabalho? E de artes? Registre tudo e guarde pra discussão posterior.
- Proponha a leitura individual do texto: **Cartografia e Territórios sociais**, do arquiteto Kazuo Nakano<sup>4</sup>.
- Oriente que leiam individualmente, marcando as partes que acham que se relaciona a nossa discussão sobre o olhar e cartografia. Peça que destaquem também as dúvidas
- Comentar: como a cartografia é um certo modo de olhar e investigar territórios, precisamos produzir uma compreensão comum a respeito da idéia de território. O que o texto nos diz sobre isso? Discutir.
- Durante a conversa, apresentar, em slide, um mapa de São Paulo. Problematizar, não negando essa representação, mas considerado que ela é uma fotografia, algo estático, e que a cartografia pretende dar movimento a esses lugares, dar vida. A idéia é dar visibilidade aos sentidos e produzir sentidos outros.
- Neste momento apresente aos educadores os territórios formativos do Programa. Explique que o PJU elegeu alguns territórios da cidade que serão explorados e experimentados pelos jovens durante todo o processo formativo. São eles:

<b>TERRITÓRIOS FORMATIVOS</b>	Territórios escolares e das letras	Territórios das artes	Territórios da saúde, dos esportes e do lazer	Territórios das ciências	Territórios das políticas	Territórios do mundo do trabalho
-----------------------------------	--	--------------------------	--	-----------------------------	------------------------------	--

- Tente incluir nestes territórios os lugares/ instituições presentes na categorização feita anteriormente, a partir das produções do grupo.
- Forme quatro subgrupos aleatórios (fila do tamanho) e peça que escolham um território para realizarem a exploração cartográfica. Sugestão: quatro grupos.
- Ao final, entregue uma cópia do texto: Critérios de Escolha dos territórios formativos. Peça que leiam em casa.

4 Kazuo Nakano foi assessor do Programa Jovens Urbanos na edição experimental em São Paulo (2004) e durante a 2ª edição também em São Paulo (2008). É arquiteto urbanista, graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), pós-graduação em gestão urbana e ambiental pelo Institute for Housing and Urban Development - IHS de Rotterdam, Holanda, e mestre em Estruturas Ambientais e Urbanas pela FAU/USP. Trabalhou no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e foi gerente de projeto da Secretaria Nacional de Programas Urbanos do Ministério das Cidades. No Pólis, desenvolve pesquisas urbanas e coordena assessorias técnicas em diversas cidades brasileiras na elaboração de planos diretores participativos.

## **PLANEJANDO A EXPLORAÇÃO CARTOGRÁFICA NA CIDADE:**

- Apresentar a proposta de planejamento, enfatizando a importância de realizarmos bons planejamentos das explorações com os jovens.
- Os grupos, já separados por território, irão trabalhar a partir das orientações para planejamento das explorações cartográficas.
- Realizadas as explorações, os educadores terão que escolher uma forma de apresentação do trabalho. Para tanto terão que definir o suporte que irão utilizar.
- É fundamental sugerir algumas idéias para o grupo. Salientar que no caso dos jovens isso é ainda mais importante.
- Proponha a elaboração de um painel cartográfico no qual eles criam uma composição entre os percursos que eles fizeram na cidade (o desenho das linhas...), as narrativas dos entrevistados, percepções e impressões deles, as fotos, os desenhos... Isso pode ser feito em papel ou no computador. Os educadores também podem filmar a exploração cartográfica na cidade (com câmeras de celular, por exemplo) e fazer uma edição caseira em programas disponíveis na web como windows movie maker.

## **COMBINADOS PARA O DIA SEGUINTE:**

- Tarefa de casa:  
Leitura do caderno CENPEC: "Referências teórico-metodológicas para a formação de juventudes".



# ANEXO 11

## ORIENTAÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DE REGISTROS E PLANOS DE AÇÃO

### Contextualização

Para subsidiar os coordenadores e educadores na elaboração de seus registros e planos de ação, o programa oferece, durante a formação inicial, uma série de atividades, referências e parâmetros (chamados de repertórios) relativos a cada processo formativo para o trabalho com os jovens. Todos esses materiais são apresentados e discutidos com educadores.

### ORIENTAÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DOS PLANOS DE AÇÃO

O programa não prevê uma programação igual para todas as ONGs. Os profissionais têm autonomia para criar e propor ações de formação a serem desenvolvidas com os jovens, desde que sejam coerentes com os princípios e objetivos do programa.

Durante a formação inicial também trabalhamos a concepção de plano de ação: importância e função, principais características, formatos e modelos. Os educadores são orientados a elaborar os planos de ação detalhados de acordo com cada processo de formação. Na formação inicial eles constroem o planejamento do processo de Adesão, que tem a duração de dois meses. Algumas semanas antes do término do processo de adesão, o 2º processo (Vidas na cidade) deve ser planejado detalhadamente e enviado à equipe de coordenação técnica e assim sucessivamente.

Os retornos e encaminhamentos, elaborados a partir da leitura e análise dos planos, são enviados para as ONGs. Os planos de ação, assim, como os registros, também subsidiam visitas técnicas e se convertem em conteúdos de debates, reflexões e análises nos encontros gerais e regionais.

O Programa Jovens Urbanos valoriza e respeita as escolhas, especializações, repertórios e singularidades de cada região, ONG, grupo de profissionais e de jovens. Portanto, os planejamentos não seguem uma linha planificadora e homogênea – cada ONG cria seu plano de ação e sua validação e o reconhecimento é feito coletivamente: entre equipe de coordenadores e educadores e coordenação técnica. Todavia, alguns elementos-chaves são importantes e devem ser considerados na elaboração dos planos:

## **OBJETIVOS**

### **Atividades:**

- Parâmetros e referências utilizadas (ex.: filmes, livros, textos, imagens etc)
- Materiais e suportes necessários (ex: tintas, telas, aparelho de televisão, cópias etc)
- Explorações (atividades de circulação)
- Experimentações (oficinas com assessores e parceiros tecnológicos)
- Produções

## **ORIENTAÇÕES PARA A ELABORAÇÃO DE REGISTROS**

O Programa Jovens Urbanos é radical na sua opção em construir a formação de forma compartilhada. Um dos desafios é o de sistematizar as boas práticas realizadas. Os registros, se bem feitos, podem se desdobrar em um material de referência ou publicação para interessados em trabalhar com a juventude.

O registro como recurso de reflexão (e não como instrumento burocrático):

- Apresenta grande potencialidade formativa para educadores e coordenadores;
- Democratiza as informações, possibilitando que todos se posicionem e se envolvam com o trabalho realizado;
- Permite o acesso a informações estratégicas para quem realiza a gestão - só é possível fazer boa gestão com comunicação qualificada.

Consideramos razoável a entrega de um relatório mensal por ONG, elaborado em grupo: coordenador (responsável pela entrega) e educadores.

A leitura minuciosa e a devolutiva qualificada destes registros, assim como dos planejamentos, são exigências fundamentais para que esses instrumentos atinjam seus potenciais formativos, de gestão e de democratização das informações.

Muitos educadores têm utilizado o blog como ferramenta de registro. Os blogs permitem a visualização dos registros diários feitos pelos educadores e pelos próprios jovens, assim como o acesso às imagens dos jovens, das produções e comentários dos diferentes públicos que acessam as informações pela internet.

Apenas como referência, o Programa Jovens Urbanos sugere que os registros contemplem:

- Descrição das atividades, incluindo todas as explorações feitas com os jovens (assim como as principais referências e parâmetros utilizados nas atividades) com a especificação dos territórios envolvidos;
- Produções dos jovens (fotos, imagens, textos etc.), especificando territórios onde foram realizadas. Registros de diálogos e comentários dos jovens;
- Informações relevantes sobre o relacionamento dos jovens e da equipe do programa (educadores e coordenadores) com a ONG;
- Informações relevantes sobre os efeitos da formação na relação dos jovens com a escola.

A narrativa dos acontecimentos permite a composição entre um estilo mais técnico, formal e outro, mais subjetivo, pessoal.

## **PORTFOLIOS: UMA INTERESSANTE ESTRATÉGIA DE REGISTRO**

O portfolio é uma forma de registro, de documentação, e comunicação. Cada jovem pode ter o seu – portfolio pessoal – no qual incluirá seus registros individuais e todas as produções feitas durante o programa que considerar importante guardar.

## **O GRUPO TAMBÉM PODERÁ TER O SEU PORTFOLIO – PORTFOLIO COLETIVO.**

Por exemplo, o educador poderá tirar fotografias e elaborar um texto narrando com foi o 1º encontro com os jovens. Essa produção poderá inaugurar o portfólio do grupo. O objetivo é que a coleção de trabalhos e registros se constitua numa produção coletiva na qual a escolha do nome, a capa, a ordem de apresentação sejam feitas pelo grupo. Se o grupo e o educador preferirem, o portfólio coletivo poderá ser virtual – um blog ou mesmo um site.

A responsabilidade pelo portfólio coletivo é do educador. Ou seja, é ele que tem como compromisso alimentá-lo, incluindo todas as produções que o grupo considera importantes de serem guardadas: registros das discussões feitas durante os encontros, fotos de todas as produções etc. Uma possibilidade interessante é propor em cada encontro que um participante leve o portfólio do grupo para casa, ou, no caso do portfólio virtual, que ele o acesse e o atualize. Nele os jovens poderão incluir seus textos ou desenhos, colagens, entre outras produções referentes ao encontro vivido (impressões, sentimentos, idéias que apareceram, coisas de que sentiram falta etc.).

A construção dos portfólios – individual e coletivo – pretende cumprir duas funções básicas junto aos jovens, envolvendo simultaneamente dimensões do plano individual e do plano coletivo.

No que diz respeito ao plano individual, os jovens por meio da feitura do portfólio terão a oportunidade de recompor a trajetória vivida durante o processo, a partir de uma narrativa pessoal de suas aprendizagens. No plano coletivo, a materialização do portfólio mediará a interação dos jovens com outros destinatários sociais, em particular com empregadores do mundo do trabalho e com organizações comunitárias nas quais estejam ou desejam ver-se envolvidos. Nesse sentido, o portfólio poderá assumir diferentes funções comunicativas, dependendo do destinatário com quem o jovem estará interagindo. No caso dos empregadores, o portfólio poderá ser utilizado na função de currículo profissional. No caso das organizações comunitárias, o uso do portfólio do grupo poderá ser ainda mais amplo, podendo funcionar tanto como “material de divulgação”, como “material historiográfico”, como “currículo comunitário” e outros.

# ANEXO 12

## ROTEIRO DE VISITA TÉCNICA

### Contextualização

As orientações para a realização e elaboração de registro das visitas técnicas seguem descritas neste anexo.

Antes das visitas, a equipe técnica prepara um calendário e orienta as ONGs sobre o funcionamento da visita. Em geral sugerimos que os educadores não planejem apresentações especiais para os visitantes, mas que mantenham seus planejamentos, apenas incluindo na rotina do dia um tempo de conversa da equipe técnica com os jovens (de 30 a 40 minutos).

Durante as visitas técnicas muitas ansiedades afetam a todos: aos jovens, à equipe técnica, à ONG... É importante deixar bem claro às ONGs que a visita técnica é uma estratégia de formação e acompanhamento e não de fiscalização e avaliação.

Se necessário, proponha a realização de alguma atividade de apresentação, algo lúdico e descontraído, para criar uma atmosfera de aproximação entre jovens e equipe técnica. A atividade abaixo é uma proposta de aquecimento:

- Solicite aos jovens que escolham uma produção que “fale” sobre sua experiência no PJU;
- Divida-os aleatoriamente em aproximadamente seis subgrupos: nos subgrupos cada jovem deverá expor os motivos de sua escolha. Cada subgrupo deverá organizar uma forma de apresentação que contemple todas as escolhas;
- Após a exposição de todos os subgrupos, abra para considerações e questões, aproveitando para conversar a respeito do Programa como um todo: explorações, experimentações, recomendações e sugestões etc.
- Após, proponha que o educador retome o trabalho que já havia planejado e peça permissão para que participem como observadores da atividade.

Terminado o encontro com os jovens, realiza-se uma reunião com o coordenador e os educadores, no qual se discute pauta relativa às demandas e necessidades específicas do momento no qual se encontra o Programa.

#### Um exemplo de pauta:

- Adesão dos jovens (sentido para os jovens e implicação dos mesmos nas ações propostas);
- Esclarecimentos referentes ao registro e envio de informações gerenciais: saída de jovens, explorações, frequência etc;
- Assuntos específicos<sup>1</sup> e outros assuntos pautados pela organização.

<sup>1</sup> Os assuntos específicos estarão contidos no dossiê de cada ONG. Este dossiê é preparado a partir da leitura e análise dos planejamentos e registros de cada ONG.

Registro: Segue abaixo o Instrumental de Registro para a Visita Técnica. O preenchimento de tal instrumental deve ser realizado tendo em vista:

- Impressões dos jovens sobre o PJU
- Demandas que possam se converter em recomendações ao Programa

## **INSTRUMENTAL DE REGISTRO DE VISITA TÉCNICA**

ONG: \_\_\_\_\_

Visitadores: \_\_\_\_\_

Número de Jovens presentes: \_\_\_\_\_

Grupo (manhã ou tarde) \_\_\_\_\_

### 1. Considerações:

- a) Práticas (atividades) desenvolvidas;
- b) Relação Educador/jovens
- c) Relação Jovens/jovens
- d) Relação PJU e ONG

### 2. Produção:

- a) Qual o tipo (vídeo, cartaz, fotos, mapas etc)
- b) Formas de registros (caderno, diário, pastas)
  - Jovens
  - Educador

### 3. Exploração e Experimentação

- a) Participação dos jovens
- b) Considerações dos jovens

### 4. Outras considerações relevantes:

---

---

---

---

## ANEXO 13

### ORIENTAÇÕES GERAIS PARA A REALIZAÇÃO DAS EXPLORAÇÕES CARTOGRÁFICAS

#### Contextualização

A exploração cartográfica é uma das mais importantes estratégias de formação desenvolvidas no Programa Jovens Urbanos.

A realização das explorações exige planejamento e atenção. Neste anexo, seguem algumas orientações importantes para educadores planejarem e executarem as explorações cartográficas.

É muito importante que os jovens assumam a postura de cartógrafos nas explorações cartográficas. Nesse sentido, devem afastar-se da posição de turistas, de meros visitantes ou de consumidores da cidade. Além disso, a cartografia:

... se afasta daquelas políticas de investigação que visam apreender informações dispostas no mundo (coleta ou associação cumulativa de dados). Também se afasta das políticas de investigação que se propõem a interpretar ou explicar parcelas do mundo cumprindo etapas e regras rigorosas, abrindo possibilidades de exercício de investigação urbana para além e aquém do escopo e status acadêmico strictu sensu. De uma forma especial, essa perspectiva conceitual, descentraliza a ação investigativa como monopólio de instituições acadêmicas ou especializadas em pesquisas, para expandir a possibilidade do ato investigativo a grupos com perspectivas outras: abertas a experimentar um território e disponíveis a construir conhecimentos de um território no próprio percurso experimental.

Recusando essas políticas, o que se almeja nessa cartografia é fundamentalmente a experimentação do território, a abertura para o encontro. Longe da divisão entre o útil e o inútil, entre o bom e o ruim, o cartógrafo tem no território inicialmente apenas um espaço, uma nova possibilidade.

*(Cultura e subjetividade na juventude. Núcleo de Pesquisa do Programa Jovens Urbanos1)*

1 CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. Cadernos CENPEC: Juventudes Urbanas, ano 3. n. 05, São Paulo, 1º semestre de 2008, p. 46-59.

# PLANEJANDO A EXPLORAÇÃO CARTOGRÁFICA

## 1ª PASSO: PREPARANDO O OLHAR CARTÓGRAFO

### O que queremos olhar no território?

O grupo deverá elaborar perguntas orientadoras que serão “os óculos” da exploração.

Por exemplo, se o território for o mundo do trabalho, o grupo poderá eleger um tema como Trabalhadores da cultura. A partir deste tema poderão elaborar perguntas como:

Que tipo de profissionais existem num Centro de Cultura? E num museu? E numa livraria? Quais as formações destes profissionais? Que funções eles exercem?

A partir da definição das questões orientadoras o grupo fará a seleção dos lugares, equipamentos e instituições que serão exploradas, assim como o desenho do percurso.

### Como iremos olhar?

O grupo também definirá se serão realizadas entrevistas. Neste caso será preciso definir quais e quantas pessoas serão entrevistadas. Também será preciso elaborar um roteiro de entrevistas.

## 2ª PASSO: PREPARANDO A EXPLORAÇÃO CARTOGRÁFICA

Abaixo, uma possibilidade de formação do grupo na qual os integrantes se organizam como se estivessem num navio, numa expedição para conhecer e conquistar novos territórios:

### 1- Cartógrafos “escribas”:

**Antes** – Estudam o roteiro de entrevista, testam os equipamentos.

**Durante** – Realizam as entrevistas. São responsáveis, também, pelas fotos e filmagens.

**Depois** – Selecionam e organizam as melhores fotos e trechos da entrevista. Fazem, também, a transcrição das entrevistas e edição das imagens.

### 2- Cartógrafos “timoneiros”:

**Antes** – Tomam as providências necessárias para viabilizar a exploração: marcam hora com instituições, marcam as entrevistas, etc. Providenciam recursos para deslocamento (transporte) e os equipamentos necessários: máquina fotográfica, gravador, câmera filmadora, pranchetas, canetas, papéis etc.

**Durante** – Ficam atentos aos horários; ao cumprimento de todo o trajeto previsto; à realização das entrevistas/questionário e outras ações planejadas.

**Depois** – Cuidam dos agradecimentos aos entrevistados, aos lugares/ instituições exploradas, da devolutiva dos equipamentos (caso tenham sido emprestados).

### 3. Cartógrafos “batedores”:

**Antes** – Recolhem informações a respeito da história dos lugares e instituições que serão explorados.

**Durante** – Checam informações e recolhem outros dados que complementem a pesquisa feita anteriormente.

**Depois** – Registram, organizam, selecionam as informações coletadas.

### 4. “Cartógrafos piratas”:

**Antes:** Dão apoio e suporte aos cartógrafos “batedores” e aos “timoneiros”.

**Durante** – Prestam atenção, tanto nos percursos, como nas instituições, em detalhes que escapam, em acontecimentos inusitados. Seu papel é captar discursos, fatos, comportamentos inesperados, insólitos, enfim, tudo aquilo que desperta a curiosidade, a surpresa e pode ser conteúdo de discussão, de reflexão sobre o território em questão. Inclusive, podem ater-se, também, ao próprio funcionamento do grupo durante a exploração – reações, comportamentos, decisões etc.

**Depois** – Registram os acontecimentos, por meio de desenho ou texto escrito, os detalhes, enfim, o que chamou a atenção e passou despercebido aos outros companheiros cartógrafos.

## 3º PASSO: REGISTRANDO A EXPLORAÇÃO CARTOGRÁFICA

Tão vital quanto a preparação da exploração, são as formas de registro da cartografia já que o cartógrafo:

*“serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme, quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia.”*

*(Suely Rolnik, Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo)*

Registros escritos, fotos, desenhos, imagens, gravações são as matérias-primas da cartografia – insumos para a elaboração dos mapas cartográficos. Para essa empreitada os jovens vão precisar de alguns recursos materiais como pranchetas, gravadores, mapas, canetas, papel, máquinas fotográficas e filmagem etc.

## TEXTO DE APOIO

### COMO REALIZAR BOAS ENTREVISTAS?

Uma atividade de entrevista começa com uma conversa sobre quem queremos entrevistar e por quê. Por exemplo, há muitas pessoas na comunidade que são reconhecidas pelos mais diferentes motivos: porque cozinham bem, porque gostam de contar histórias, porque trabalham em algo interessante etc. Nesse momento é importante que os jovens escolham livremente seus entrevistados, expliquem os motivos da sua escolha e contem de que maneira pretendem falar com eles para marcar a entrevista.

- Se no grupo houver pessoas com dificuldades de escrita, podem organizar a entrevista em dupla, contando com a ajuda daqueles que têm mais facilidade. Mas isso não impede que se façam registros por meio de desenhos que ajudem a colocar as informações no papel mais tarde, com o auxílio do educador. Uma outra possibilidade é gravar a entrevista para tomar notas depois.
- Depois de escolhido o entrevistado, o grupo pode criar um convite por escrito, com informações como: data, hora, local, finalidade da entrevista, nome dos entrevistadores etc.



- Antes do dia combinado, é preciso escrever um roteiro, um conjunto de perguntas que consideram importantes que sejam feitas ao entrevistado. Esse é um momento essencial para exercitar a escrita daquilo que se imagina, de colocar uma idéia, uma fala, no papel.
- Se a atividade for feita em duplas, é bom combinar quem fica responsável pelas perguntas e pelas anotações. Durante a entrevista, pode acontecer de o entrevistado abordar uma questão que não tinha sido colocada no roteiro. É importante levá-la em conta.
- A entrevista é também um exercício de ouvir o outro. Por isso, o entrevistador deve mostrar interesse pelo que está sendo falado, puxar novas perguntas de maneira que o entrevistado fique à vontade para falar e se sinta valorizado. É importante que o entrevistador não fique excessivamente “preso” ao roteiro, que tenha flexibilidade para acompanhar novos temas, se eles forem pertinentes.
- Ao final, todas as informações colhidas na entrevista precisam ser organizadas. Nesse momento, a redação pode ser feita de maneira coletiva, levando em conta as impressões e anotações de todos que participaram da entrevista, mesmo aqueles com dificuldade de escrita. Esse é o momento de se preocupar com a grafia correta das palavras e produzir uma versão que fique como referência para o grupo.
- Lembre-se de que o grupo deve fazer um agradecimento para o entrevistado, por meio da fala de jovem, por carta ou oferecendo uma obra artística realizada pelo grupo.
- Se a razão desta atividade tem a ver com um tema a ser trabalhado por você, discuta o conteúdo das entrevistas para que possam contribuir para um maior conhecimento do assunto.

## **DESDOBRAMENTOS**

Pode-se exercitar a linguagem oral retomando várias vezes uma mesma conversa, prestando atenção nos elementos que ela traz, como se desenvolve, etc. Isso pode ser feito gravando-se uma conversa entre os próprios jovens que se entrevistam uns aos outros, ou observando jornalistas e atores em eventos comunicativos.

Em ambos os casos, deve-se chamar a atenção para a maneira como o entrevistador recebe o entrevistado; como faz as perguntas; como comenta; quais os pontos em que os debatedores concordam e discordam; qual o papel do entrevistador nessa situação; como ele garante que todos falem sobre suas idéias e como lida com os conflitos.

A análise das entrevistas não deve se prender ao conteúdo do programa, mas abranger, principalmente, a forma de comunicação, pois o objetivo desta atividade é analisar e compreender de que maneira as pessoas estão fazendo uso da linguagem oral. Esse tipo de atividade prepara os jovens para exercer crítica sobre os meios de comunicação, como televisão, rádio e jornal; para desenvolver sua capacidade de argumentação e desenvoltura em situações comunicativas.

*(Fonte: CENPEC. Diálogo e Ação. Vol. 02 p. 18 e 19, São Paulo, 2002)*

# ANEXO 14

## MATRIZ DE MONITORAMENTO

### Contextualização

A matriz de monitoramento foi criada para aprimorar a coleta e análise de dados de maneira a complementar o trabalho já realizado por meio do SIMA.

Neste anexo, apresentamos instrumentais e procedimentos de coleta e análise de dados

### COLETA E ANÁLISE DE DADOS

- Os técnicos devem coletar dados sempre que houver uma atividade contemplada na Matriz de Monitoramento;
- Recomenda-se que na 1ª semana de cada mês os técnicos consolidem os dados coletados sob sua responsabilidade no mês anterior (dados referentes às atividades pontuais e/ou contínuas);
- Mensalmente, os técnicos devem analisar os dados obtidos e traçar suas estratégias para os casos nos quais os índices definidos não sejam atingidos;
- Mensalmente, os resultados dos indicadores são discutidos conjuntamente em reunião da equipe técnica;
- A equipe técnica fica responsável pela análise qualificada dos dados e informações coletadas;
- A Matriz de Monitoramento contendo todos os indicadores previstos é mostrada no corpo do documento.

### INSTRUMENTAIS DE GERENCIAMENTO

#### INSTRUMENTAL 1 - PROCEDIMENTOS DE ACOMPANHAMENTO DA GESTÃO

Planilha onde é alocada a quantidade de eventos de acompanhamento da gestão realizados (reuniões de dirigentes, reuniões do comitê executivo, conselhos de acompanhamento e auditagens técnicas) e o monitoramento dos respectivos participantes em cada evento, por ONG ao longo do tempo.

#### INSTRUMENTAL 2 - ROTATIVIDADE

Instrumental de registro da rotatividade dos jovens no período considerado de adesão dos jovens.

Durante este período, o jovem que declarar seu desligamento ou não comparecer à convocatória inicial da ONG, sem justificativa, deverá ser substituído por outro jovem habilitado e registrado na lista de espera da ONG. A equipe técnica enviará o nome do novo participante.

Para receber o nome do substituto os profissionais da ONG devem entrar em contato com o jovem que declarou seu desligamento e/ou não compareceu no prazo estipulado pela ONG para atender a convocatória, encaminhando para a equipe técnica documento informando os motivos da não adesão e solicitando a reposição de nome para composição do grupo de jovens.

O instrumental de rotatividade deve sistematizar a informação sendo possível identificar o jovem desligado e o motivo pela não adesão, assim como o novo jovem substituto. A categorização dos principais motivos de não adesão nos seguintes tópicos é um facilitador da sistematização:

1. Problemas no cadastrado para o recebimento do benefício público;
2. Não comparecimento a convocatória inicial da ONG;
3. Desinteresse pelo programa (pela proposta e/ou atividades do PJU);
4. Inserção no mercado de trabalho;
5. Mudança de bairro ou cidade;
6. Outro motivo » Qual.

Buscando a qualificação destes dados, o motivo 4 (Inserção no mercado de trabalho) está tipificado nas seguintes subcategorias:

1. Assalariado com carteira assinada » Ocupação
- 2- Assalariado sem carteira assinada » Ocupação
- 3- Assalariado com carteira assinalada na condição de aprendiz » Ocupação
- 4- Trabalhador informal » Ocupação
- 5- Estagiário » Ocupação

Essas subcategorias devem ser abertas no descritivo da atividade realizada pelo jovem (ocupação). Já a categoria 6 (Outro motivo » Qual) deve ser aberta no descritivo do principal motivo pela não adesão do jovem ao programa.

### **INSTRUMENTAL 3 - SAÍDAS JOVENS**

Instrumental de registro das saídas dos jovens. Os dados quantitativos são acompanhados da qualificação das saídas, permitindo assim o levantamento total de evasões, a evolução das saídas ao longo do programa e os respectivos motivos.

Assim como no instrumental de rotatividade, a organização das informações das saídas deve permitir a sistematização das mesmas. Neste sentido, deve ser devidamente registrado o motivo de desligamento do jovem do programa conforme as seguintes categorias:

1. Inserção no mercado de trabalho;
2. Desinteresse pelo programa (pela proposta e/ou atividades do PJU);
3. Mudança de bairro ou cidade;
4. Falecimento;
5. Outro motivo » Qual.

O motivo 1 (Trabalho) deve ser tipificado nas seguintes subcategorias:

1. Assalariado com carteira assinada » Ocupação
- 2- Assalariado sem carteira assinada » Ocupação
- 3- Assalariado com carteira assinalada na condição de aprendiz » Ocupação
- 4- Trabalhador informal » Ocupação
- 5- Estagiário » Ocupação

Essas subcategorias devem ser abertas no descritivo da atividade realizada pelo jovem (ocupação). Já a categoria 5 (Outro motivo » Qual) deve ser aberta no descritivo do principal motivo pelo desligamento do jovem.

#### **INSTRUMENTAL 4 - ROTATIVIDADE PROFISSIONAIS**

Instrumental de registro da rotatividade dos profissionais ao longo do programa. Os dados quantitativos referentes à rotatividade dos profissionais são acompanhados dos motivos, que devem seguir as seguintes categorias:

1. Conseguiu outro trabalho
2. Baixa remuneração
3. Mudança de bairro ou cidade
4. Falecimento
5. Outro motivo » Qual.

#### **INSTRUMENTAL 5 - PARCEIROS INSTITUCIONAIS E TECNOLÓGICOS**

Planilha contendo a caracterização dos parceiros institucionais e tecnológicos mobilizados no programa.

#### **INSTRUMENTAL 6 - ASSESSORES TECNOLÓGICOS**

Planilha com informações referentes às oficinas disponibilizadas pelos assessores tecnológicos do programa. As informações são organizadas em função da tipologia, nome da oficina, número de jovens participantes, horário e local de realização (previsão), número de encontros e contato.

### ***INSTRUMENTAIS DE FORMAÇÃO***

#### **INSTRUMENTAL 7 - PLANEJAMENTOS E REGISTROS**

Instrumental de controle quantitativo dos planejamentos e registros elaborados pelos profissionais das ONGs executoras durante os meses de formação. O controle é feito através de uma previsão inicial do número de planejamentos e registros que cada ONG deve realizar.

#### **INSTRUMENTAL 8 - ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS**

Planilha onde é alocada a quantidade de procedimentos de formação dos profissionais das ONGs executoras (visitas técnicas, encontros de formação inicial, encontros regionais e encontros gerais) e o monitoramento dos respectivos participantes nos encontros regionais e gerais, por ONG ao longo do tempo.

#### **INSTRUMENTAL 9 - AMOSTRAGEM VISITAS TÉCNICAS**

Instrumental construído para fornecer uma amostragem mensal do número de jovens que estão efetivamente frequentando as atividades oferecidas pelas ONGs.

Este instrumental apresenta a quantificação dos jovens a partir da atualização das saídas nas ONGs, ou seja, o universo de análise de cada ONG é composto por 60 jovens iniciais menos os jovens que escolheram sair do programa por diferentes razões.

#### **INSTRUMENTAL 10 - EXPLORAÇÕES E EXPERIMENTAÇÕES (CENPEC)**

Planilha onde devem ser alocada a quantidade de explorações e experimentações realizadas por assessor/ parceiro e por região.

## INSTRUMENTAL 11 - LISTA DE PARTICIPAÇÃO

Ferramenta que visa controlar o índice de participação dos jovens nas diferentes experimentações e explorações mobilizadas pelo programa. Para além do controle da presença dos jovens, o instrumental prevê o gerenciamento de diferentes dimensões que compõem os processos de experimentações e explorações no que diz respeito ao número de encontros oferecidos, número de jovens inscritos e índice de participação, através da comparação entre planejado e realizado. Cabe ressaltar que o instrumental incorpora o custo das atividades permitindo aferir seu grau de eficiência (recurso financeiro).

## INSTRUMENTAL 12 - EXPLORAÇÕES (ONGS)

Instrumental onde devem ser alocadas as explorações (vistas) mobilizadas pelas ONGs durante o processo formativo.

## INSTRUMENTAL 13 - ENCONTROS PÚBLICOS E PRODUÇÕES

Planilha onde deve ser alocada a quantidade de encontros públicos realizados, assim como uma relação dos produtos publicizados apresentando a ONG, a turma, o tipo de produção, o título e uma síntese da produção.

## INSTRUMENTAL 14 - PROJETOS JOVENS

Instrumental de controle dos projetos elaborados pelos jovens onde deve ser possível contemplar a tipologia dos projetos, a participação dos jovens, os projetos contemplados em concursos, assim como acompanhar as assessorias disponibilizadas para os projetos.

## MATRIZ DE MONITORAMENTO

### GERENCIAMENTO

INDICADOR (EFICÁCIA)	ÍNDICE	META	MESES	INSTRUMENTAL	Nº	
Acompanhamento da gestão	Reunião de dirigentes	Nº reuniões	> = 5	5º ao 14º	Procedimentos de Acompanhamento da Gestão	1
	Reunião do comitê executivo	Nº reuniões	> = 10			
	Conselho de acompanhamento	Nº conselhos	> = 2			
	Auditagem técnica às ONGs	Nº auditagens	> = 1			
Adesão dos jovens ao Programa (rotatividade)	% adesão		5º ao 7º	Rotatividade	2	
Permanência dos jovens ao longo da formação	% permanência	> = 75%	5º ao 14º	Saídas Jovens	3	
Participação dos jovens no período de acompanhamento	% participação	> = 50%	15º ao 20º	Saídas Jovens (Evolução)	4	
Rotatividade dos profissionais ao longo da formação	% rotatividade	< = 25%	4º ao 14º	Rotatividade Profissionais Rotatividade Profissionais (Evolução)	5	
Parcerias institucionais e tecnológicas	Nº parceiros		1º ao 20º	Parceiros Institucionais e Tecnológicos	7	
Assessorias tecnológicas	Nº assessores		5º ao 14º	Assessores Tecnológicos	8	

## FORMAÇÃO

	INDICADOR (EFICÁCIA)		ÍNDICE	META	MESES	INSTRUMENTAL	Nº
Profissionais	Cumprimento dos planejamentos e registros		% desvio	0%	5º ao 14º	Planejamentos e Registros	9
	Estratégias de formação	Visitas técnicas às ONGs	Nº visitas / ONG	> = 9	4º ao 14º	Estratégias de Formação dos Profissionais	10
		Encontros de formação inicial	Nº encontros	> = 11			
		Encontros regionais	Nº encontros	> = 8			
		Encontros gerais	Nº encontros	> = 3			
Jovens	Formação dos jovens nas ONGs		Horas de formação		5º ao 14º	Amostragem Visitas Técnicas	11
	Acompanhamento das explorações e experimentações		Nº explorações / jovem		5º ao 14º	Explorações e Experimentações	12
			Nº experimentações / jovem			Lista de Participação	13
	Explorações mobilizadas pelas ONGs		Nº explorações		5º ao 14º	Explorações (ONGs)	14
	Acompanhamento das produções		Nº e tipologia das produções		5º ao 14º	Encontros Públicos e Produções	15
	Organização de encontros públicos nas localidades		Nº encontros / território	> = 3			
Projetos Jovens	Projetos Jovens elaborados		Nº Projetos / tipologia	> = 16	5º ao 20º	Projetos Jovens	16
	Participação dos jovens na execução dos Projetos		% participação	> = 50%			
	Assessorias tecnológicas		Nº assessores				
	Projetos Jovens contemplados em concursos		Nº de Projetos				